

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM EDUCAÇÃO FÍSICA UEM/UEL

WILLIAM FERNANDO GARCIA

**ANÁLISE DAS CAPACIDADES
COGNITIVAS, EMOCIONAIS E DA
TOMADA DE DECISÃO DE ATLETAS
DE FUTSAL**

Maringá
2011

WILLIAM FERNANDO GARCIA

**ANÁLISE DAS CAPACIDADES
COGNITIVAS, EMOCIONAIS E DA
TOMADA DE DECISÃO DE ATLETAS DE
FUTSAL**

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa Associado
de Pós-Graduação em Educação
Física – UEM/UEL, para obtenção do
título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Lenamar Fiorese Vieira

Maringá
2011

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

G216a Garcia, William Fernando
Análise das capacidades cognitivas, emocionais e da tomada de decisão de atletas de futsal / William Fernando Garcia. -- Maringá, 2011.
iii-xvii, 134 f. : il. col., figs., tabs., quadro + apêndices

Orientador: Profa. Dra. Lenamar Fiorese Vieira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Educação Física, Programa de Associado de Pós-Graduação em Educação Física UEM/UEL, 2011.

1. Futsal. 2. Futsal - Esporte. 3. Futsal - Capacidades cognitivas. 4. Futsal - Capacidades emocionais. 5. Futsal - Tomada de decisão. I. Vieira, Lenamar Fiorese, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências da Saúde. Departamento de Educação Física. Programa de Associado de Pós-Graduação em Educação Física UEM/UEL. III. Título.

CDD 21.ed. 796. 334

WILLIAM FERNANDO GARCIA

**ANÁLISE DAS CAPACIDADES
COGNITIVAS, EMOCIONAIS E DA TOMADA
DE DECISÃO DE ATLETAS DE FUTSAL**

Dissertação apresentada à
Universidade Estadual de Maringá,
como parte das exigências do Programa
de Pós-Graduação Associado em
Educação Física – UEM/UEL, na área
de concentração em Estudos do
Movimento Humano, para obtenção do
título de Mestre.

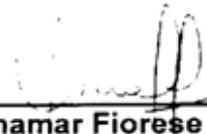
APROVADA em 25 de fevereiro de 2011.



Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento



Prof. Dr. Pedro Paulo Deprá



Profa. Dra. Lenamar Fiorese Vieira
(Orientadora)

Dedicatória

Dedico este trabalho à todas as pessoas que acreditaram em mim e me apoiaram incondicionalmente até chegar aqui, em especial meus pais e meu irmão, à Gabriela, e, a todos os meus familiares e amigos que me incentivaram nessa trajetória.

Agradecimentos

Ao final deste trabalho, gostaria de agradecer a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, bem como a todos que contribuíram para meu crescimento acadêmico, científico e profissional durante estes dois anos.

À Universidade Estadual de Maringá, pelo ensino de qualidade e referência na formação acadêmica e profissional, ao Programa de Pós Graduação em Educação Física Associado UEM/UEL, pela oportunidade de ter desenvolvido meus estudos, bem como pela estrutura e suporte fornecidos.

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Lenamar Fiorese Vieira, pela dedicação e excelência em ensinar, orientar e pelo exemplo acadêmico a ser seguido. Pela oportunidade concedida em fazer parte do programa de mestrado como seu orientando.

À todos os professores do Programa, especialmente aqueles que contribuíram diretamente na minha formação durante co-orientações e no cumprimento dos créditos.

À Federação Paranaense de Futsal, em especial à todos os clubes que autorizaram a realização da pesquisa e que contribuíram de forma significativa para meu trabalho.

Aos mestrandos e amigos que fizeram parte do processo comigo, que me auxiliaram e que convivemos trocando experiências, Juliana, Paulo, José Roberto, Fernanda, Mara, César, Mirieli, Luana e também ao Ms. João Ricardo.

Aos meus pais Joaquim e Marlene e ao meu irmão Fábio por não medirem esforços para fornecer-me todo o apoio desde o primeiro ano escolar até o presente dia.

À minha namorada Gabriela por todo o auxílio, principalmente com a Língua Inglesa, e por toda compreensão e apoio solicitado neste tempo.

À Deus pela minha saúde física, mental e inteligência concedida, pelas oportunidades de cada dia, pelas pessoas que me acompanharam e pelas bênçãos e graças derramadas neste trabalho.

GARCIA, William Fernando. **Análise das capacidades cognitivas, emocionais e da tomada de decisão de atletas de futsal.** 2011. 152f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar as capacidades cognitivas e emocionais em relação à tomada de decisão de jogadores de futsal do estado do Paraná. Foram sujeitos do estudo 114 atletas de futsal do sexo masculino das três divisões do Campeonato paranaense de Futsal. Como instrumentos foram utilizados o Protocolo de Avaliação do Conhecimento Declarativo no Futebol, o Questionário de Estilo de Tomada de Decisão no Esporte e uma entrevista semi-estruturada. Para análise dos dados qualitativos utilizou-se a análise de conteúdo do tipo categorial, para os dados quantitativos foram utilizados: o teste Qui-Quadrado para Tendências, Regressão de Poisson com ajuste robusto de variância, Teste de Homogeneidade das variâncias, ANOVA, teste de Tukey, teste Box's M Test e MANOVA. Os resultados evidenciaram: Na subteoria contextual, os atletas utilizaram como estratégias inteligentes de adaptação o relacionamento interpessoal com atletas e comissão técnica, a estratégia de seleção de um novo ambiente ocorreu devido à dificuldade de relacionamento com a equipe e a modelagem de comportamento ocorreu através de resoluções dos conflitos com diálogo entre a equipe; na subteoria experiencial, o comportamento inteligente centrou-se na facilidade e no interesse pelo aprendizado, além das estratégias de repetição de tarefas buscando automatização; na subteoria componencial, os comportamentos inteligentes foram identificados mediante a dificuldade em explicar como ocorre a tomada de decisão em detrimento às estratégias de aprendizagem implícita; como componentes de desempenho e de aquisição de conhecimentos, as estratégias de recordar outras jogadas executadas no passado, assistir jogos e vídeos e o relacionamento com atletas mais experientes explicitaram o comportamento inteligente. Na capacidade tática de tomada de decisão, os atletas mais jovens (18-22 anos) apresentaram prevalência (RP=1,23) de tomar piores decisões quando comparados com atletas mais experientes (28-40 anos); em relação ao nível técnico observou-se que os atletas que já haviam sido convocados para a seleção brasileira apresentaram prevalência (RP=4,01) de tomar melhores decisões quando comparados com atletas que ainda não haviam sido convocados; no estilo de tomada de decisão, evidenciou-se que o compromisso com a aprendizagem foi o mais adotado ($p \leq 0,01$); seguido pela competência decisional percebida ($p \leq 0,01$); em relação ao nível técnico não foi possível observar diferença estatisticamente significativa para o estilo de tomada de decisão ($p < 0,05$), da mesma forma a capacidade tática de tomada de decisão não apresentou associação com o estilo de tomada de decisão. Assim conclui-se: o contexto esportivo, a experiência em realização de tarefas, os componentes de processamento de informação e o compromisso com a aprendizagem, foram capacidades cognitivas e emocionais que

demonstraram ser elementos intervenientes na tomada de decisão de atletas de futsal do estado do Paraná.

Palavras-Chave: Esporte. Tomada de decisão. Capacidades cognitivas. Emoção.

GARCIA, William Fernando. **Analysing the emotional, cognitive abilities and decision making of futsal athletes**. 2011. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

ABSTRACT

The aim of this study was to analyzing cognitive and emotional abilities about decision making of futsal players from Parana. It was studied 114 male futsal athletes of three divisions from Paranaense's Futsal Championship. It was used as instruments the Evaluation of Declarative Knowledge on Soccer Protocol, the Style of Decision making in Sport Questionnaire and a semi-structured interview. Data collections were made in each city investigated through scheduled time with coaches. It was used the analysis of categorical content to analyze qualitative data, on the other hand, to analyze quantitative data it was used: the Chi-Square for Tendency Test, the Poisson Regression with robust adjust of variance, the Variance's Homogeneity Test, the ANOVA Test, the Tukey Test, the Box's M Test, the MANOVA Test. The results has shown: According to contextual subtheory, athletes used as intelligent strategy of adaption the interpersonal relationship between athletes and coaches, the selection of a new environment strategy occurred because of team's relationship difficulties and the behavior modeling occurred through conflict's resolution with conversation between the team; at experiential subtheory, the intelligent behavior was at interests and abilities to knowledge, beyond tasks repetition strategy for automation; at componential subtheory, intelligent behavior was identified by the difficulty in explaining how decision making occurs in spite of implicit learning; as performance and acquisition knowledge components, remembering another plays in the past, watching games and videos and relationship between athletes and more experienced athletes has shown the intelligent behavior. Regarding the ability of decision making tactic, younger athletes (18-22 years) showed prevalence (RP=1,23) to make worst decisions when compared to more experienced athletes (28-40 years); analyzing the technique level it was observed that those athletes who were called for Brazilian team showed prevalence (RP=4,01) to make better decisions when compared to athletes who haven't been called yet; in relation to the decision making style, it was observed that the learning commitment was the most widely adopted ($p \leq 0,01$); decisional competence realized was the second more adopted behavior ($p \leq 0,01$); in relation to key dispute it was not possible to observe any difference statistically significant to decision making style ($p < 0,05$), in the same way decision making tactical ability has not shown any association with decision making style. Thus concludes: The sports context, experience in making tasks, knowledge process components and the learning commitment, was cognitive and emotional abilities that was demonstrated as important elements of decision making of the futsal athletes from Paraná.

Keywords: Sport. Decision making. Cognitive Abilities. Emotion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Fluxograma do modelo de pesquisa que foi adotado para o estudo.....	42
Figura 2 -	Distribuição da amostra do estudo das equipes de futsal de acordo com a série de disputa do Campeonato Paranaense de Futsal.....	45
Figura 3 -	Fluxograma proposto para a coleta de dados da Teoria Triárquia para os atletas de futsal.....	48
Figura 4 -	Fluxograma proposto para a coleta de dados da subteoria contextual dos atletas de futsal.....	49
Figura 5 -	Fluxograma proposto para a coleta de dados da subteoria experiencial para os atletas de futsal.....	50
Figura 6 -	Fluxograma proposto para a coleta de dados da subteoria componencial para os atletas de futsal.....	51

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Descrição das variáveis e categorias adotadas para a análise dos dados.....	54
Quadro 2 - Freqüência e percentual dos elementos de adaptação, seleção e modelagem referente à subteoria contextual dos atletas de futsal.....	57
Quadro 3 - Freqüência e percentual dos elementos de novidade da tarefa e automatização da subteoria experiencial dos atletas de futsal.....	64
Quadro 4 - Freqüência e percentual dos metacomponentes, componentes de desempenho e componentes de aquisição de conhecimentos da subteoria componencial dos atletas de futsal.....	70
Quadro 5 - Relação entre as capacidades cognitivas, emocionais e a tomada de decisão dentro do contexto esportivo.....	84

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Perfil geral dos atletas dispostos em suas respectivas chaves de disputa do Campeonato Paranaense.....	56
Tabela 2 -	Comparação do estilo de tomada de decisão (CETD) em cada uma das chaves e entre as chaves do campeonato paranaense de futsal.	75
Tabela 3 -	Comparação da capacidade de tomada de decisão tática entre as chaves de disputa, a idade e o nível técnico.....	76
Tabela 4 -	Associação entre capacidade de tomada de decisão tática e chaves de disputa e experiência (idade).....	78
Tabela 5 -	Associação entre a capacidade de tomada de melhor decisão tática e o nível técnico dos atletas.....	80
Tabela 6 -	Associação entre as capacidades cognitivas, emocionais e a tomada de decisão.....	82

LISTA DE ANEXOS E APÊNDICES

ANEXO A -	Protocolo De Avaliação Do Conhecimento Declarativo no Futebol.....	121
ANEXO B-	Questionário de Estilo de Tomada de Decisão no Esporte (CETD).....	123
APÊNDICE A -	Ficha de identificação do atleta.....	127
APÊNDICE B -	Matriz analítica da entrevista semi-estruturada.....	128
APÊNDICE C -	Roteiro para a entrevista semi-estruturada.....	129
APÊNDICE D -	Termo de consentimento livre e esclarecido dos sujeitos.....	130
APÊNDICE E -	Associação entre a capacidade de tomada de pior decisão e o nível técnico dos atletas.....	131
APÊNDICE F -	Parecer do comitê permanente de ética em pesquisas envolvendo seres humanos da Universidade Estadual de Maringá	132

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CCS	Centro de Ciências da Saúde
CEFE	Centro de Educação Física e Esporte
CETD	Questionário de Estilo de Tomada de Decisão no Esporte
CT	Centro de Treinamento
DEF	Departamento de Educação Física
FCDEF	Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – Portugal
QI	Quociente de Inteligência
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEM	Universidade Estadual de Maringá

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	01
1.1 Caracterização do tema	01
1.2 Justificativa	04
1.3 Hipótese conceitual	06
1.4 Delimitação da pesquisa	06
1.5 Limitação das questões pesquisadas	06
1.6 Definição de termos	06
2 OBJETIVOS	08
2.1 Objetivo Geral	08
2.2 Objetivos Específicos	08
3 REVISÃO DA LITERATURA	09
3.1 Teoria Triárquica da Inteligência	09
3.1.1 Subteoria Contextual.....	11
3.1.2 Subteoria Experiencial.....	13
3.1.3 Subteoria Componencial.....	16
3.2 Tomada de decisão	19
3.2.1 Definições básicas.....	20
3.2.2 Investigações sobre tomada de decisão no esporte.....	23
3.2.3 Teorias e modelos fundadores da tomada de decisão em esportes.....	25
3.2.3.1 Teorias cognitivistas.....	25
3.2.3.2 Teorias ecológicas.....	26
3.2.4 Modelos fundadores da tomada de decisão em esportes.....	27
3.3 Aspectos intervenientes na capacidade de tomada de decisão	29
3.3.1 Competência decisional percebida.....	31
3.3.2 Ansiedade e medo.....	33
3.3.3 Compromisso com a aprendizagem.....	37
4 MÉTODOS	41
4.1 Caracterização do estudo	41
4.2 Modelo de pesquisa	41

4.3 Sujeitos do estudo	43
4.3.1 População alvo.....	43
4.3.2 Amostra.....	43
4.3.3 Amostra estratificada.....	44
4.4 Instrumentos	45
4.4.1 Ficha de identificação do atleta.....	45
4.4.2 Testes psicométricos.....	45
4.4.3 Entrevistas semi-estruturadas.....	47
4.5 Coleta de dados	52
4.5.1 Aplicação dos testes psicométricos.....	52
4.5.2 Coleta das entrevistas semi-estruturadas.....	52
4.6 Análise dos dados	53
4.6.1 Variáveis do estudo.....	54
5 RESULTADOS	55
5.1 Capacidades cognitivas no contexto esportivo do futsal	55
5.2 Caracterização da competência decisional percebida, ansiedade e medo e compromisso com a aprendizagem entre as chaves	75
5.3 Capacidade de tomada de decisão tática dos atletas de futsal	76
5.4 Associação da capacidade de tomada de decisão com o estilo de tomada de decisão e capacidades cognitivas utilizadas no contexto do futsal	81
6 DISCUSSÕES	86
6.1 Capacidade de adaptação ao contexto, de relacionamento com a novidade e a automatização, e, as estratégias utilizadas para o processamento da informação	86
6.1.1 Capacidade de adaptação referente à subteoria Contextual.....	86
6.1.2 Capacidade de relacionamento com a novidade e automatização referente à subteoria Experiencial.....	89
6.1.3 Capacidade de processamento da informação referente á subteoria Componencial.....	91
6.2 Caracterização da competência decisional percebida, ansiedade e medo e compromisso com a aprendizagem entre as chaves	94
6.2.1 Estilo de tomada de decisão considerando a Chave do Campeonato Paranaense de Futsal.....	94
6.2.2 Estilo de tomada de decisão entre as chaves do Campeonato paranaense de Futsal.....	96
6.3 Capacidade de tomada de decisão tática dos atletas de futsal	98
6.3.1 Tomada de decisão em relação às chaves.....	99

6.3.2 Tomada de decisão em relação à idade.....	101
6.3.3 Tomada de decisão em relação ao nível técnico.....	103
6.4 Associação da capacidade de tomada de decisão com as capacidades cognitivas e emocionais utilizadas no contexto do futsal.....	105
7 CONCLUSÕES	109
REFERÊNCIAS	112
ANEXOS	122
APÊNDICES	128

1 INTRODUÇÃO

1.1 Caracterização do tema

As modalidades esportivas, em especial no esporte de rendimento, necessitam de desenvolver capacidades como velocidade, força, flexibilidade, precisão, de forma que o desempenho esportivo possa ser potencializado, faz-se saliente observar, que além das habilidades físicas as capacidades cognitivas devem ser bem desenvolvidas (SCHACK e TENENBAUM, 2004; JOHNSON, 2006). Gréhaigne, Godbout e Bouthier (2001) apontam que as capacidades cognitivas podem ser representadas por conhecimentos estratégicos ou táticos, e que estes podem ser adquiridos por meio de observações e verbalizações.

Dentro das capacidades cognitivas, destaca-se no esporte de rendimento a capacidade de tomada de decisão. Buscando entender como os seres humanos frequentemente usam critérios subjetivos para tomar decisões; nesse sentido os elementos aleatórios, muitas vezes exercem influência sobre o resultado das decisões, as pessoas usam estimativas subjetivas para considerar os resultados e os indivíduos não são ilimitadamente racionais ao tomarem decisões (STERNBERG, 2000).

Dentro da perspectiva sobre as implicações práticas na tomada de decisão, uma característica importante dos jogos esportivos coletivos é que todas as ações são determinadas do ponto de vista tático (COSTA e NASCIMENTO, 2004; SILVA e JUNIOR, 2005; NETO e LEITE, 2007). E, para que tais ações se concretizem se faz necessária uma complexa interação entre vários componentes, como a continuidade, velocidade, amplitude, variabilidade e número de mudanças. Assim, o atleta deve decidir e elaborar respostas certas, precisas e de forma veloz, explicitando seu comportamento cognitivo (SISTO, GRECO, 1995).

Nesta temática, várias teorias e modelos têm tentado explicar e compreender a capacidade de tomada de decisão no esporte. Entre estes estão o modelo do processamento de informação e seu impacto sobre a capacidade de antecipação de ações futuras, a rapidez e precisão das respostas, a intensidade do exercício na capacidade de tomada de decisão, a influência da memória de longo prazo no desenvolvimento das habilidades (SCHMIDT e WRISBERG, 2001; VAEYENS et al, 2007; McPHERSON e McMAHON, 2008; DAVRANCHE et al, 2009; FONTANA et al, 2009), o impacto da aprendizagem implícita e explícita na tomada de decisão (RAAB, 2003; JOHNSON e RAAB, 2003; POOLTON, MASTERS e MAXWELL, 2006), a contribuição prática de atividade estruturada e deliberada na tomada de decisão (BERRY, ABERNETHY e CÔTÉ, 2008); a influência do conhecimento declarativo e processual na tomada de decisão (McPHERSON e FRENCH, 1991). Além de outros modelos que enfatizam a tomada de decisão por meio dos processos de atenção, como por exemplo, o Paradigma da Cegueira Sem Intenção (desatenção visual) (MEMMERT e FURLEY, 2007); a Teoria da Hipervigilância (EYSENCK, 1992); a Teoria da Atenção e Estilos Interpessoais (NIDEFFER, 1976).

No presente enfoque de estudo, duas abordagens que têm sido contempladas pela literatura de forma singular, serão contempladas associadamente nesta pesquisa, buscando responder algumas questões ainda não investigadas. A primeira abordagem se pauta na comparação da capacidade de tomada de decisão de atletas de diferentes níveis competitivos, enfaticamente na comparação dos atletas mais experientes com os menos experientes (McPHERSON e FRENCH, 1991; BAKER e CÔTÉ, 2003; VIEIRA, 2003; ARAÚJO, DAVIDS, SERPA, 2005; PÂQUES et al, 2005; MANN et al, 2007; VAEYENS et al 2007). Algumas variáveis observadas nestas pesquisas foram a capacidade de tomada de decisão, fixações visuais, o conhecimento declarativo e a prática deliberada, e, o que tem se observado é que independentemente do componente estudado os resultados indicam que os atletas mais qualificados ou experientes têm demonstrado um desempenho superior em relação aos menos qualificados. A segunda abordagem enfoca os aspectos intervenientes na capacidade de tomada de decisão, neste caso a influência de capacidades cognitivas e emocionais,

contudo poucos estudos têm associado estas temáticas nas pesquisas atuais (HUMARA, 1999; BUTT, WEINBERG e HORN, 2003; MULLEN, HARDY e TATTERSALL, 2005). Destaca-se ainda os achados de Williams e Elliott (1999), que indicam que em condições de alta ansiedade os atletas mudam os tipos de fixações visuais, e que os tipos de fixação de atletas mais qualificados são mais eficientes que as fixações dos atletas menos qualificados.

Dessa maneira, observa-se que a capacidade cognitiva associada à capacidade física são atributos importantes para potencializar o desempenho maximizado dos atletas independentemente da modalidade esportiva, quer seja uma modalidade individual ou coletiva.

Neste sentido, analisar a capacidade de tomada de decisão, considerando o contexto esportivo (aspectos ambientais) e capacidades cognitivas, como por exemplo, a ansiedade e medo ao decidir, competência decisional percebida e o compromisso com a aprendizagem decisional percebida (aspectos internos), são lacunas encontradas na literatura que buscaremos avançar à análise da temática sobre um pressuposto teórico diferenciado.

Tendo em vista os determinantes internos (individuais) e externos (ambientais), o suporte teórico desta pesquisa será a teoria Triárquica da Inteligência (STERNBERG, 1985). Este enfoque postula que são necessárias as compreensões dos processos, as estratégias e as representações mentais utilizadas pelas pessoas, no desempenho inteligente de tarefas. Assim, buscando as interações entre a tomada de decisão (capacidade cognitiva) e a competência decisional percebida, a ansiedade e medo ao decidir e compromisso com a aprendizagem decisional (capacidades emocionais), a teoria Triárquica da Inteligência busca contemplar fatores intrínsecos e extrínsecos ao indivíduo mediante situações esportivas. Deste modo, se faz necessário analisar o sujeito/atleta sobre três subteorias importantes, em que o atleta se relaciona com o mundo externo, com a experiência e com o mundo interno. A subteoria contextual, que avalia a capacidade do atleta para adaptar-se ao ambiente; a subteoria experiencial,

que analisa a capacidade do atleta para se relacionar com a novidade e a automatização de tarefas; a subteoria componencial, que observa a capacidade do atleta para administrar a habilidade de processar a informação.

Neste contexto, pretende-se estudar a seguinte questão geradora: Qual o nível de associação das capacidades cognitivas e emocionais sobre a tomada de decisão de jogadores de futsal do estado do Paraná?

1.2 Justificativa

O interesse pelo estudo na área da Psicologia do Esporte e do Exercício se iniciou no curso de Educação Física, quando ainda participante de um grupo de pesquisa de Fisiologia do Exercício fui convidado a fazer parte de um projeto de pesquisa na área da Psicologia Esportiva que tratava da temática agressão atlética. No curso de graduação desenvolvemos um trabalho de conclusão de curso juntamente com a Professora Doutora Lenamar Fiorese Vieira, e com o auxílio de outros colegas que estavam inseridos neste mesmo projeto, neste momento o interesse pela área de Psicologia do Esporte se evidenciou.

Terminada a graduação, iniciamos uma especialização em Personal Trainer e a partir desse momento começamos a nos interessar por aspectos do Desempenho Motor, além dos fatores Psicofisiológicos intervenientes, principalmente referindo se ao rendimento esportivo.

Após a conclusão da graduação e da especialização, entramos no programa de mestrado. A partir desse momento começamos o interesse por temáticas relacionadas ao estudo de aspectos psicológicos e de desempenho motor intervenientes no desempenho esportivo de atletas. Dentro ainda desta temática iniciamos os primeiros estudos referentes à capacidade de tomada de decisão de atletas.

O fator que instigou a pesquisa primeiramente foi a escassez de trabalhos publicados no âmbito nacional sobre a capacidade de tomada de decisão. Vinculado a isso, compreender como os atletas paranaenses tomam suas decisões mediante a determinadas complexidades situacionais, ambientais e, em detrimento de determinantes individuais, torna a pesquisa virtuosa no intuito de tentar esclarecer como os atletas organizam-se mentalmente para tomar tais decisões e até que ponto estas decisões são precisas, eficientes e geradoras de soluções positivas. Um ponto relevante que norteia esta pesquisa, é o fato de investigar se a capacidade cognitiva influencia de fato na tomada de decisão, ou tais capacidade são indiferentes e não possuem implicações relacionadas ao desempenho esportivo para os atletas paranaenses.

Algumas investigações têm sido feitas no contexto internacional enfatizando uma abordagem similar à utilizada nesta pesquisa, contemplando a tomada de decisão e outros aspectos inerentes as capacidades cognitivas e emocionais utilizando instrumentos e metodologias similares (COSTA, 2001; MIRAGAIA, 2001; PINTO, 2005), contudo, nesta pesquisa, o escopo é avançar dentro de um modelo de inteligência proposto por Sternberg (1985) e suas implicações sobre a tomada de decisão inteligente dentro do contexto esportivo, contemplando a implicação sobre algumas capacidades cognitivas e emocionais.

Muitos estudos têm abordado a capacidade de tomada de decisão e as capacidades cognitivas e emocionais sob diversos enfoques, contemplando a comparação entre os mais diversos grupos, mais experientes e qualificados em relação aos menos experientes e qualificados (PÂQUES et al, 2005; RUIZ e GRAUPERA, 2005; VAEYENS et al, 2007; FONTANA et al, 2009; GARCÍA, RUIZ e GRAUPERA, 2009), contemplando várias modalidades esportivas (BAKER e CÔTÉ, 2003; RAAB, 2003; JOHNSON e RAAB, 2003; RAAB e JOHNSON, 2004; POOLTON, MASTERS e MAXWELL, 2006; DAVRANCHE et al, 2009; MASCARENHAS, 2005), além de diversas variáveis intervenientes associadas à tomada de decisão, como por exemplo a atenção e a ansiedade (WILLIAMS e DAVIDS, 1998; MULLEN, HARDY e TATTERSALL, 2005;

MEMMERT e FURLEY, 2007). Outro fator que pode ser inferido é que o campo do comportamento motor carece de pesquisas relativas à temática da tomada de decisão dentro do ambiente nacional, o que acentua mais ainda a presente pesquisa, poucas investigações são feitas nesta área (SISTO e GRECO, 1995; NETO e LEITE, 2007; LOPES, 2008). Deste modo, um fator que enaltece a relevância desse trabalho além da escassez de pesquisas no âmbito nacional é abordar a tomada de decisão sobre um pressuposto teórico diferenciado.

1.3 Hipótese conceitual

Os atletas mais experientes (idade) e qualificados, com melhores capacidades cognitivas apresentarão melhores capacidades relacionadas à competência decisional percebida e mais compromisso com a aprendizagem, refletindo em uma menor ansiedade e medo ao decidir sendo capazes de tomar melhores decisões táticas em situações específicas de jogo.

1.4 Delimitação da pesquisa

O estudo estará delimitado a atletas do sexo masculino que participaram das Séries Ouro, Prata e Bronze do Campeonato Paranaense de Futsal no ano de 2009.

1.5 Limitação das questões da pesquisa

A pesquisa limita-se por avaliar a capacidade cognitiva do ponto de vista da teoria Triárquica da Inteligência de Sternberg e não o QI (quociente de inteligência). Dessa forma serão contemplados os processos componenciais, experienciais e contextuais utilizados pelos atletas no ambiente esportivo.

1.6 Definição de termos

Tomada de Decisão – Tomada de decisão pode ser definida com um processo cognitivo que envolve a seleção entre varias possibilidades de resultado diferentes,

maximizando algo de valor em contexto. Logo, cada pessoa tem utilidades esperadas subjetivas para cada situação na busca da escolha ótima e da decisão mais racional possível (STERNBERG, 2000). Nos esportes coletivos, a capacidade de tomada de decisão está relacionada com escolher o curso certo da ação no momento certo e realizando esse curso de ação eficaz e coerente em toda a partida (GRÉHAIGNE, GODBOUT & BOUTHIER, 2001).

Capacidade cognitiva – Trata-se do modo como as pessoas percebem, aprendem, recordam e pensam sobre determinada informação, estando esta relacionada à aquisição de conhecimentos. Sendo um conjunto de processos mentais utilizados no pensamento e na percepção, também na classificação, reconhecimento e compreensão para o julgamento através do raciocínio para o aprendizado de determinados sistemas e soluções de problemas (STERNBERG, 2000).

Capacidades emocionais – Neste trabalho são compreendidas como capacidades emocionais a Competência decisional percebida, que se refere à percepção que o atleta tem de sua própria competência para decidir, a Ansiedade e medo que se refere a um estado emocional de apreensão e tensão em que o indivíduo responde a uma situação com um grau de intensidade desproporcional ao objeto em questão, e o Compromisso com a aprendizagem que faz menção ao compromisso que o atleta manifesta na melhoria da sua competência para decidir e o acompanhamento tático ao conselho de seus treinadores (RUIZ e GRAUPERA, 2005).

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Investigar a associação das capacidades cognitivas e emocionais sobre a tomada de decisão de jogadores de futsal do estado do Paraná.

2.2 Objetivos específicos

Analisar as capacidades cognitivas quanto à adaptação do atleta ao contexto, a capacidade do atleta se relacionar com a novidade e a automatização das tarefas motoras, e as estratégias utilizadas pelos jogadores de futsal para o processamento de informação.

Caracterizar as capacidades emocionais quanto a competência decisional percebida, ansiedade e medo ao decidir e o compromisso com a aprendizagem decisional das categorias (Chaves ouro, prata e bronze).

Identificar e associar a capacidade de tomada de decisão tática dos atletas de futsal em relação às categorias (chave ouro, prata e bronze), idade e nível competitivo dos atletas (estadual e nacional).

Associar a capacidade de tomada de decisão tática dos atletas de futsal, com as capacidades emocionais (competência decisional percebida, a ansiedade e medo ao decidir e o compromisso com a aprendizagem decisional) e com as capacidades cognitivas utilizadas no contexto do futsal.

3 REVISÃO DA LITERATURA

Na revisão de literatura será abordada primeiramente a Teoria Triárquica da Inteligência (Sternberg, 1985) que servirá como suporte teórico para a presente investigação. De acordo com a teoria, o comportamento inteligente é analisado contemplando os elementos externos, que se referem ao ambiente, até os elementos internos de cada indivíduo. A Teoria Triárquica é subdividida em três subteorias. A subteoria Contextual, que analisa a adaptação do indivíduo ao contexto em que está inserido; a subteoria Experiencial, que está relacionada à forma como o atleta atua sobre a tarefa e a desempenha de forma automatizada; e, a subteoria Componencial, que contempla os mecanismos internos de cada indivíduo no processamento da informação.

Na segunda parte será abordada a temática tomada de decisão, sendo apresentados os conceitos básicos, seguido pelas investigações e pesquisas realizadas atualmente no contexto esportivo, por fim, serão contempladas as diferentes concepções teóricas e os modelos que explicam os mecanismos da tomada de decisão.

Na terceira parte da revisão de literatura, serão abordados os aspectos intervenientes inerentes à capacidade de tomada de decisão. Nesta parte serão contemplados três elementos: A competência decisional percebida, que refere-se a percepção que o atleta tem a respeito de sua capacidade para decidir (RUIZ e GRAUPERA, 2005), a ansiedade e medo, que está relacionada a percepção de situações ameaçadoras, por parte do atleta e as implicações relacionadas á tomada de decisão (ROMÁN e SAVÓIA, 2003). Por último o compromisso com a aprendizagem, que está relacionado ao comprometimento que o atleta tem em seguir as instruções táticas ditadas pelo seu treinador (GARCÍA, RUIZ e GRAUPERA, 2009).

3.1 Teoria Triárquica da Inteligência

A Teoria Triárquica busca compreender os processos, as estratégias e as representações mentais utilizadas pelos indivíduos no desempenho inteligente de tarefas. Para que tais desempenhos inteligentes possam transcorrer, dois elementos são determinantes no processamento da informação, a experiência com tarefas e o contexto em que o indivíduo está inserido (KREBS et al, 1996; VIEIRA et al, 1997).

Considerando o funcionamento da Teoria Triárquica, a idéia central pauta-se nos componentes do processamento de informação da inteligência, que são aplicados a experiência de modo a servir para vários tipos de funções no contexto do mundo real, contemplando uma relação direta entre indivíduo e ambiente (STERNBERG e GRIGORENKO, 1997).

Dentro da Teoria Triárquica da Inteligência, não se destaca apenas um fator determinante da inteligência, mas destacam-se três aspectos gerais que estão interligados entre si e são representados por três subteorias, a Contextual, Experiencial e Componencial que buscam descrever o funcionamento cognitivo e o comportamento inteligente. Outra denominação que é dada às três subteorias da Teoria Triárquica da Inteligência são respectivamente intituladas como habilidades Práticas, Criativas e Analíticas (STERNBERG et al., 1999; STERNBERG, PRIETO e CASTEJÓN, 2000; STERNBERG et al., 2001).

No que se refere ao campo de atuação da **Subteoria Contextual**, um ponto que deve considerado é que os elementos ambientais exercem influência direta sobre a subteoria, sendo assim, os processos de adaptação, seleção e modelagem podem variar segundo o grupo de pessoas, bem como os tipos de ambientes. A atitude inteligente também não é a mesma para uma pessoa ou outra, tampouco é provável que a inteligência seja a mesma em todos os momentos da vida (STERNBERG, 1985; VIEIRA et al, 1997).

No espectro de atuação da **Subteoria Experiencial**, destaca-se a influência da novidade e da experiência no sucesso das ações do indivíduo. Nessa perspectiva, o

desempenho em novos contextos e em novos ambientes pode exigir a utilização de elementos como, os componentes de desempenho, as representações de conhecimentos vividos anteriormente ou ainda a utilização de metacomponentes envolvidos no planejamento estratégico. Assim, o desempenho do indivíduo em novos contextos e sua capacidade de se tornar experiente em tal tarefa, está diretamente relacionado à inteligência (GARDNER e STERNBERG, 1994).

Para Sternberg (1985), a medida da inteligência é algo bastante meticuloso de se realizar, pois os conhecimentos matemáticos, lógicos ou de outra ordem não refletem a capacidade de inteligência de um indivíduo de fato ou apenas parte dela. Por exemplo, a capacidade de tomada de decisão inteligente no esporte é feita na maioria das vezes por atletas que não necessariamente detém conhecimentos científicos e acadêmicos, de fato, sua capacidade matemática ou lingüística pode não ser tão representativa, entretanto sua capacidade de tomada de decisão esportiva pode ser muito alta (STERNBERG, 2004).

Segundo os pressupostos da Teoria Triarquica da Inteligência, bem como as investigações sobre a temática, as pesquisas têm indicado que os indivíduos mais inteligentes em seus contextos tem também demonstrado um desempenho superior nas realizações de tarefas (STERNBERG et al., 1999; STERNBERG, PRIETO e CASTEJÓN, 2000; STERNBERG et al., 2001).

3.1.1 Subteoria Contextual

Esta subteoria utiliza a atividade mental na busca do ajuste ao contexto, observando a relação da inteligência com o mundo exterior, uma vez que o comportamento inteligente nunca esta dissociado da cultura, portanto, atitudes consideradas inteligentes dentro de uma cultura (contexto esportivo), podem não ser consideradas inteligentes para outras culturas (KREBS et al, 1996; VIEIRA et al, 1997; STERNBERG, 2004).

Para Wertsch e Kanner (1992), há uma necessidade em abordar o desenvolvimento intelectual a partir da perspectiva de como o sujeito se situa no contexto sociocultural.

De fato, muitos dos aspectos essenciais do funcionamento intelectual são vistos como sendo constituída pela configuração sócio-cultural em que ocorre o desenvolvimento. Nesta perspectiva, as investigações sobre a inteligência, raça e genética, tem demonstrado que não há uma diferença de ordem genética entre as raças e os grupos sociais, o que tem-se enfatizado é que os elementos contextuais são os fatores que determinam o conceito de inteligência, de acordo com a realidade e as atividades desenvolvidas em cada contexto (STERNBERG, GRIGORENKO e KIDD, 2005).

Segundo Sternberg (1985), três processos que estão contidos nesta subteoria são dispostos de forma hierárquica. Tais processos são denominados como adaptação, seleção e modelagem. No processo de adaptação, a inteligência implica adaptar-se ao contexto, o indivíduo tenta se adaptar ao meio em que está inserido, buscando assim um bom ajuste e tal mecanismo pode ser classificado em maior ou menor grau, de acordo com o conhecimento, as habilidades e comportamentos que constituem o funcionamento de adaptação. Contudo, quando o ajuste (adaptação) não é satisfatório no ponto de vista do indivíduo, este pode tentar uma segunda opção, assim, as pessoas inteligentes selecionam um meio em que funcionem de forma mais inteligente.

Assim surge o segundo processo, a seleção, ocorre quando a pessoa decide encontrar um novo ambiente ao invés de adaptar-se ao ambiente atual, no qual o sujeito seja capaz de obter uma melhor relação contextual. Entretanto, quando muitas situações adversas não permitem que o indivíduo procure outro ambiente, como não poder ser contratado por outra equipe por estar no final da temporada, falta de interesse por parte das equipes, problemas com empresário, impedimentos em mudar de cidade ou país, o atleta se submete ao terceiro processo, a modelagem (STERNBERG, 2000; STERNBERG et al., 2001).

Quando a opção de selecionar um novo ambiente é inviável e por uma série de motivos, ideologias e outros determinantes não há meios para selecionar outro ambiente, então o indivíduo busca a modelagem. Neste caso a modelagem ambiental se mostra saliente de modo que o indivíduo tenta se re-configurar com o meio a fim de

incrementar um ajuste ideal na relação indivíduo-ambiente, ou seja, na busca da modelagem ao meio, o indivíduo tenta trocar a relação entre indivíduo e ambiente para tentar fazer a modelagem do comportamento (STERNBERG, 1985; KREBS et al, 1996).

3.1.2 Subteoria Experiencial

Esta subteoria propõe que uma tarefa mede a inteligência em partes, como uma função da medida em que requer uma ou duas habilidades de cada vez: a habilidade de enfrentar novos tipos de tarefas e a habilidade de automatizar a tarefa. Destaca-se então, um processo contínuo de aprendizagem estabelecido pela relação: novidade versus automatização (STERNBERG, 1997; STERNBERG, 1999; STERNBERG et al., 2001).

Na novidade da tarefa, dois elementos devem ser pontuados a compreensão e a atuação sobre a tarefa. A compreensão da tarefa está relacionada a como o atleta deve entender a tarefa a ser enfrentada e este está relacionada a aprender como fazer o exercício, processo este referente ao conhecimento declarativo (KREBS et al, 1996; VIEIRA et al, 1997).

A Compreensão da tarefa está relacionada à habilidade de enfrentar novas situações e exigências situacionais. Sternberg (2000), cita que a melhor maneira de medir a inteligência é mediante exercícios que sejam “não-esmagadores”, no sentido de exigir umas formas de processamento de informação que estão fora da experiência normal das pessoas. Sendo assim o exercício que se pretende executar deveria ser novo, mas não totalmente fora da experiência passada do indivíduo. Caso a tarefa seja excessivamente nova, então o indivíduo não terá nenhuma estrutura cognitiva que o ajudaria a entender a tarefa, e, como resultado simplesmente ficaria fora do alcance de sua compreensão.

Um fator que pode prejudicar o indivíduo no desempenho inteligente de tarefas é a novidade da situação. A exposição de indivíduos principalmente a lugares novos pode promover um desempenho muito inferior por parte do indivíduo, no caso o atleta, e

conseqüentemente, tal situação pode não refletir realmente o comportamento inteligente. Novidades excessivas podem promover que a situação não constitua um diagnóstico do nível intelectual. Além disso, a novidade da situação pode influenciar a compreensão da natureza da situação ou na realização dentro do contexto dessa situação (STERNBERG, 1985).

Para que o desempenho em novos contextos e novas tarefas possam ser potencializados, faz-se necessária a utilização de vários elementos componenciais na busca pela compreensão do ambiente e resolução do problema enfrentado. Destaca-se aqui a necessidade de utilização de componentes de desempenho, de metacomponentes envolvidos no planejamento estratégico, o estabelecimento de uma representação adequada do conhecimento (GARDNER e STERNBERG, 1994).

É importante salientar que algumas tarefas podem ser novas para algumas pessoas, mas podem não ser tão novas para outras pessoas, assim pode ser que determinada tarefa não avalie de forma igual a inteligência para duas ou mais pessoas. Neste caso há uma interação entre a tarefa, situação e pessoas e há uma interação entre essas relações que poderão constituir diferentes desempenhos, percepções e resultado da tarefa (STERNBERG, 1985).

Já a atuação sobre a compreensão, que pode ser ou não um estímulo, caso o atleta opte por responder ao estímulo, é a atuação sobre um problema, enfrentar uma situação prática, referente ao conhecimento processual (KREBS et al, 1996; VIEIRA et al, 1997).

Após ser apresentada uma tarefa nova, entra em jogo a capacidade de enfrentar esta novidade. Dentro de um processo, tal habilidade de enfrentar a novidade até a automatização da informação pode surgir ao longo da continuidade da experiência. As pessoas mais inteligentes poderão solucionar mais rápida e complexamente as novas exigências que são implantadas (KREBS et al, 1996). Dessa forma, à medida que aumenta a experiência com o tipo de tarefa ou situação, diminui a novidade e a tarefa

ou situação será cada vez menos apta como uma medida da inteligência. Depois de certa quantidade de experiência com a tarefa ou situação, pode entrar em jogo as habilidades de automatização (STERNBERG, 1985).

Na automatização, as tarefas complexas podem ser efetuadas facilmente somente porque muitas das operações implicadas em suas realizações têm sido automatizadas. O fracasso em automatizar tais operações, sendo estas por completo ou apenas uma parte, dá lugar ao fracasso no processamento da informação e assim uma realização menos inteligente da tarefa (KREBS et al, 1996). As operações intelectuais que podem ser realizadas fácil e automaticamente por indivíduos mais inteligentes são realizadas somente de maneira titubeante e de baixo controle consciente por indivíduos menos inteligentes.

Para tanto, faz-se necessário entender que o processamento automático é necessário em muitos domínios da vida, não somente para facilitar o processamento de informação, como na leitura, mas também para permitir os recursos que foram uma vez dedicados a essas habilidades para ser liberto de outros tipos de tarefas (STERNBERG, 1997).

Para Sternberg (1985), a automatização do processamento de informação, combina pontos de vista hierárquicos e não hierárquicos ao sugerir que o processamento de informação é hierárquico e controlado em um modo de elaboração global e que é não hierárquico e automático nos meios de elaboração local.

Assim, o processo inicial da automatização, propõe que o processamento de informação controlado está sob direção do indivíduo e é de natureza hierárquica, com procedimentos executivos (procedimentos utilizados para planejar, controlar e revisar as estratégias do processamento de informação) e não executivos (procedimentos utilizados para conduzir as estratégias que os procedimentos executivos selecionam, controlam e revisam) (STERNBERG, 1985; STERNBERG et al., 2001).

Já o processo avançado na automatização é pré-consciente, não está sob a direção consciente do indivíduo e não é de natureza hierárquica, não existindo uma distinção funcional entre os processos executivos e os não executivos. Em troca, a execução da tarefa ocorre através de um sistema de produção e todos os processos funcionam em um único nível de análise (STERNBERG, 1985; STERNBERG, PRIETO e CASTEJÓN, 2000).

Uma consideração que se pauta na experiência do indivíduo e se traduz no contexto esportivo, tendo em vista os processos de automatização de tarefas, é a comparação entre atletas experientes e novatos. Dixon (1992) e Sternberg (1985) afirmam que os mais experientes são capazes de manejar uma ampla variedade de situações mediante o emprego do sistema local, pois tem armazenadas grandes quantidades de informações dentro do sistema local. Os novatos apenas podem utilizar os sistemas locais em alguns casos, porque possuem relativamente poucos conhecimentos.

O atleta experiente está em vantagem no seu campo, porque sua habilidade para permanecer uma maior quantidade de tempo no sistema de elaboração local, lhe permite liberar recursos de elaboração global para manejar novas situações. O novato, à medida que se depara com uma nova informação deve dedicar recursos globais com tanta freqüência que a maior parte da nova informação se perde rapidamente. Assim, os atletas mais experientes são mais competentes ao manejar tarefas que são familiares dentro do seu campo, em conseqüência, atletas mais experientes e inteligentes, aprendem situações novas muito mais rápido que indivíduos menos inteligentes (DIXON, 1992; KREBS et al, 1996; VIEIRA et al, 1997).

3.1.3 Subteoria Componencial

Um componente é um processo elementar da informação que opera sobre representações internas de objetos ou símbolos. O componente pode traduzir uma entrada sensorial em uma representação conceitual, transformar uma representação

conceitual em outra, ou traduzir uma representação conceitual em um rendimento motor (STERNBERG, 1999; STERNBERG, 2000).

Caracteristicamente cada componente tem três propriedades importantes associadas: Duração, Dificuldade e Probabilidade de execução. Ainda é importante ressaltar que estas três propriedades são ao mesmo tempo independentes (STERNBERG, 1985).

Esta parte da teoria enfatiza o processamento de informação, que pode ser concebido em função de três diferentes tipos de componentes. Os metacomponentes são os processos executivos de ordem superior empregados na planificação, controle e tomada de decisão na realização da tarefa. Os componentes de realização são componentes de ordem inferior que são empregados na execução de uma tarefa. Os componentes de aquisição de conhecimento, também de ordem inferior são processos empregados ao aprender novas informações (GARDNER e STERNBERG, 1994; KREBS et al, 1996; STERNBERG, 1997).

Para Sternberg (1985), são identificados sete metacomponentes que prevalecem no funcionamento intelectual, estes são: 1) Decisão precisa do problema a ser resolvido; a questão envolvida neste ponto contempla que a principal dificuldade não é resolver o problema, mas decifrar qual é de fato a natureza do problema; 2) Seleção de componentes de ordem inferior; devem ser selecionados uma série de componentes de ordem inferior para empregar na solução do exercício. Não selecionar o grupo ótimo implica na realização incorreta ou ineficiente da tarefa. Em alguns casos a eleição de componentes será parcialmente atribuída a disponibilidade ou acessibilidade diferencial de vários componentes, por conta do indivíduo as vezes, não possuir tais componentes. Dessa forma, o não executar de componentes necessários para solucionar um exercício pode ser atribuído a uma deficiência no conhecimento requerido para a execução de tais componentes; 3) Seleção de uma ou mais representações para a informação; a eleição da representação ou organização pode facilitar ou impedir a eficácia com que se opera o componente, uma vez que os indivíduos mais experientes usam estratégias diferentes para resolver problemas comparado aos indivíduos menos experientes, desta

forma os segundos são submetidos a empregar diferentes representações (mais limitadas e inferiores) de modo que também resolvam a tarefa. Além disso, a eficácia da forma de uma representação pode estar determinada por variáveis do sujeito, por variáveis do exercício ou pela interação de ambas; 4) Seleção de uma estratégia para combinar componentes de ordem inferior; possuir apenas uma lista de componentes é insuficiente para realizar uma tarefa. Assim, alguém deve ordenar tais componentes de uma forma que facilite a realização do exercício, decidir a proporção de uso de cada um, ou ainda se serão executados serialmente (planificação global) ou paralelamente (planificação local); 5) Decisão sobre até que ponto usar os recursos de atenção; Para todos os exercícios e componentes empregados na realização dos exercícios pode ser atribuída apenas uma parte limitada dos recursos atencionais totais do indivíduo. Assim deve se decidir quanto tempo dedicar a cada componente da tarefa e quanto à restrição do tempo afetará a qualidade da realização do componente particular; 6) Controle da solução; A medida que os indivíduos avançam na resolução de um problema, devem ter uma idéia do que fizeram, do que estão fazendo e aquilo que ainda tem por fazer; 7) Sensibilidade e retroalimentação externa; Ser sensível a expectativa da situação pode ser determinante entre o êxito e o fracasso na realização da atividade. De forma que o indivíduo pode perceber se sua tarefa está sendo desempenhada com êxito ou se necessitam fazer algumas modificações para que o sucesso na atividade permaneça.

Os componentes de realização são usados para executar a instrução dos metacomponentes e fornecer feedback para os metacomponentes. Estas etapas incluem a codificação, combinação e comparação entre os estímulos e respostas: 1) Componentes de codificação: São aqueles que se ocupam da percepção inicial e armazenam a informação nova. As trocas qualitativas e quantitativas na codificação parecem constituir uma fonte principal de desenvolvimento intelectual. A codificação tende a ser cada vez mais exaustiva com o aumento da idade; tende a ser executado com maior lentidão por atributo codificado à medida que aumenta a idade; a medida que aumenta a idade, com freqüência opera sobre diferentes representações da informação. 2) Componentes de combinação e comparação; estes componentes se ocupam de reunir e comparar informação. 3) Componentes de resposta: estes

componentes ocupam-se sobre os mecanismos de resposta e controle da mesma (KREBS et al, 1996; STERNBERG, 1997).

Os componentes de aquisição de conhecimentos são processos empregados para obter novos conhecimentos. Existem três componentes relevantes para a aquisição de conhecimentos declarativos e de procedimento. 1) Codificação seletiva: Uma tarefa crítica para o aprendiz é de reconhecer precisamente a relevância da informação entre todas as unidades de informação que se apresentam. 2) Combinação Seletiva: Implica combinar seletivamente a informação de tal maneira que forme um todo integrado e plausível. Simplesmente separar a informação relevante da não relevante não é suficiente para gerar uma nova estrutura de conhecimento: se deve saber combinar as unidades de informação em um todo internamente relacionado. 3) Comparação seletiva: Implica relacionar a informação nova ou recuperada com a informação obtida no passado. No caso da informação adquirida recentemente, se vê uma relação entre algo que se acaba de codificar e algo que foi codificado no passado (STERNBERG, 1985).

A Teoria Triárquica afirma que as pessoas que possuem um comportamento inteligente em sua vida, não necessariamente são boas em todas as áreas. Preferencialmente, a pessoa inteligente é aquela que descobre seus pontos fortes e fracos e, em seguida, capitaliza sobre os pontos fortes enquanto compensa e corrige os pontos fracos. Isto é, a pessoa pratica mais aquilo que faz bem, e consegue encontrar maneiras de melhorar aquilo que não fazem bem para chegar até a meta. Se olharmos para os especialistas em qualquer campo, estes não são quase nunca bons em tudo. Preferencialmente, são pessoas que fazem poucas coisas realmente bem e encontram caminhos para fazer as coisas que não fazem relativamente bem (STERNBERG, 1997; STERNBERG, 2000).

3.2 Tomada de decisão

O contexto esportivo é um excelente local para estudar processos decisórios, devido a diversos fatores. Dentro das modalidades esportivas que envolvem a tomada de

decisão, há uma série de elementos que podem ser determinantes no contexto: Agentes de decisão diferentes, podem ser representados por treinadores, jogadores, etc.; Tarefas diferenciadas, jogadas de contra-ataque, faltas, jogadas ensaiadas; e Contextos, ou seja, durante o jogo, o intervalo, ou o treinamento. Todas estas variáveis proporcionam a oportunidade de analisar uma infinidade de situações, logo, cada combinação dos fatores citados anteriormente produz uma interação única, de elementos importantes que afetam o modo como as decisões são tomadas (JOHNSON, 2006).

As investigações que têm sido realizadas acerca da temática tomada de decisão dentro do contexto esportivo, bem como sua importância atribuída, têm movido as pesquisas no sentido de dimensionar até que ponto a experiência do jogador para tomar decisões está ou não relacionada ao seu nível cognitivo, especificamente à sua capacidade e ao seu conhecimento tático (GRECO, 2009). Dentro dessa proposta, vários modelos teóricos pautados em diversos pressupostos buscam explicar tais mecanismos (GRECO, 2006; RAAB, 2001; RAAB, 2003; RAAB, 2007).

3.2.1 Definições Básicas

A tomada de decisão dentro do contexto esportivo pode ser caracterizada como a realização de um processo intencional, direcionado a um objetivo. Sendo este, resultado de uma resposta, uma “ação”, que o atleta solicita da “cognição” na situação de jogo (GRECO, 2009). Outra definição acerca da temática é descrita como um processo de entrada de estímulo, que é manipulado, armazenado e combinado resultando em uma ação (resposta) (SHMITH e WRISBERG, 2001; STERNBERG, 2000).

Para que uma ação, ou uma resposta seja emitida mediante a um estímulo, gerando assim um processo de tomada de decisão, deve ser considerado que alguns fatores podem condicionar o processo de tomada de decisão por meio de alguns fatores intervenientes. Neste caso, situações como a modalidade esportiva, situações de

pressão (tempo, variabilidade, precisão, organização), o nível de habilidade e experiência, a seleção de resposta em esportes de habilidade (localização espacial dos jogadores ou da bola) (GRECO, 2009).

Gréhaigne et al. (2001), consideram que existem dois fatores condicionantes que podem influenciar a tomada de decisão no esporte. O primeiro é referente aos aspectos individuais do jogador, como a estratégia individual, conhecimento base, conhecimento tático, recursos técnicos, localização e postura. O segundo fator diz respeito aos aspectos coletivos, que são representados pela estratégia coletiva da equipe, relações de força e as redes de competência.

Dentre os fatores condicionantes citados anteriormente, faz-se necessário destacar a experiência do atleta. Nessa perspectiva, as alternativas possíveis a serem realizadas, dentro de uma situação, devem ser construídas da interação do conhecimento e da experiência adquirida, com as informações provenientes dos processos de recepção e elaboração da informação do sujeito decisor, na interação dos mundos objetivos e subjetivos descritos para se tomar decisão interagindo a informação com o conhecimento técnico-tático (STERNBERG, 2001; GRECO, 2009).

Para Greco (2009) tanto os autores da linha cognitiva como os autores da teoria da ação, toda decisão está sempre relacionada e, depende tanto de percepções e antecipações de uma situação concreta e específica (através de intercâmbio de informações com os processos da memória e da informação chegada dos órgãos dos sentidos), como também da experiência específica no esporte que o atleta tenha adquirido. A tomada de decisão resulta de um processo de concordância, de análise – síntese de informação.

Para que o processo de tomada de decisão possa ser potencializado, outro elemento importante para o atleta, dentro da perspectiva da tomada de decisão, é a forma de conhecimento utilizado para execução da ação. Sob as formas de conhecimento, destaca-se o Conhecimento Declarativo (CD) e o Conhecimento Processual ou de

Procedimentos (CP). A primeira forma de conhecimento está relacionada à circunstância prática, ou seja, “o que fazer”, que por sua vez é representado pelo conhecimento tático, o conhecimento de regras e posições de jogo, sendo relacionado com os aspectos cognitivos da tomada de decisão, já a segunda forma de conhecimento está relacionada com, “o como fazer”, representado pelo aspecto técnico, implicando em como tomar a decisão durante a atividade esportiva (McPHERSON e FRENCH, 1991).

Do ponto de vista dos jogos esportivos coletivos, toda decisão é uma decisão tática e pressupõe uma atitude cognitiva do jogador, que lhe possibilita reconhecer, orientar-se e regular suas ações motoras. Portanto, observa-se a necessidade de se compreender a importância do desenvolvimento do conhecimento Processual e Declarativo através dos processos de ensino-aprendizagem-treinamento (Greco, 2006). Isto é, na colaboração paralela dessas três estruturas formata-se “o que fazer” (conhecimento declarativo), o “como fazer” (conhecimento processual).

O processamento do conhecimento declarativo depende de recursos limitados de atenção, enquanto as respostas do conhecimento processual exigem menor demanda de atenção. As ações são gradualmente transformadas em conhecimentos processuais, afim de liberar recursos de atenção que podem ser dedicados a variações mais complexas (RAAB, MASTERS e MAXWEL, 2005; STERNBERG, 2000). Nos esportes objetiva-se que através do processo de ensino-aprendizagem-treinamento ocorra a liberação de recursos de atenção para outros aspectos importantes que decorrem na ação de jogo, facilitando a tomada de decisão (GRECO, 2009). No entanto, existe uma literatura acumulativa que apóia o desenvolvimento paralelo do conhecimento declarativo e processual e, sugerindo que uma combinação de decisão e formação comportamental pode ser benéfica (GENTILE, 1998; MAXWELL et al., 2003).

Outro mecanismo utilizado na elaboração da informação na busca pela tomada de decisão é o processamento da informação em paralelo, tal processo indica que os indivíduos que possuem maior experiência, conseqüentemente possuem um

conhecimento mais fundamentado e um caminho de acesso à informação melhor e diferenciado em relação aos atletas menos experientes, influenciando como produto final na capacidade de tomada de decisão do atleta. Nessa perspectiva, a teoria da modularidade afirma que diferentes processos cognitivos ocorrem em unidades características da cognição, em vez de fazê-lo de forma integrada, ao longo de todos os processos, o que facilita sua análise em paralelo. Considerando que as modalidades esportivas que caracterizam ambientes abertos, variáveis e dinâmicos, tais como em jogos de modalidades coletivas, exigem que o processo de tomada de decisão dos atletas dependa da eficiência dos processos cognitivos, devendo elaborar a informação de forma rápida e precisa. Nesse sentido, a elaboração da informação em paralelo, representa a forma que o organismo dispõe para tratar e executar processos mentais de forma simultânea, considerando a constante riqueza da situação que o jogo apresenta (GRECO, 2009).

3.2.2 Investigações sobre tomada de decisão no esporte

Diverso estudo que têm contemplado a capacidade de tomada de decisão em diversas modalidades esportivas e tem utilizado como suporte teórico os modelos de processamento de informação, dentre eles podem ser citadas algumas pesquisas, como: Vaeyens et al. (2007) que investigou a tomada de decisão em jogadores de futebol de diferentes níveis técnicos, Fontana et al. (2009) que pesquisou a influencia da intensidade do exercício sobre a capacidade de tomada de decisão de atletas de diferentes níveis técnicos, Davranche et al. (2009) que investigou a tomada de decisão em remadores em diferentes intensidades de exercício, McPherson e MacMahon (2008) investigando como os jogadores de baseball se preparam para rebater a bola e Morales et al. (2009) que realizou uma pesquisa investigando o processamento mental de jogadores de voleibol.

Atualmente diversas pesquisas têm abordado a importância do conhecimento declarativo e processual para o processo de tomada de decisão, dentre elas destacam-se as pesquisas de McPherson e French (1991) realizadas com tenistas investigando

os aspectos de habilidades motoras e cognitivas no desempenho de atletas que recebiam diferentes tipos de instrução, Raab, Masters e Maxwell (2005) em seu estudo com mesa-tenistas, Costa et al. (2002) desenvolveram uma pesquisa sobre inteligência e conhecimento específico em jogadores de futebol, semelhantemente, Miragaia (2001) e Pinto (2005) também realizam investigações sobre o conhecimento declarativo dentro do futebol.

Atualmente na literatura, alguns paradigmas sobre a capacidade de tomada de decisão no esporte têm sido testados, na busca pela compreensão de como as pesquisas, baseadas em diversos modelos teóricos têm sido realizadas e o que as mesmas estão apontando. Grande parte das pesquisas voltadas a investigação da capacidade de tomada de decisão tem se situado na comparação entre atletas mais jovens e mais velhos (RULENCE-PÂQUES et al, 2005; VAEYENS et al, 2007; PINTO, 2005), atletas mais e menos experientes (BERRY, ABERNETHY e CÔTÉ, 2008; BAKER e CÔTÉ, 2003), ou ainda atletas que possuem outras capacidades associadas à tomada de decisão (MEMMERT e FURLEY, 2007; WILLIAMS e ELLIOTT, 1999; MEMMERT, SIMONS e GRIMME, 2009; MULLEN, HARDY e TATTERSALL, 2005).

Considerando as pesquisas citadas anteriormente, bem como as implicações mostrando a importância da capacidade de tomada de decisão no contexto esportivo, Greco (2009) acredita que a condição atual do atleta, a respeito de sua capacidade de tomada de decisão, não será necessariamente uma condição estável durante toda sua vida, ou seja, que perdurará durante toda sua carreira. Os critérios para avaliação da experiência podem mudar com a idade e a aquisição de experiência, seja pela natureza do contexto ou, paralelamente, pela mudança de condições para o desempenho. Exemplificando, na modificação de regras táticas conforme a modalidade esportiva pode-se citar mudanças em tamanho de corpo e aumento em velocidade de processar informação pela aquisição de experiência, entre outros aspectos. Dessa forma deve ser ressaltada a importância da capacidade de tomada de decisão como um componente importante no sucesso esportivo.

3.2.3 Teorias e modelos fundamentadores da tomada de decisão em esportes

3.2.3.1 Teorias cognitivistas

Para Greco (2009), o modelo de decisão em uma situação de jogo compreende primeiramente a Análise da situação, sendo utilizados recursos como o pensamento, a memória e a própria inteligência do atleta. Seqüencialmente, os próximos passos são a intenção, seguida pela antecipação, decisão mental, resultando na execução da ação. Para o mesmo autor, as teorias cognitivas clássicas exerceram um grande impacto na área esportiva. Assim sendo, foram formulados modelos seqüenciais de tomada de decisão apoiado na idéia de processamento de informação em fases. Dentre as fases referentes aos diversos modelos, destaca-se inicialmente uma fase de percepção, seguida por uma imagem mental da resposta a ser concretizada, resultando na tomada de decisão.

Dentre as primeiras teorias relacionadas à tomada de decisão, destacam-se as teorias clássicas do cognitivismo, que se baseiam em modelos computacionais relacionando-os com fenômenos psicológicos (NEWEL e SIMON, 1972). Tais autores considerem que o ser humano utiliza de estratégias apoiadas em métodos heurísticos para resolução de um problema que pode ter inúmeras soluções.

Dentro das teorias cognitivistas, Anderson (1982) postula que o conhecimento que é adquirido por meio do raciocínio é advindo da solução adotada para o problema, servindo como base para resolução de problemas semelhantes, resultando na diferença de níveis entre indivíduos mais e menos experientes. Pode-se então observar como o indivíduo elabora e relaciona-se com estratégias de raciocínio. Mais tarde, Swanson (1987) contextualiza a relação entre a dificuldade de aprendizado e o processamento de informação, apontando alguns elementos intervenientes no modelo do processamento da informação que podem intervir no desempenho da tarefa. Pesquisas recentes ainda têm utilizado estes modelos computacionais a partir de uma perspectiva

de modelagem cognitiva individual tendo como suporte a Teoria do Campo de Decisão (RAAB e JOHNSON, 2004; JOHNSON, 2006).

No mesmo enfoque teórico, Sternberg (2000) considera a importância do raciocínio como pertencente aos processos cognitivos relacionado à função de tirar conclusões com base em evidências, repassando o conhecimento e inferindo conclusões. O mesmo autor considera dois tipos de raciocínios diferentes: O Raciocínio Dedutivo, que é mais aproximado ao contexto esportivo, implica em analisar proposições lógicas, a partir das quais podem ser criadas regras ou premissas. Como exemplo, pode ser citada uma situação em que o jogador tem duas opções: “Quando o defensor sai para marcar, então eu passo a bola para meu companheiro” (GRECO, 2009; RAAB, 2001). E existe também o Raciocínio Indutivo que é representado pelo processo de raciocinar a partir de fatos ou observações específicas para alcançar uma provável conclusão que possa explicá-los, podendo assim tentar prever circunstâncias específicas futuras. O elemento que distingue o raciocínio indutivo do dedutivo é que não é possível alcançar uma conclusão lógica certa, apenas uma conclusão provável ou particularmente bem fundamentada (STERNBERG, 2000).

3.2.3.2 Teorias ecológicas

Contrariamente às teorias clássicas do cognitivismo, destaca-se outra abordagem que se pauta em princípios denominados ecológicos, oriundas basicamente das teorias da aprendizagem motora, como no caso da teoria dos sistemas dinâmicos, formulada por Gibson (1982). Algumas pesquisas desenvolvidas na área de aprendizagem motora e de tomada de decisão conforme os paradigmas teóricos da percepção-ação, percepção direta e affordances têm investigado outro pressuposto que busca analisar a tomada de decisão no contexto esportivo sob outra ótica (GOLDSTEIN e GIGERENZER, 2002; ARAÚJO, DAVIDS e SERPA, 2005; RAAB, 2007).

Considera-se tanto nas teorias ecológicas como na teoria dos sistemas dinâmicos a importância da relação pessoa-tarefa-ambiente na realização das ações em esportes,

implicando na tomada de decisão de um atleta. Embora as considerações de Newell (1993) norteiam a perspectiva dinâmica, é na formulação da teoria da ação que é apresentado o destaque não somente das relações internas, como também fundamentalmente dos processos cognitivos que interagem nessa tríade, além das relações entre os aspectos objetivos e subjetivos, considerando a pessoa, seu conhecimento e a percepção da situação. Neste enfoque, assume-se que o princípio normativo que existe uma relação direta e mútua entre o sujeito e o ambiente, na qual a informação presente no ambiente e recebida é percebida pelo sujeito de forma direta (GRECO, 2009).

3.2.4 Modelos fundadores da tomada de decisão em esportes

De acordo com Tavares, Greco e Garganta (2006) o conceito de processamento de informação tem sido contemplado por vários modelos como várias fases seqüenciais, tendo como característica básica a entrada de um estímulo externo (input), seguido pela saída (output), de forma que à medida em que uma fase é concretizada, esta é precedida por outra e assim sucessivamente. No modelo de Temprado e Famose (1993) *apud* Greco (2009) o processamento da informação é realizado em três fases seqüenciais: A fase perceptiva, fase de decisão e a fase motora. Na mesma direção, outro modelo semelhante foi elaborado por Konzag e konzag (1981) *apud* Greco (2009) que também destaca três fases no processamento da informação: Preparação para a tomada de decisão, a própria tomada de decisão e a execução e o controle da realização.

A principal crítica gerada a partir dos modelos apresentados, gira em torno das diversas situações de jogo em que o atleta não teria tempo suficiente para efetuar todo o processamento da informação e conseqüentemente o cumprimento de todas as fases (GRECO, 2009). Para Tavares (1995), estes modelos de tomada de decisão são encontrados apenas em atletas principiantes, uma vez que em situações que solicitam extrema velocidade e precisão, tais modelos não supririam a demanda.

Outro conceito acerca dos modelos de tomada de decisão pauta-se em modelos antecipativos de resposta-consequência em decisões táticas. Raab (2007) considera dois elementos como determinantes de forma integrada: *bottom-up*, que é um processo implícito e descreve primeiramente o processo da percepção e *top-down*, que se refere a um processo explícito e descreve o objetivo a ser alcançado. Deste modo pode-se elaborar situações de jogo através das quais o praticante proceda à construção de regras (sentenças) de comportamento tático do tipo “se..., então...” (RAAB, 2001). Em situações praticas, pode-se exemplificar uma situação em que o atleta tem uma decisão tática à tomar, e, este deve tomá-la baseado em sentenças como: “se o defensor sai para marcar então eu toco a bola para o meu companheiro”, ou “se o defensor não sai para a marcação então eu continuo com a bola e chuto para o gol”. Tais processos descritos por Raab estão relacionados a procedimentos de aprendizagem incidental.

Do ponto de vista de Greco (2009), este tipo de modelo reforça a necessidade de se integrar o desenvolvimento das capacidades cognitivas através da melhoria dos processos cognitivos paralelamente com o ensino-aprendizagem-treinamento tático, apresentando situações de jogo que facilitem e promovam um aprendizado incidental, para posteriormente trabalhar de forma intencional a tomada de decisão em situações semelhantes.

Greco (2006) na busca pela compreensão do processo de tomada de decisão no contexto esportivo elucida um modelo intitulado como Modelo Pendular. No presente modelo, o autor aponta que para descrever um processo de tomada de decisão é necessário considerar quais as estruturas e os processos que se relacionam com ela, mais adiante ainda é necessário conhecer quais as funções que as possíveis estruturas realizam e como se relacionam entre si.

Acerca do processo de tomada de decisão, Greco (2009) postula que três estruturas relacionadas compõe o processo decisório, Estas são intituladas como Estrutura de Recepção de Informação, Elaboração da Informação e Estrutura decisória. Deve-se considerar que as estruturas relacionam-se e interagem de forma dinâmica e recíproca,

de acordo com o conhecimento técnico-tático que o atleta possui. Resultante as interações estruturas surge o processo de tomada de decisão, que está diretamente relacionado a inteligência como à criatividade. Ainda vale ressaltar que as informações são tratadas tanto seqüencialmente como paralelamente, sendo elaboradas em diferentes níveis hierárquicos no organismo, por conta deste fato surge o título do modelo como Modelo Pendular.

Outro elemento relevante no presente modelo são os processos cognitivos, tais processos são representados pela atenção, antecipação e a percepção. Greco (2009) considera que estes três processos aliados ao conhecimento do indivíduo, podem resultar na consolidação da recepção da informação, ressaltando assim a importância das habilidades cognitivas no referido processo de tomada de decisão.

3.3 Aspectos intervenientes na capacidade de tomada de decisão

Ainda no espectro da tomada de decisão e inserido diretamente dentro do contexto esportivo, destacam-se os aspectos intervenientes no desempenho esportivo, mais especificamente na tomada de decisão, ou seja, estes aspectos fazem menção à habilidades psicológicas que interferem no resultado da decisão, quer implicando no sucesso, bem como no fracasso.

Inúmeras pesquisas têm sido realizadas no âmbito de investigar a influência de vários aspectos psicológicos intervenientes no processo decisório dentro do contexto esportivo. Dentre as investigações realizadas, destacam-se pesquisas relacionando a capacidade de tomada de decisão com a atenção de atletas de diversas modalidades esportivas e diversos níveis competitivos (WILLIAMS e DAVIDS, 1998; SALVELSBERGH et al., 2002; MEMMERT e FURLEY, 2007; CAÑAL-BRULAND, 2009; MEMMERT, SIMONS e GRIMME, 2009), são destacadas também as pesquisas que investigam fatores emocionais, como a ansiedade e o medo influenciando na tomada de decisão (HUMARA, 1999; MULLEN, HARDY e TATTERSALL, 2005), outras investigações ainda que tratam de vários aspectos associadamente relacionados com a

tomada de decisão (WILLIAMS e ELLIOTT, 1999; WILSON, WOOD e VINE, 2009). Sob outra perspectiva, algumas pesquisas ainda destacam o aspecto da competência para a resolução de problemas no contexto esportivo (VIEIRA, 1993; FERREIRA, FERNANDES e VASCONCELOS-RAPOSO, 2003; FIGUEIREDO, 2010). Há ainda aspectos relacionados ao compromisso com a aprendizagem, ou seja, quanto o atleta se compromete a seguir as orientações do seu treinador, bem como a relação do treinador com o atleta, dentro de uma perspectiva de liderança, também é observada na literatura e deve ser contemplada nos aspectos intervenientes relacionados à tomada de decisão no contexto esportivo (BAKER, YARDLEY e CÔTÉ, 2003; LOPES, SAMULSKI e NOCE, 2004; GOMES, PEREIRA e PINHEIRO, 2008).

Diante de situações que consideram a tomada de decisão como um assunto preferencialmente cognitivo, Ruiz e Graupera (2005) consideram que é também uma questão emocional, volitiva e motivacional, o que implica que os outros fatores devem ser considerados como a confiança em seu próprio potencial, preocupação com a melhoria na tomada de decisões ou a capacidade de superar situações de risco e de responsabilidade do jogo.

O processo de tomada de decisão é um processo cognitivo e social, pessoal e de grupo, em que a subjetividade dos atletas põe-se em situação apostando na resposta mais adequada à situação percebida. Analisá-lo unicamente desde sua vertente mais cognitiva, corrompe sua verdadeira essência e está é pessoal e emocional de auto-percepções que dinamizam o desejo de atua (GARCÍA, RUIZ e GRAUPERA, 2009).

Embora a Psicologia do Esporte tenha destacado o papel da dimensão emocional no desempenho, há pouca atenção dada pelos pesquisadores para estudar o que eles pensam, sentem ou o valor dos atletas, seus atos de decisão no campo e o que influencia as suas decisões (RUIZ e GRAUPERA, 2005).

É muito necessário lembrar que a atividade decisória no esporte é tanto uma atividade cognitiva, quanto afetiva. A confiança na própria capacidade de decidir é um fator

importante e que as decisões são influenciadas pelo estado emocional e afetivo do atleta, seus medos, temores, confiança nas suas capacidades, desejos, pressão, fadiga ambiente ou a avaliação subjetiva do risco que conduzem (RUIZ et al., 2000 APUD GARCÍA, RUIZ e GRAUPERA, 2009).

3.3.1 Competência decisional percebida

A competência decisional percebida refere-se à percepção de que o atleta tem acerca da sua própria competência para decidir em seu esporte, tanto pela opinião de outras pessoas significativas acerca do seu desempenho ou por comparação com seus companheiros e adversários (RUIZ e GRAUPERA, 2005). É relevante considerar que conhecer a fundo as auto-percepções dos esportistas não é uma tarefa fácil, embora em modalidades como o futsal tal tarefa de conhecimento seja necessária. Uma vez que as decisões devem ser rápidas tendo em vista os vários estímulos e a velocidade com que os mesmos alteram-se, aqueles atletas que percebem-se mais competentes podem se sobressair em relações aos seus companheiros que se percebem menos competentes para decidir (GARCÍA, RUIZ e GRAUPERA, 2009).

Fernandes et al. (2007), ressalta a importância do atleta se perceber competente psicologicamente, de uma forma geral, para situações de rendimento esportivo, sendo que tal competência pode ser responsável por 40% a 90% do sucesso esportivo. O mesmo autor ainda aponta que quanto maior é o nível competitivo em que o atleta está inserido maior é a demanda psicológica que o mesmo enfrenta.

O atleta que apresenta um alto nível de competência decisional percebida é caracterizado como alguém que prefere decidir, que não se importa em tomar decisões arriscadas, mesmo porque se acha competente para isso, além de assumir uma postura otimista em relação às dificuldades que surgem (GASPAR, FERREIRA e PÉREZ, 2005; LOPES, 2008).

Considerando a competência como um elemento psicológico interveniente, a literatura na psicologia esportiva tem se pautado nos estudos de Harter (1978), Harter e Connell (1984), Harter (1992), entre outros a respeito da Percepção de Competência. A presente autora embasa seu modelo considerando que durante o processo de desenvolvimento de uma habilidade motora, ou uma tarefa, existe uma interação entre motivação, percepção de competência, percepção de controle, além das conquistas. Nesta perspectiva é traçado o comportamento do indivíduo e são determinadas as metas de realização.

A percepção de competência pode ser definida como os sentimentos do indivíduo em relação a sua capacidade para realização de uma tarefa ou habilidade. Tais sentimentos, ou seja, a forma como o indivíduo percebe-se tem um impacto direto em seu comportamento. Aqueles indivíduos que se percebem competentes tendem a persistir por mais tempo na tarefa. Em contrapartida, aqueles indivíduos que não se percebem competentes, tendem a evitar a realização de tarefas para não demonstrarem-se inferiores (HARTER, 1978).

Grande parte das investigações sobre percepção de competência tem se focado em estudos que envolvam a população infantil, uma vez que o modelo da presente autora faça menção a tal população. Tais pesquisas têm abordado percepção de competência de crianças (VALENTINI, 2002a; VALENTINI, 2002b), escolares (ALMEIDA, VALENTINI e BERLEZE, 2009), crianças com deficiência mental (STRIOTO, VIEIRA e VIEIRA, 2009), entre outros.

Embora a maioria dos estudos investigue a percepção de competência de uma forma geral, a literatura também apresenta investigações sobre tal temática dentro do contexto esportivo, realizando investigações com atletas de diversas modalidades. Dentre os diversos estudos, podem ser citados os estudos de Vieira (1993) sobre a percepção de competência de atletas adolescentes, Ferreira, Fernandes e Vasconcelos-Raposo (2007) sobre a percepção de competência física o índice de massa corporal e a competência efetiva em jogadores de basquete, Piffero (2007) em

um programa de intervenção com atletas iniciantes de tênis de campo, Figueiredo (2010) avaliando a percepção de competência de tenistas, Matheus (2009) investigando a percepção de competência física de jogadores e jogadoras de futebol.

Algumas pesquisas têm ido mais adiante quando referem se à percepção de competência atuando como um elemento interveniente na capacidade de tomada de decisão. Algumas investigações realizadas acerca do estilo de tomada de decisão (CETD – Questionário de Estilo de Tomada de Decisão) têm demonstrado que os atletas, independentemente da modalidade esportiva em questão, apresentam um alto índice de competência decisional percebida, em comparação às demais dimensões psicológicas analisadas pelo questionário, indicando que os atletas percebem-se altamente competentes e aptos a desenvolver suas habilidades no contexto esportivo (RUIZ e GRAUPERA, 2005; LOPES, 2008; COLL, PÉREZ e SANZ, 2009; SÁNCHEZ et al., 2009).

Finalmente, enfatizar a necessidade de se desenvolver a percepção da competência faz-se uma tarefa importante quando esta se refere ao contexto esportivo de rendimento. Deve-se buscar desenvolver o senso de competência nos atletas, assim como outras capacidades que sejam necessárias para o sucesso esportivo viabilizando assim tal sucesso (VIOLAS, 2009).

3.3.2 Ansiedade e medo

Diversos são os fatores encontrados dentro do contexto esportivo que podem desenvolver comportamentos ansiedade e medo sob as mais variadas situações. Para Román e Savóia (2003), situações como erros que o atleta comete em campo durante o jogo, competições acirradas, pressão da torcida, salários atrasados, lesões inesperadas, dentre outras, podem vir a desenvolver respostas de ansiedade, ou seja, uma resposta física diante de uma situação de ameaça real ou uma situação interpretada como ameaçadora.

Cozzani et al. (1997), definem a ansiedade como um estado emocional de apreensão e tensão, em que o indivíduo responde a uma situação, não perigosa, mas ameaçadora, com um grau de intensidade e magnitude desproporcionais ao objeto em questão. A ansiedade também pode ser definida como uma emoção caracterizada por sentimentos de previsão de perigo, tensão, aflição e vigilância do sistema nervoso simpático. Outro aspecto relevante faz menção à relação entre a ansiedade e o medo. Davidoff (1983) considera que o objeto do medo é fácil de identificar, enquanto o objeto da ansiedade não é claro.

Martens, Vealey e Burton (1990) postulam que a ansiedade pode ser caracterizada como Ansiedade-Traço e Ansiedade-Estado. Em complemento, outros comportamentos ainda podem estar inerentes à comportamentos ansioso, como a ansiedade cognitiva, ansiedade somática, componentes de ativação, percepção à ameaça e o estresse.

A Ansiedade-Traço pode ser definida como uma característica estável do indivíduo (SPIELBERGER, 1966). A Ansiedade-Traço também pode ser definida como uma predisposição para perceber certos estímulos ambientais como ameaçadores ou não ameaçadores e de reagir a estes estímulos como diferentes níveis de um estado. (MARTENS, VEALEY e BURTON, 1990).

Corrêa et al (2002) considera como Ansiedade-Estado toda a reação de apreensão e incerteza, que gera reações fisiológicas como taquicardia, dor de estômago, medo, entre outras. Na mesma perspectiva, Martens, Vealey e Burton (1990) definem a Ansiedade-Estado é um estado emocional existente ou atual caracterizados por sentimentos de apreensão, tensão e associada com a ativação do organismo. Este estado pode estar relacionado com a influência negativa da ansiedade no esporte.

A Ansiedade-Estado pode ser observada sobre dois aspectos: O aspecto cognitivo, que é representado pelo componente mental da ansiedade, ou seja, o sentimento de preocupação, as expectativas negativas sobre o sucesso, auto-avaliações negativas. Outros efeitos podem ser representados por típicos pensamentos automáticos

disfuncionais que podem invadir a mente do atleta, por exemplo: “tenho que fazer o gol”, “não estou conseguido fazer o gol”, “hoje não é o meu dia de sorte”. O aspecto somático refere-se aos elementos fisiológicos e afetivos da experiência de ansiedade que se desenvolvem diretamente da excitação autonômica. Tal aspecto também pode ser representado quando existem mudanças na percepção subjetiva da ativação fisiológica do atleta. Alguns sintomas referentes ao aspecto somático da ansiedade o aumento da frequência cardíaca, dilatação das pupilas, respiração ofegante, mãos úmidas, tensão muscular, dentre outros (MARTENS, VEALEY e BURTON, 1990; WEINBERG e GOULD, 2001; ROMÁN e SAVÓIA, 2003).

Tendo em vista o comportamento ansioso, tanto manifestado sob forma de Ansiedade-Estado como Ansiedade-Traço, pode-se notar que atletas com alto índice de Ansiedade-Traço tendem também a apresentar elevado nível de Ansiedade-Estado. Tal consideração pode possuir uma denotação relevante, entretanto, um índice alto ou baixo de Ansiedade-Estado pode ser muito pouco elucidativo para explicar o desempenho esportivo (CORRÊA et al, 2002).

Um ponto relevante a ser considerado é que a ansiedade não é apenas um componente negativo no desempenho esportivo. Hanin (1997) traz uma importante consideração quando aponta em seu modelo à existência de zonas individualizadas de desempenho ideal (*IZOF – Individualized Zones of Optimal Functioning*). O mesmo autor indica que os atletas de elite têm uma zona de Ansiedade-Estado ideal em que ocorre seu desempenho de forma potencializada. Este nível de ansiedade é subjetivo, pois ele pode variar de acordo com as características pessoais de cada atleta. Em algumas modalidades, é necessário que o atleta tenha um nível de ansiedade baixo, em outras modalidades o nível ideal para o melhor desempenho pode ser médio e, para outras ainda, pode ser necessário um alto nível de ansiedade. O fator que deve ser levado em consideração é o fato do atleta estar com um nível de ansiedade compatível com a sua modalidade, sendo assim, este está psicologicamente em controle (CORRÊA et al, 2002). Considerando a ansiedade como aspecto interveniente no desempenho esportivo, deve-se salientar que o nível ótimo de ansiedade antes da

competição pode contribuir para um melhor desempenho no contexto esportivo, podendo este variar de acordo com a individualidade de cada atleta além do tipo de esporte (MORAES, 1990).

Em se tratando da ansiedade no contexto esportivo, Martens, Vealey e Burton (1990) apontam que muitas causas podem ser promotoras do aparecimento da ansiedade antes das competições, entretanto, de forma geral, dois fatores destacam-se entre os demais: A incerteza que os atletas possuem acerca do resultado, bem como a importância que o resultado representa para os indivíduos.

Além de contemplar a ansiedade de forma isolada dentro do ambiente esportivo, devem ser observados outros fatores psicológicos que podem atuar associadamente. Podem ser destacadas as relações entre ativação emocional acompanhada com a ansiedade implicando na redução da atenção e concentração durante a execução de uma tarefa ou ainda durante uma partida. Mais adiante, a teoria da atenção explica o processo de aumento da ativação se dá concomitantemente com a diminuição do campo de visão (visão de túnel), da mesma forma, entretanto sobre o espectro inverso, a queda da ativação amplia a visão ocorrendo, portanto foco de atenção direcionado a objetos ou ações irrelevantes (MORAES, 1990).

Atualmente as pesquisas no campo da psicologia do esporte têm contemplado a ansiedade sob os mais diversos paradigmas, bem como na relação com vários fatores psicológicos. Citando algumas, podem ser observadas na literatura pesquisas relacionando a ansiedade com a auto-eficácia em jogadores de futebol (FERREIRA, 2008), a relação entre ansiedade e atenção (MEMMERT e FURLEY, 2007; WILSON, WOOD e VINE, 2009), a relação entre ansiedade e desempenho (HUMARA, 1999; MULLEN, HARDY e TATTERSALL, 2005) e da comparação da ansiedade de atletas com maior e menor nível de experiência esportiva (WILLIAMS e ELLIOTT, 1999).

Dentro da presente dissertação, o jogador com alto índice no fator ansiedade e medo ao decidir, caracteriza-se por uma dificuldade de tomar decisões, com um predomínio

do estilo pessimista, tendo em vista a valorização exacerbada de fracassos anteriores, o que, por si só, interfere negativamente na atuação do atleta e na percepção de baixa capacidade em agir de maneira correta em suas decisões futuras, já que não considera que possui os recursos necessários (GASPAR, FERREIRA e PÉREZ, 2005; LOPES, 2008).

A ansiedade e o medo referem-se à dimensão negativa de tomada de decisão em virtude das circunstâncias geradoras de estresse, temores e preocupações relacionadas ao fato de decidir em seu esporte. Dessa forma, a ansiedade pode influenciar diretamente na capacidade de tomada de decisão, uma vez que o atleta diminui tal capacidade os titubear, ou seja, a jogada específica que ele fará em um determinado momento é muitas vezes influenciado pela ansiedade. O titubeio esta na indecisão que a ansiedade provoca, pois há o decréscimo da flexibilidade mental, o jogador desconcentra-se da jogada (RUIZ e GRAUPERA, 2005; ROMÁN e SAVÓIA, 2003).

3.3.3 Compromisso com a aprendizagem

Finalmente, o terceiro fator, descrito como aspecto psicológico interveniente na capacidade de tomada de decisão está relacionado ao compromisso que o atleta manifesta na melhoria da sua competência para decidir e o acompanhamento tático ao conselho de seus treinadores (RUIZ e GRAUPERA, 2005).

O atleta que possui elevado nível na dimensão de compromisso com a aprendizagem, demonstra um compromisso com os aspectos estratégicos do jogo, procurando seguir à risca as orientações do treinador, o que caracteriza a predominância de um estilo conservador, na medida em que se trata de seguir o que está estabelecido previamente (GASPAR, FERREIRA e PÉREZ, 2005; LOPES, 2008).

Quando se trata do Compromisso com a aprendizagem, ou seja, quanto o atleta esta comprometido em seguir as diretrizes ditadas por seu treinador, a psicologia esportiva

busca analisar tal relação dentro de uma perspectiva de liderança, considerando o papel da liderança exercido pelo treinador implicado nas instruções dadas aos atletas e tais instruções representando sucesso ou fracasso no contexto esportivo. Considerando tal influência do líder, esta pode ser determinante para o sucesso do processo (NOCE, 2006).

O treinado, dentro do contexto esportivo, exerce uma forte influência sobre as experiências que o atleta vivencia. Tal influência pode ser refletida em suas ações, tomadas de decisões, atitudes, filosofias e metodologias de trabalho, os valores atribuídos e a natureza da sua interação apresentam valores relevantes para a percepção de uma forma geral de seus participantes. O treinador pode ainda intervir no aspecto motivacional dos atletas, uma vez que sua percepção de competência pode interferir nos níveis de motivação para a prática esportiva (LIUKKONEM et al., 1996; SMITH, SMOLL e CUMMING, 2007; CUNHA, 2008).

Na esfera que compreende a relação técnico-atleta, destaca-se o modelo de *Coaching*, citado por Cotê et al. (1995). Neste modelo é possível compreender o funcionamento da relação técnico-atleta dentro de uma visão holística para o desenvolvimento do treinador. Dessa forma são levados em consideração aspectos multidimensionais, tais como fatores contextuais, características de personalidade do atleta e do treinador, o nível de maturidade do grupo, os objetivos a serem alcançados e o desenvolvimento dos atletas.

Costa (2003) explica o modelo de *Coaching* dividindo-o em componentes periféricos e centrais. O autor cita que os componentes centrais foram definidos para descrever o trabalho do treinador segundo a própria perspectiva. Os itens que afetam este processo são: Competição, Treinamento e a Organização, que recebem influência da avaliação do treinador a respeito do potencial dos atletas. Os componentes periféricos que afetam este processo são as características pessoais do treinador, as características pessoais dos atletas, o seu nível de desenvolvimento e também os fatores contextuais. Finalmente, a união dos componentes centrais com os componentes periféricos e suas

inter-relações visam alcançar o objetivo central de todo o processo, que é o desenvolvimento do atleta.

Além do modelo de *Coaching*, diversas outras teorias, dentro do campo da liderança, buscam explicar como tal comportamento se desenvolve dentro de equipes esportivas e qual o efeito da liderança no resultado e no desempenho situacional. Entre estas teorias destacam-se: Teoria dos traços de personalidade do líder (LEITÃO, 1999; WEINBERG e GOULD, 2001), Teoria dos comportamentos do líder (SERPA, 1990; CASE, 1998), Teorias de liderança situacional (HORN e CARRON, 1985).

Um modelo que tem sido muito utilizado atualmente na literatura para explicar o comportamento de liderança no esporte é o Modelo Multidimensional de Liderança no Esporte (CHELLADURAI e SALEH, 1978; CHELLADURAI, 1990). Segundo Chelladurai (1990) o comportamento do treinador é um fator fundamental da satisfação e desempenho do atleta, tornando-se um resultado de interação de três características: Relacionadas à situação, ao próprio treinador e aos membros do grupo.

Dentro de seu modelo, Chelladurai (1990) considera três níveis de estudo no processo de liderança. O primeiro nível é representado pelos Antecedentes, que estão relacionados às características da situação, do líder e da equipe. O segundo nível é representado pelo Comportamento do Líder, que se relaciona ao comportamento preferido, real e exigido. E, por último, o terceiro nível que é representado pelas Conseqüências, gerando assim a performance e satisfação do grupo.

Costa (2003) considera a liderança como um processo interacional, de forma que a eficácia do líder tem que levar em consideração não só as características situacionais e as características do líder, mas também as características do grupo. Portanto, o desempenho do grupo e a satisfação de seus membros são considerados como uma conjunta dos três tipos de comportamentos do líder – Comportamentos exigidos, reais e preferidos.

Ao longo dos anos diversas investigações têm sido realizadas acerca dos aspectos da liderança dentro de grupos esportivos. Dentre os vários paradigmas investigados, podem ser observados estudo que investigam o aspecto de liderança no contexto do futebol (SOUZA et al., 2009; COSTA, 2006; COSTA, SAMULSKI e MARQUES, 2006; COSTA, SAMULSKI e COSTA, 2010), outros estudo que investigam a liderança no futsal (COSTA, 2003; GOMES, PEREIRA e PINHEIRO, 2008), investigações sobre a liderança em outras modalidades esportivas (LOPES, SAMULSKI e NOCE, 2004), a comparação entre a influência da liderança em modalidades individuais e coletivas (BAKER, YARDLEY e CÔTÉ, 2003), em situações de treinamento e competição (HOSHINO, SONOO e VIEIRA, 2007) e estudos que avaliaram a percepção de técnicos e atletas sobre a liderança (SONOO, HOSHINO e VIEIRA, 2008). De forma geral, as pesquisas têm indicado que independentemente do contexto investigado, deve-se destacar a importância do aspecto liderança para o sucesso esportivo.

Postas as pesquisas apresentadas, o modelo apresentado anteriormente, bem como as teorias apresentadas nos parágrafos anteriores a respeito da liderança como um aspecto interveniente dentro do contexto esportivo, a presente revisão de literatura do sub-tópico Compromisso com a Aprendizagem, buscou elucidar como se organiza o processo de interação entre técnico-atleta, pautado nas teorias e modelos mais utilizados no âmbito da psicologia esportiva, ressaltando novamente a importância de uma interação positiva entre técnico-atleta na busca pelo sucesso esportivo.

4 MÉTODOS

4.1 Caracterização do estudo

Pesquisa descritiva tipo correlacional, visando descrever as características de determinado grupo de sujeitos, bem como investigar o efeito das variáveis independentes sobre as variáveis dependentes, estabelecendo se há (ou não) determinada associação entre dois ou mais traços ou desempenho (THOMAS e NELSON, 2002).

4.2 Modelo de pesquisa

A pesquisa foi estruturada a partir da Teoria Triárquica da Inteligência de Sternberg (1985). O autor propõe um modelo focado em três subteorias: Contextual, Experiencial e Componencial. A escolha do modelo de pesquisa deve-se ao fato deste permitir analisar a forma com que o indivíduo usa da sua capacidade cognitiva para tomar decisões, essa depende da interação do indivíduo tanto com os determinantes externos como os determinantes internos, e, essa interação bem sucedida é que precederá o comportamento inteligente.

Desta forma, o modelo está fundamentado na teoria triárquica que sustenta três subteorias inseparáveis: a) Contextual: As relações com o mundo externo do atleta, ou seja, como o atleta se adapta, seleciona e modela-se ao ambiente; b) Experiencial: Os tipos de experiência pelas quais o atleta já passou, experimentando experiências novas ou não e c) Componencial: Os determinantes internos do atleta (cognição). Nessa perspectiva, objetivou-se avaliar a capacidade de tomada de decisão dos atletas tendo em vista a forma com que o atleta se relaciona com a equipe, como o atleta aprende ou automatiza novas habilidades esportivas e quais os recursos internos dos atletas decidirem em situações circunstanciais (Figura 1).

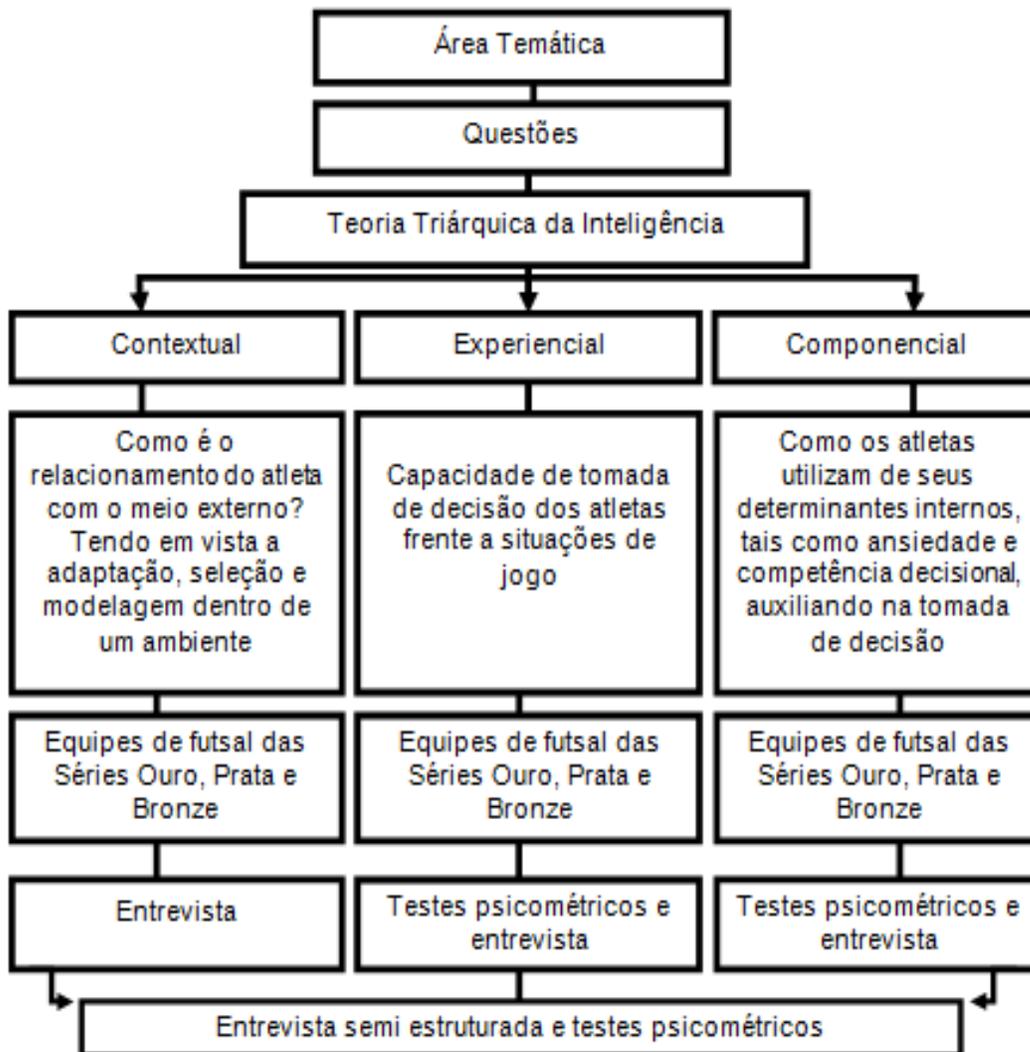


Figura 1. Fluxograma do modelo de pesquisa que foi adotado para o estudo

A escolha de cada elemento caracterizado no modelo de pesquisa foi feita a partir dos seguintes critérios:

Contextual – Foram qualificados como contexto de estudo equipes masculinas do estado do Paraná participantes das Séries Ouro, Prata e Bronze do Campeonato Paranaense de Futsal da categoria adulto, que se classificaram entre as três primeiras equipes em suas respectivas Chaves no ano de 2009.

Experiencial – O processo experiencial foi dado a partir da análise da capacidade de tomada de decisão dos atletas frente a simulações práticas de jogo. Para o estudo do

processo experiencial foram levados em consideração dois elementos importantes: A experiência (idade) e a qualificação do jogador tendo em vista as diferentes Chaves (divisões) do Campeonato Paranaense de Futsal e o nível técnico dos jogadores.

Componencial – Os componentes internos que foram levados em consideração para analisar a capacidade de tomada de decisão foram a Competência decisional percebida, ansiedade e medo ao decidir e Compromisso com a aprendizagem decisional.

4.3 População e amostra

4.3.1 População

No estado do Paraná atualmente disputando o campeonato estadual de futsal existem dezesseis equipes disputando a chave ouro, dezesseis na chave prata e vinte e quatro na chave bronze. Em um levantamento inicial observou-se que o número de atletas participantes do campeonato paranaense de futsal de 2009 nas três chaves de disputa foi de 650 jogadores.

4.3.2 Amostra

Para amostra fizeram parte do estudo 114 atletas, do sexo masculino, tendo como critério de seleção as três equipes melhores classificadas da Chave Ouro (51 atletas), três da Chave Prata (33 atletas) e três da Chave Bronze (30 atletas), pertencentes ao Campeonato Paranaense de Futsal da categoria Adulto melhores classificados no ano de 2009. Que consentiram em participar do estudo assinando o termo de consentimento (Apêndice D).

4.3.3 Amostra estratificada

Para seleção da amostra das Chaves Ouro, Prata e Bronze foram adotados os critérios de classificação no último ano. Um ponto que deve ser levado em consideração é o fato de que as duas melhores equipes (nas chaves prata e bronze) ascendem para as divisões superiores e as duas piores equipes (nas chaves ouro e prata) são rebaixadas, portanto este também foi um critério de inclusão de amostra na pesquisa. Participaram da pesquisa as equipes (9 equipes) dispostas geograficamente em todas as regiões do estado do Paraná (Figura 2). Os sujeitos foram divididos em estratos de acordo com a Chave na qual o atleta está competindo.

Estrato 1 – Atletas da Chave Ouro (1ª divisão - A)

Estrato 2 – Atletas da Chave Prata (2ª divisão - B)

Estrato 3 – Atletas da Chave Bronze (3ª divisão - C)

Após o levantamento do número de atletas participantes em cada extrato, foi feito o contato inicial com as equipes de futsal, bem como com os atletas para solicitação da autorização para a realização da pesquisa. Todos os atletas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a coleta de dados (Apêndice D).

Depois de selecionados os atletas de cada estrato, foi realizada uma escolha aleatória de 9 indivíduos por estrato para aplicação das entrevistas, totalizando 27 atletas para a coleta dos dados qualitativos.

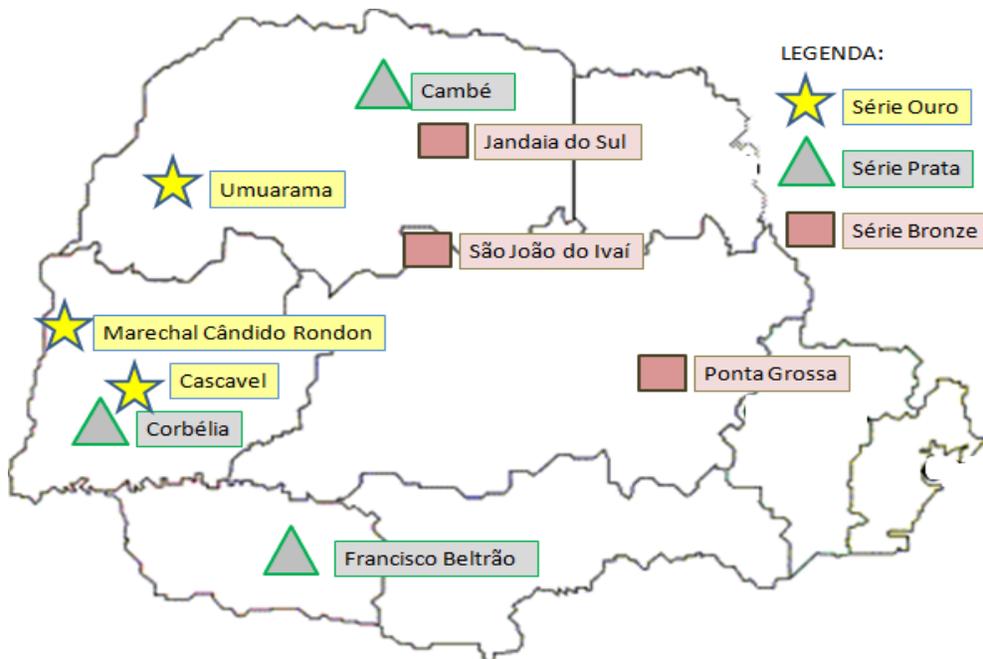


Figura 2. Distribuição da amostra do estudo das equipes de futsal de acordo com a série de disputa do Campeonato Paranaense de Futsal.

4.4 Instrumentos

4.4.1 Ficha de identificação do atleta

Utilizou-se uma ficha para registrar os dados pessoais dos atletas como nome, data de nascimento, idade, endereço, escolaridade, profissão já exercida, profissão exercida atualmente, cidade, equipes que já jogou, o tempo de prática, quantidade de treinos semanais, quantidade de horas treinadas diariamente, se já foi convocado para compor alguma seleção estadual ou nacional (APÊNDICE A).

4.4.2 Testes psicométricos

Tomada de Decisão. Como instrumento de medida para avaliar a capacidade de tomada de decisão tática foi utilizado o Protocolo de Avaliação do Conhecimento Declarativo no Futebol, validado por Mangas (1999). Este protocolo foi desenvolvido por meio de observações de jogos dos principais campeonatos europeus, em que foram

coletadas 31 sequências relativas a diferentes situações. Cada sequência apresentava uma duração de 8 a 12 segundos e terminavam no momento em que o portador da bola se preparava para executar uma determinada ação. Após análise detalhada da imagem por seis peritos, sendo estes treinadores de equipes nacionais e professores da FCDEF (Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – Portugal), foram obtidas onze sequências validas utilizadas no protocolo. Para cada uma dessas sequências, os peritos chegaram a decisões unanimes em uma relação de 6 para 5 (ao menos 5 dentre os 6 peritos foram unanimes) para cada situação, tanto para as melhores soluções como para as piores soluções. O teste é composto por uma sequência de 11 jogadas com duração de 8 a 12 segundos. Deste modo inicia-se a cena da jogada e quando o executante se prepara para realizar a ação, a imagem é parada durante dois segundos. Seguidamente, com um toque no mouse, surge perante o atleta quatro fotografias deste último instante da imagem, para que decida qual a melhor solução. Nessas quatro fotografias, figuravam quatro diferentes soluções para a conclusão da jogada, com setas que indicam o deslocamento do jogador com bola e possíveis trajetórias da mesma. Junto a cada imagem está também um pequeno texto, para ajudar a elencar as possíveis soluções. As fotografias foram numeradas de um a quatro. Os atletas dispunham do tempo necessário para tomar a decisão frente a cada jogada. A resposta é transcrita para uma folha individual, previamente preparada, onde já constam os dados do jogador (idade, anos de prática, treinos semanais e horas de treino semanais). A pontuação do teste é atribuída de acordo com as melhores e as piores soluções para cada jogada. Logo, é atribuído 1 ponto para cada melhor solução e 1 ponto para cada pior solução, ao final do teste é dada a quantidade de respostas melhores e piores para cada situação. Quanto à natureza dos dados, estes podem ser analisados como dados numéricos (quando somada a frequência de melhores decisões subtraídas das piores decisões) ou como categóricos, considerando duas categorias: As melhores decisões (baixa capacidade=abaixo de 5, média=6-7 e alta=8-11) e as piores decisões (baixa capacidade=0 respostas, média=1-2 respostas e alta=3 ou mais respostas). Nesse contexto, as outras respostas intermediárias (duas) não pontuam no teste (ANEXO A).

Questionário de tomada de decisão. Para identificar o estilo de tomada de decisão, foi utilizado o Questionário de Estilo de Tomada de Decisão no Esporte (CETD), desenvolvido por Ruiz & Graupera (2005) e validado para a língua portuguesa por Lopes (2008). O instrumento adota uma escala do tipo Likert de quatro pontos, sendo que o número 1 equivale a discordo totalmente, 2 discordo, 3 concordo e 4 concordo totalmente e analisados a partir de três fatores (competência decisional percebida, ansiedade e medo e compromisso com a aprendizagem), cada um tem 10 itens. A competência decisional percebida refere-se à percepção que o atleta tem de sua própria competência para decidir durante um jogo, seja influenciado pela opinião de pessoas significativas ou por sua comparação com adversários e companheiros de equipe (itens 1,4,7,10,13,16,19,22,25,28). O fator ansiedade está relacionado com a dimensão negativa da tomada de decisão e envolve as circunstâncias causadoras de estresse e ansiedade no momento de decidir no esporte (itens, 2,5,8,11,14,17,20,23,26,29). O fator de compromisso com a aprendizagem envolve sua capacidade de decidir, bem como seguir os conselhos táticos do treinador (itens 3,6,9,12,15,18,21,24,27,30). Quanto à natureza dos dados, estes podem se distribuir de forma numérica (quando calculado o valor médio de cada fator de 1 até 4) ou categórica (quando o valor médio dos fatores é categorizado como baixo, de 0,0 - 2,0 e alto, de 2,1 - 4,0). Na presente pesquisa foi possível observar para este questionário o Alfa de $\alpha=0,69$ (ANEXO B).

4.4.3 Entrevistas semi-estruturadas

A entrevista foi elaborada a partir de uma matriz (Apêndice B) baseada nos elementos do modelo proposto para o estudo, a teoria Triárquica da inteligência (Figura 3). A teoria proposta por Sternberg, a inteligência compreende três subteorias, os quais tratam a relação da inteligência a partir do contexto em que o atleta está inserido (mundo externo), das experiências que este atleta já experimentou e que ainda irá experimentar, e, dos componentes (com o mundo interno) que este indivíduo utilizará para desempenhar ações satisfatórias para o meio em que está inserido.

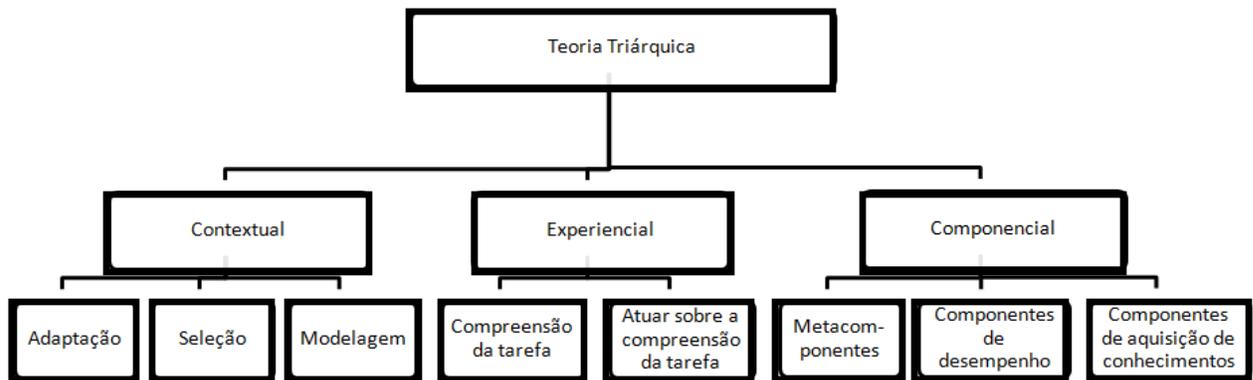


Figura 3. Fluxograma proposto para a coleta de dados da Teoria Triárquica para os atletas de futsal.

Na subteoria Contextual, foram avaliadas as capacidades do atleta de se adaptar com o mundo exterior (STERNBERG, 1985), levando em consideração o *background* cultural, em que o indivíduo possui ou não requisitos necessários para obtenção de sucesso na realização de tarefas ou em determinadas situações (KREBS et al, 1996). Partindo desta premissa são preconizadas três funções essenciais: a) *Adaptação*: Ocorre quando uma atleta tenta atingir um bom ajuste com o ambiente no qual se encontra; b) *Seleção*: Ocorre quando o atleta decide encontrar um novo ambiente em vez de se adaptar ao ambiente ao qual pertence; c) *Modelagem*: Ocorre quando um atleta não consegue encontrar um novo ambiente, logo o atleta necessita fazer alterações no ambiente ou no comportamento a fim de se adaptar melhor as suas aptidões (Figura 4).

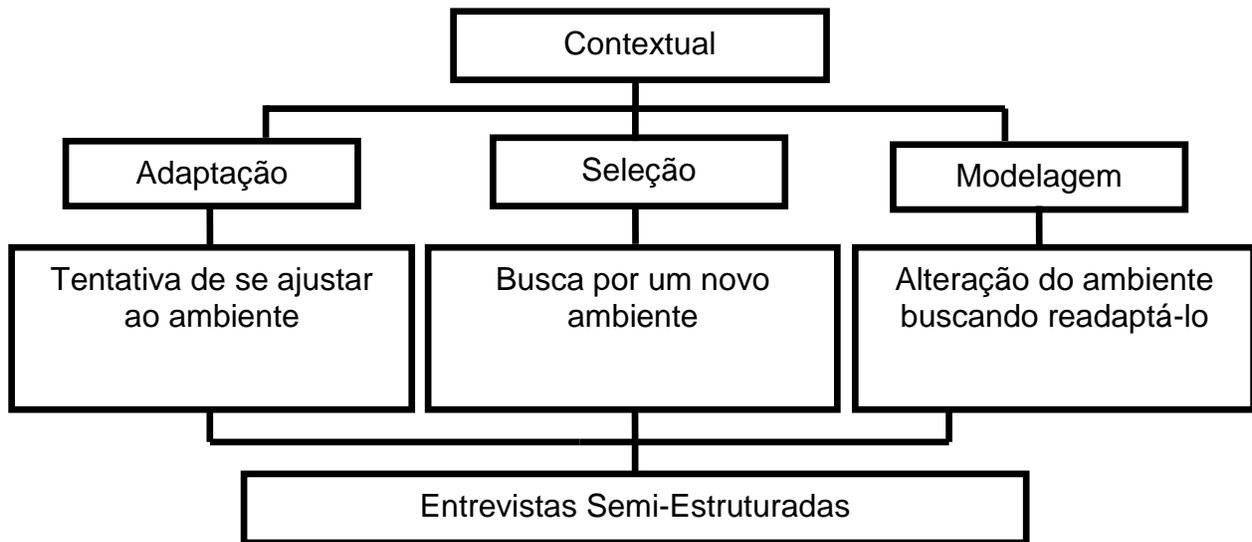


Figura 4. Fluxograma proposto para a coleta de dados da subteoria contextual dos atletas de futsal.

Para a subteoria experiencial, foram considerados dois pólos importantes para a compreensão da inteligência, sendo que, o primeiro refere-se à novidade da tarefa. Deste modo, dois determinantes são relevantes: a) A compreensão da tarefa e b) Atuar sobre a própria compreensão da tarefa. Para que as pessoas inteligentes aprendam rapidamente, elaborando estratégias automáticas para resolução do problema, estas utilizam estruturas cognitivas a fim de interiorizar a informação, e, estes processos são representados pela Codificação, Combinação e Comparação Seletiva (Figura 5).

Já o segundo pólo está relacionado à automatização, que ocorre após o processo de experimentação da novidade da tarefa, logo, à medida que se experimenta a novidade da situação por várias vezes, este fenômeno da novidade diminui e conseqüentemente a tarefa passa pelo processo de automatização.

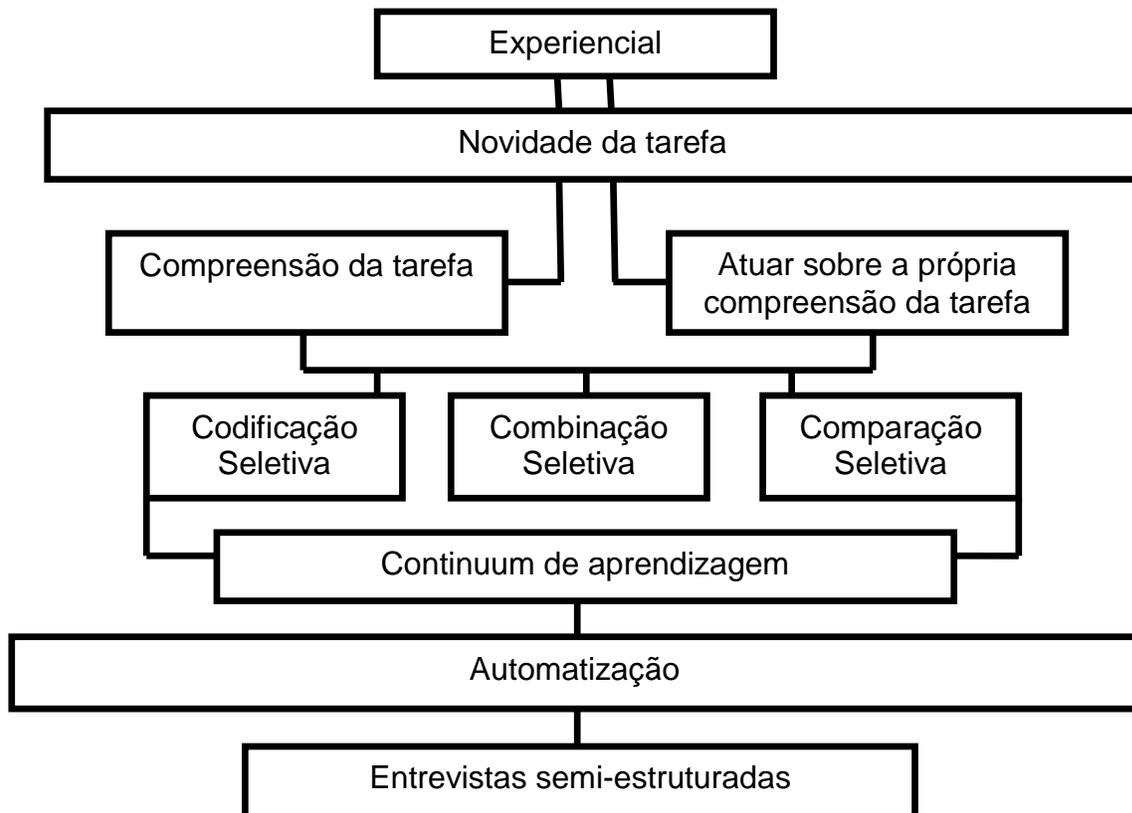


Figura 5. Fluxograma proposto para coleta de dados da subteoria experiencial para os atletas de futsal.

Relacionado com o mundo interno do indivíduo está a subteoria componencial, esta por sua vez, enfatiza que o processamento de informação pode ser concebido em três diferentes tipos de componentes: a) Metacomponentes, que prevalecem no funcionamento intelectual, que são: Decisão precisa do problema a ser resolvido, Seleção dos componentes de ordem inferior, Seleção de uma ou mais representações para a informação, Seleção de estratégias para combinar os componentes de ordem inferior, Decisão sobre até que ponto usar os recursos de atenção, Controle da solução, Sensibilidade e retroalimentação externa; b) Componentes de Desempenho, que são representados pelos Componentes de codificação, Componentes de combinação e comparação e Componentes de resposta; c) Componentes de Aquisição de Conhecimentos, representados pela Codificação seletiva, Combinação Seletiva e Comparação seletiva (Figura 6).

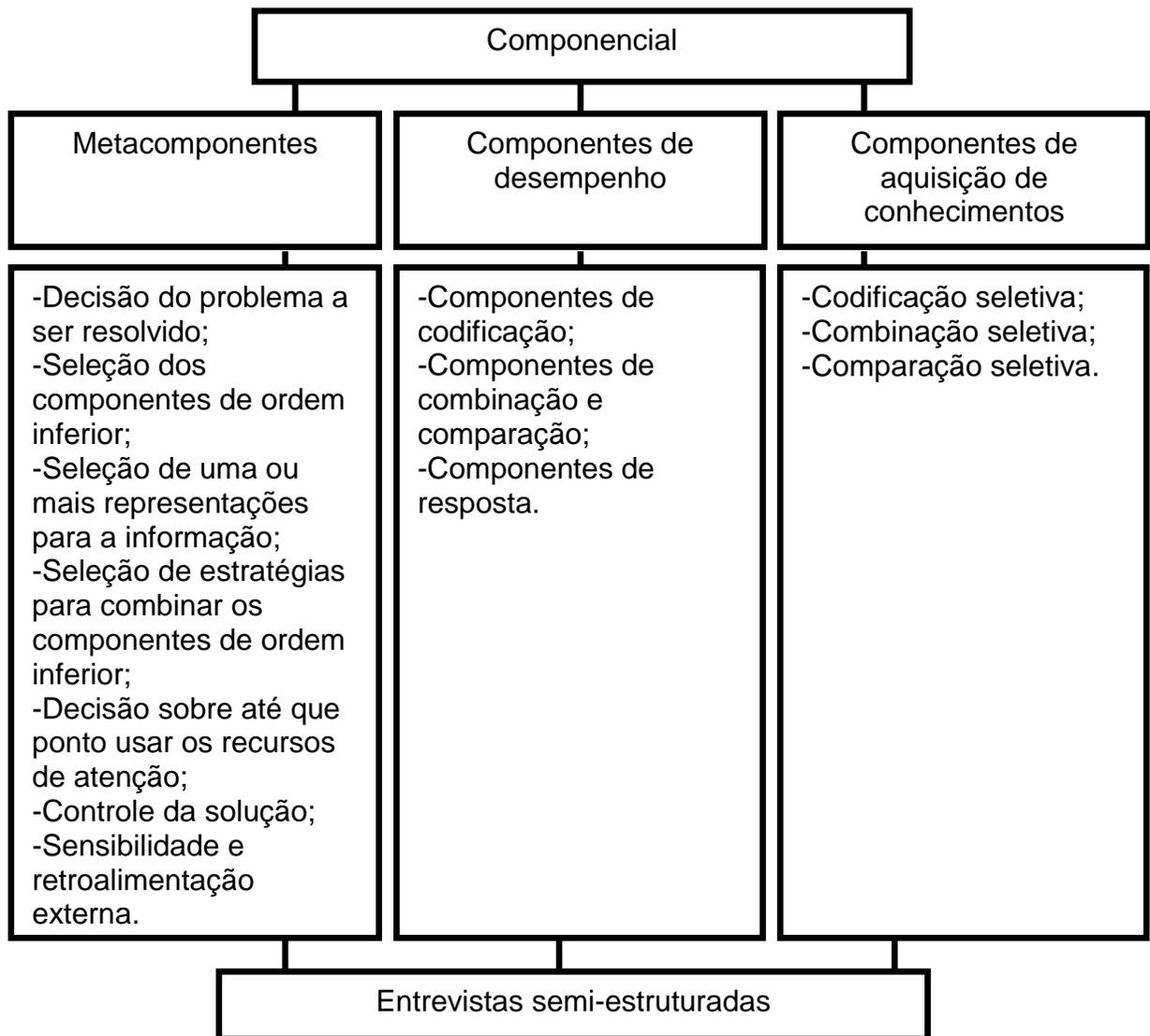


Figura 6. Fluxograma proposto para coleta de dados da subteoria componencial para os atletas de futsal.

De acordo com a teoria Triárquica e suas respectivas subteorias, embasado nos respectivos suportes foi criado um roteiro pré-estabelecido para a realização da entrevista no decorrer da pesquisa (Apêndice C).

4.5 Coleta de dados

Para fins de coleta de dados o projeto inicialmente passou pelo comitê de ética da Universidade Estadual de Maringá, sendo aprovado com o parecer nº 490/2010 (Apêndice F).

4.5.1 Aplicação dos testes psicométricos

Os testes, Protocolo de Avaliação do Conhecimento Declarativo no Futebol, com duração de 6 minutos e o Questionário de Estilo de Tomada de Decisão no Esporte, com duração de 20 minutos, foram aplicados em dias e horários disponibilizados pelos jogadores e pelas equipes, estes foram aplicados coletivamente nos locais de treinamento, sendo respondidos de forma individual. Os materiais necessários foram as folhas de respostas, canetas para preenchimento dos questionários, um Notebook e um projetor Data-Show para projeção das imagens.

4.5.2 Coleta das entrevistas semi-estruturadas

As entrevistas foram realizadas pelo pesquisador individualmente, em um local privativo. Foi solicitada a permissão para a gravação da entrevista para posterior transcrição dos dados na íntegra. Posteriormente as transcrições, as mesmas foram enviadas aos atletas para verificação da validade dos dados transcritos.

O instrumento (roteiro da entrevista) foi previamente testado em uma pesquisa piloto com atletas de futsal. Os dados foram coletados durante o ano de 2010 e o critério para escolha dos entrevistados foi através de uma amostragem representativa, os mesmos não participaram dos dados finais.

4.6 Análise dos dados

Para análise e interpretação dos dados qualitativos foi utilizada a análise de conteúdo do tipo categorial, com mérito de análise temática seguindo os procedimentos de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados (BARDIN, 2008). As categorias foram previamente definidas através das matrizes de análise, baseadas na teoria suporte da pesquisa. As análises das entrevistas foram feitas com suporte na teoria Triárquica da Inteligência de Sternberg (1985), considerando as subteorias contextual, experiencial e componencial.

Para fins de sigilo e identificação dos depoimentos, os atletas foram codificados de acordo com a Chave em que disputavam o campeonato Paranaense de Futsal. Os atletas da Chave Ouro receberam o código AO (AO1, AO2, AO3...), os da Chave Prata receberam o código AP (AP1, AP2, AP3...), e os atletas da Chave Bronze o código utilizado foi AB (AB1, AB2, AB3,...). Após a transcrição, a entrevista foi enviada, na íntegra para os participantes para confirmação do conteúdo, favorecendo à validade dos dados.

Para análise dos dados quantitativos foi feito o teste de ANOVA dois fatores para comparar a capacidade tática de tomada de decisão (numérico), o *Qui-Quadrado para tendências* para verificar a associação entre a capacidade de tomada de decisão entre as categorias (Série Ouro, Prata e Bronze), entre as idades (18-22, 23-27, 28-40) e entre o nível técnico (seleção paranaense e brasileira) após observada associação significativa, foi adotado um modelo de regressão de Poisson com ajuste robusto de variância (categórico). Na comparação do Estilo de Decisão em cada Chave foi utilizado o teste de homogeneidade das variâncias, uma vez que o pressuposto foi assumido utilizou-se o teste ANOVA, seguido pelo teste de comparações múltiplas de Tukey. Durante a comparação entre os níveis de Estilo de Decisão no entre as três categorias de disputa, foi utilizado o teste de MANOVA, realizando primeiramente o teste de normalidade multivariado Box's M test.

4.6.1 Variáveis do estudo

Variáveis	Categoria	Medidas Utilizadas	Escala	Identificação para coleta dados	
Atletas de futsal	chave ouro; chave prata; chave bronze.	Categorização da chave	Categórica ordinal	chave ouro	1
				chave prata	2
				chave bronze	3
	Idade 18-22; Idade 23-27; Idade 28-40.	Categorização da idade	Categórica ordinal	18-22	1
				23-27	2
				28-40	3
Não foram convocados; Seleção paranaense; Seleção brasileira.	Categorização do nível técnico	Categórica ordinal	Não foram	1	
			Sel. Paranaense	2	
			Sel. Brasileira	3	
Protocolo de Avaliação do Conhecimento Declarativo no Futebol	Tomada de decisão	Validado por Mangas (1999)	Numérica	Frequência Melhor decisão subtraída (-) da Pior decisão	
	Melhor decisão: Baixa; Média; Alta. Pior decisão: Baixa; Média; Alta.	Validado por Mangas (1999)	Categórica ordinal	Até 5 respostas	1
				6-7 respostas	2
				8-11 respostas	3
			Categórica ordinal	0 respostas	1
				1-2 respostas	2
3 ou mais				3	
Questionário de Estilo de Tomada de Decisão no Esporte	Competência decisional; Ansiedade e medo; Compromisso com a aprendizagem.	Desenvolvido por Ruiz e Graupera (2005)	Numérica	Competência decisional	1
				Ansiedade e medo	2
				Compromisso com a aprendizagem	3
	Competência decisional; Ansiedade e medo; Compromisso com a aprendizagem. (baixa, alta)		Categórica ordinal	0,0 - 2,0 baixa	1
				2,1 - 4,0 alta	2
Teoria Triárquica da Inteligência (STERNBERG, 1985)	Dados qualitativos	Análise do conteúdo tipo categorial (BARDIN, 1981)	Dados qualitativos	Contextual	1
				Experiential	2
				Componencial	3
	Subteorias Contextual, Experiential e Componencial (baixa, alta)	Categorização da frequência de comportamentos	Categórica ordinal	Baixa	1
				Alta	2

Quadro 1. Descrição das variáveis e categorias adotadas para a análise dos dados.

5 RESULTADOS

Considerando as questões referentes à investigação do impacto das habilidades cognitivas e emocionais sobre a tomada de decisão de jogadores de futsal do estado do Paraná, os resultados serão apresentados em tópicos. O primeiro tópico abordará as capacidades do atleta de adaptação ao contexto, bem como sua capacidade de se relacionar com a novidade e a automatização, além das estratégias utilizadas para o processamento da informação. No segundo tópico será abordada a capacidade de tomada de decisão tática dos atletas de futsal. O terceiro tópico abordará o estilo de tomada de decisão, que é composto pela competência decisional, a ansiedade e o compromisso com a aprendizagem dos atletas. Finalizando, o quarto tópico apresentará a associação entre a capacidade de tomada de decisão com o estilo de tomada de decisão utilizado no contexto do futsal.

5.1 Capacidades cognitivas no contexto esportivo do futsal.

A Tabela 1 apresenta o perfil geral dos atletas de futsal dispostos em suas respectivas chaves de disputa do Campeonato Paranaense de Futsal, em que os atletas da Chave Ouro representam a primeira divisão, os atletas da Chave Prata representam a segunda divisão e os atletas da chave Bronze representam a terceira divisão. Será observada a idade, período de início da modalidade, tempo de prática e a quantidade de treinos semanais.

TABELA 1. Perfil geral dos atletas dispostos em suas respectivas chaves de disputa do Campeonato Paranaense

Perfil dos atletas	CHAVES							
	Ouro		Prata		Bronze		Total	
	\bar{x}	SD	\bar{x}	SD	\bar{x}	SD	\bar{x}	SD
Idade	24,8	4,6	26,6	5,8	22,9	4,5	24,8	5,1
Início da modalidade	10,1	4,6	12,2	4,8	11,7	4,9	11,0	4,8
Tempo de pratica	14,6	5,8	14,3	5,7	11,7	5,6	13,8	5,8
Treinos semanais	10,0	0,0	5,8	3,5	6,0	3,5	7,7	3,3
Horas diárias de treino	2,0	0,0	2,2	0,4	2,0	0,0	2,1	0,2

Observa-se na Tabela 1 que o grupo de atletas mais experientes se encontra nas equipes da chave prata, com uma média de idade de 26,6 (5,8) anos seguidos pelos atletas da chave ouro com idade média de 24,8 (4,6) anos e pelos atletas da chave bronze com média de idade de 22,9 (4,5) anos.

Quanto ao período de início da modalidade pode-se observar que os atletas que disputam a chave ouro iniciaram sua pratica mais precocemente, com uma idade média de 10,1 (4,6) anos, seguidos pelos atletas da chave bronze com 11,7 (4,9) anos e pelos atletas da chave prata, que iniciaram a pratica na modalidade com idade média de 12,2 (4,8) anos. Já com relação ao tempo de pratica na modalidade, destacam-se os atletas da chave ouro com um tempo médio de 14,6 (5,8) anos, seguidos pelos atletas da chave prata com um tempo de 14,3 (5,7) e com menos tempo de prática, os atletas da chave bronze, com uma média de 11,7 (5,6) anos.

Com relação aos treinamentos semanais e as horas diárias de treino, destaca-se uma acentuada diferença dos atletas participantes da chave ouro em comparação aos atletas das demais chaves de disputa. Os atletas da chave ouro realizam 10 treinos semanais, ou seja, dois períodos diários com uma carga horária de 2 horas por período. Já os atletas das chaves prata e bronze, fazem 5,8 treinos e 6 treinos semanais respectivamente com uma carga horária de treinamento de 2,2 e 2,0 horas respectivamente.

Para apresentar a capacidade de adaptação ao contexto esportivo, a subteoria Contextual, presente na teoria Triárquica da Inteligência (Sternberg, 1985), busca descrever como é realizado o procedimento de adaptação, seleção e modelagem nas equipes esportivas de futsal do estado do Paraná (Quadro 2).

Elementos da subteoria contextual	Características comportamentais dos atletas	%
Adaptação	- Relacionamento interpessoal atleta x atleta;	60,8
	- Relacionamento interpessoal Atleta x comissão técnica	8,6
	- Demonstrar desempenho técnico	6,5
	- Esperar aproximação dos companheiros	6,5
	- Outros	17,6
Seleção	- Dificuldade de relacionamento com a equipe	38,2
	- Nunca aconteceu	11,7
	- Falta de adaptação ao clima e a língua	8,8
	- Dificuldade de aceitação por parte da equipe	8,8
	- Outros	32,5
Modelagem	- Resolução dos conflitos com diálogo entre a equipe	56,2
	- Permanecer neutro perante uma situação	15,6
	- Coesão pela tarefa	12,5
	- Demonstrar capacidade técnica	6,2
	Outros	9,5

QUADRO 2. Freqüência e percentual dos elementos de adaptação, seleção e modelagem referente à subteoria contextual dos atletas de futsal.

No primeiro elemento, a adaptação, de acordo com a descrição dos atletas, o comportamento de maior prevalência foi o relacionamento interpessoal atleta x atleta, com uma freqüência de 60,8% das respostas, incluindo as três chaves de disputa,

como podem ser observados nos depoimentos dos atletas das Chaves Ouro, Prata e Bronze respectivamente:

Acho que eu procuro fazer novas e várias amizades conhecer todo mundo, isso aí, conhecer todos, fazer bastante amizade. Tenho bastante facilidade, com todos, já quando eu chego, eu procuro conversar com todos, acho que nos primeiros dias você já conhece todos, daí você vê durante o ano quem que são os teus amigos e no caso aqui acho que todos são, e eu tenho facilidade de conversar com todos. Gosto muito de fazer novas amizades, sou um cara que procuro fazer, logo que chego sempre procuro me enturmar o mais rápido possível (AO3).

Ah, primeiramente é se tornar amigo de todo mundo, sem aquela famosa trairagem, sem querer se achar, ser melhor que o outro. Sempre você tem que chegar humilde pra conquistar mais amigos possíveis. Em todos os clubes que eu já passei até hoje sempre fiz grandes amigos e amigos pessoais. Por onde você passa ter novos amigos, porque senão você vai ficar uma pessoa isolada dentro daquele grupo (AP5).

Eu acho que a primeira coisa que você tem que fazer quando chega em uma equipe nova é tentar se interar com a equipe, com os jogadores e com todo o pessoal que está ali. Eu sou um cara que tenho bastante facilidade em fazer novas amizades então quando eu chego em uma equipe eu já vou conversando com o pessoal, fazendo brincadeiras pra deixar o lugar bem legal assim. Eu gosto bastante de fazer novas amizades (AB2).

O segundo tipo de comportamento que apareceu com maior frequência nas respostas dos atletas foi o Relacionamento interpessoal atleta x comissão técnica (8,6%), mais uma vez pode-se perceber o relacionamento entre o grupo, contudo, agora a relação se estabelece com outras pessoas do grupo, enfatizado pelo atleta:

Primeiro, acho que você tem que chegar no ambiente e sempre ser você mesmo né! E a adaptação vale com os companheiros também, ter um diálogo bem avantajado, conversar com o treinador, com o presidente, com o atleta. Que você lidar com o presidente é uma coisa, lidar com o treinador é outra e lidar com o jogador é completamente diferente, então vai mais pelo jeito que você conversa, pelo jeito que você vai se adaptar ao ambiente novo (AP4).

Além da busca pelo relacionamento interpessoal, tanto com os colegas de equipe, como com a comissão técnica, outro tipo de comportamento apresentado na busca pela

adaptação ao ambiente foi a demonstração de desempenho técnico (6,5%), como pode ser visto na entrevista realizada com o atleta:

No meu caso foi mais dentro de campo, as equipes que eu passei foi de futebol de campo, então eu tentei mostrar a minha capacidade individual pra tentar ganhar confiança e diretamente a gente vai ganhando amizade e vai interagindo, de uma forma geral (AB1).

Outro comportamento que foi observado como estratégias de adaptação ao contexto esportivo foi a espera de aproximação dos companheiros, com uma frequência de 6,5%. Os atletas que relataram tal estratégia possuem dificuldade para se inserir no grupo com facilidade e deste modo buscam uma alternativa diferenciada, como podem ser vistos os relatos citados:

Eu gosto de fazer amizades, só que eu não sou muito de chegar, eu gosto mais que os outros venham conversar e depois que entrosa já era (AO2).

Ai sim, é que eu sou um cara meio fechadão, eu fico na minha até eu me soltar assim demora um pouco. É mais fácil o pessoal chegar do que eu. Ah, demora um pouco, não sou igual aquele cara que tem facilidade e já chega assim (AO5).

Outras formas de buscar a adaptação ao contexto esportivo também foram citadas pelos atletas durante as entrevistas, contudo, como sua frequência de respostas limitou-se a percentuais mínimos, estas não receberam categoria própria e foram dispostas em uma categoria denominada como Outros. Podem ser destacadas nestas outras formas de estratégias de adaptação atitudes como aguardar se sentir confiante no grupo, ou ainda não se relacionar com o grupo, como pode ser observado no relato:

Ah, eu gosto de fazer amizades né! Depende das amizades, tem cidade que não dá pra fazer muita amizade não, é melhor ficar na minha mesmo (AO2).

O segundo elemento presente na subteoria Contextual é a Seleção. O comportamento de selecionar um novo ambiente ocorre quando não é possível realizar uma adaptação satisfatória dentro da equipe. Por diversos motivos, ocasiões ou ainda circunstâncias o atleta pode vir a não se adaptar, na presente investigação realizada com os atletas de futsal do estado do Paraná, o comportamento que mais vezes foi identificado, foi a dificuldade de relacionamento com a equipe com a frequência de 38,2% das respostas obtidas durante a realização das entrevistas.

Já aconteceu uma vez, que eu não consegui me adaptar na equipe que eu estava e eu pedi pra sair, sem conversa, não pensei em ficar conversando com o grupo pra tentar consertar a situação, nada disso, já falei que eu ia sair e fui embora (AP8).

Embora a dificuldade de relacionamento com a equipe tenha se apresentado como o comportamento que mais foi observado na frequência de respostas dos atletas, 11,7% dos atletas de futsal afirmaram em suas entrevistas que nunca se depararam com o fato de não se adaptarem em uma equipe e que por todas as equipes que passaram obtiveram sucesso no primeiro elemento da subteoria Contextual da Teoria Triárquica da Inteligência, a adaptação.

Nunca aconteceu de eu não me adaptar em uma equipe, sempre eu fui bem recebido, eu fiz bastante amizade, amigos que eu levo até hoje, lógico que não é o mesmo contato se estivesse junto mais assim de ligar de conversar acho que isso daí, nunca faltou, graças a Deus nunca faltou (AO7).

Em 8,8% dos casos investigados, elementos externos também mostraram-se intervenientes na dificuldade de adaptação e na busca da seleção de um novo ambiente. Tais comportamentos relacionados à aspectos externos são representados pela falta de adaptação tanto a condições climáticas, quanto a falta de adaptação à língua.

Já, aconteceu uma vez de eu não me adaptar não pelo grupo, e sim pelo clima aí eu tive que voltar de onde eu estava, mas pelo grupo eu sempre me adaptei (AO8).

Eu tive um problema assim,... na Bélgica também eu joguei e foi mais por causa de adaptação mesmo, língua, tal (AO5).

A dificuldade de aceitação por parte da equipe também foi relatada pelos atletas como um aspecto que os levaram a selecionar outro ambiente, neste caso, em 8,8% das entrevistas realizadas tal comportamento ficou evidenciado, como pode ser observado neste recorte de entrevista:

Bom, no primeiro momento eu me fechei né, me fechei porque eu já cheguei em uma equipe pronta, quando começou isso comigo eu cheguei em uma equipe que estava pronta então eu cheguei depois, e as pessoas as vezes não te aceitam no primeiro momento assim né, e eu levei um pouco de tempo, me fechei (AB9).

Outros fatores também apresentaram-se como promotores da seleção de outros ambientes esportivos por parte dos atletas no caso da falta de adaptação. Comportamentos como dificuldade de convivência e dificuldade em morar fora de casa, são alguns dos comportamentos encontrados:

Quando eu jogava no futebol de campo, foi a primeira vez que eu saí da minha casa, eu permaneci lá por quase 2 anos, um ano e alguns meses, e no início lá foi muito difícil, por não conhecer a forma de morar dentro de casa e os jogadores, a forma que eles trabalhavam, que se impunham dentro de campo, daí foi uma coisa que dificultou muito a minha estadia (AB1).

Na impossibilidade de adaptação, a primeiro momento, e na dificuldade de seleção de outro ambiente em um segundo momento, o atleta se submete ao terceiro elemento da subteoria contextual, a modelagem. A modelagem ocorreu mediante a necessidade dos

jogadores de futsal se re-configurarem com o ambiente encontrado, na busca de obter um ajuste ideal.

Com 56,2% da frequência de comportamentos, a resolução dos conflitos com diálogo entre a equipe foi a alternativa mais utilizada pelos jogadores como pode ser visto no depoimento citado:

Eu acho que a gente tem que ser maleável né, saber lidar com situações que ocorrem com toda equipe, em qualquer equipe, e acontece..., aqui acontece, em qualquer lugar qualquer equipe acontece, eu acho que o que eu faço na verdade é tentar resolver nada melhor que uma conversa e lavar a roupa suja em casa (AP1).

Normalmente a gente fala na famosa lavar a roupa suja, então você chama todo mundo, conversa e expõe opiniões, sugestões e você no ambiente que tá só vocês mesmo você pode falar o fulano fez isso o ciclano fez aquilo e dessa forma impondo respeito também, fazer a pessoa te respeitar, não sendo grosso, mais sendo sim uma pessoa que o pessoal olha e fala pô o cara é gente boa, vamos respeitar o cara então, sempre no ambiente onde esteja só jogador, você vai conversa com todo mundo, coloca e fala olha eu quero assim, e o pessoal fala não, tem que ser assim então vamos ser assim e aí entra em um consenso (AP4).

Outro comportamento que foi destacado como relevante dentro das estratégias de modelagem dentro da equipe de futsal foi a atitude do atleta de permanecer neutro perante uma situação, com uma frequência de 15,6%, indicando que tal estratégia é bastante utilizada em conflitos em equipes.

Eu procuro sempre fazer a política da boa vizinhança, eu não costumo me posicionar em grupo nenhum, eu sou um cara que tento resolver os meus problemas não me posicionando em nenhuma panelinha (AP2).

Um motivo que pode conduzir o atleta a modelar-se em uma equipe esportiva e mantê-lo nesta por um longo período de tempo é a coesão pela tarefa, ou seja, quando o atleta está em conflito com os membros da equipe, ou ainda está passando por outros tipos de conflitos, os problemas são relevados considerando a necessidade de cumprir a tarefa dentro do contexto esportivo. Esta alternativa foi citada por 12,5% dos atletas como uma estratégia de modelar-se a equipe, como citado pelo atleta:

Se for o caso como aconteceu de conflito entre jogadores, eu mandei fazer uma reunião com todo mundo, aí eu perguntei o que era que estava acontecendo, porque a gente era amigo e mandei falar o que estava acontecendo e por que não falaram para mim já que a gente vivia junto o dia inteiro e foram falar só para o presidente e chegou na hora e ninguém falo nada, aí eu levei pra todo mundo que eu só iria ser amigo deles dentro de casa, fora e casa ninguém precisava conversar comigo e eu não queria conversar com ninguém, aí ficou assim, porque eu já sabia quem era entendeu! Aí eu continuei mais um mês um mês e meio na equipe só que só conversando com as pessoas dentro de quadra, daí fora de quadra as pessoas tentavam me reaproximar dentro de quadra más eu não quis (AO2).

A estratégia de demonstração de capacidade técnica também pode ser utilizada pelos atletas como alternativa para modelagem e re-configuração à equipe, com 6,2% este comportamento é o quarto mais utilizado pelos atletas de futsal como estratégia de modelagem, como foi comentado pelo atleta:

Bom, nesse caso de criciúma foi jogando, eles foram confiando, foram criando confiança no futebol que eu estava apresentando no decorrer dos treinos e dos jogos, isso daí foi facilitando a interação dentro da equipe tanto com os colegas, quanto com a comissão técnica, acho que no caso do futebol é mais jogando pra conseguir a confiança, depois que você consegue a confiança dentro de uma equipe é difícil ter outros problemas que fazem você ficar mal. Daí eu não saí da equipe (AB1).

Outras estratégias de modelagem também foram citadas, contudo com menor frequência, não sendo representativas ao ponto de serem elencadas em uma categoria exclusiva. Comportamento como a atitude de não se modelar a equipe e forçar a saída são expressados no posicionamento do atleta:

Já aconteceu comigo e eu pedi pra ir embora, em um caso eu pedi pra sair e foi sem volta porque acabou o time, foi difícil porque eu pedi pra sair e não quiseram me liberar ai eu tive que fazer um pouquinho de corpo mole né, senão eu não ia conseguir sair (AO2).

Para verificar a capacidade do atleta se relacionar com tarefas esportivas, no Quadro 3, são apresentadas os elementos referentes à subteoria Experiencial, que são representados pela Novidade da Tarefa e a capacidade de Automatização.

Elementos da subteoria experiencial	Características comportamentais dos atletas	%
Novidade da tarefa	- Possui facilidade para aprender	45,4
	- Tem interesse em aprender	40,0
	- Não tem interesse em aprender por estar velho	7,2
	- Possui dificuldade para aprender	3,6
	- Outros	3,8
Automatização	- Faz a tarefa repetidamente	51,1
	- Estuda as jogadas fora do horário de treinamento	16,2
	- Boa técnica, facilitando a automatização	16,2
	- Demora para automatizar	6,9
	- Falta de treinamento diário (dificuldade na automatização)	4,6
	- Outros	5,0

QUADRO 3. Frequência e percentual dos elementos de novidade da tarefa e automatização da subteoria experiencial dos atletas de futsal.

O elemento novidade da tarefa buscou elencar qual a freqüência de comportamentos dos atletas quando se deparam com situações novas dentro de quadra, situações táticas novas, entre outras. O comportamento que foi freqüentemente mais vezes encontrado foi a facilidade para aprender (45,4%), indicando que os atletas possuem tal facilidade quando deparados com situações novas, como podem ser observados nos presentes depoimento:

Eu me considero um cara que tenho bastante facilidade em aprender em aprender, quando o técnico passa as vezes uma jogada ou um sistema novo, as vezes na segunda vez que eu treino a jogada, eu já consigo aprender bem e treinar legal (AP8).

Eu tenho facilidade de lembrar e de pegar o que o treinador passou né. Acho que todo o atleta em início de temporada passa um tempo parado não tem essa absorção, e depois que começa, nas primeiras semanas onde tu já pega, daí outras jogadas que venham decorrer já pega, questão de passou uma, na segunda já ta automático (AP7).

Seqüencialmente ao comportamento apresentado no depoimento anterior, encontra-se o segundo comportamento mais freqüentemente encontrado no elemento novidade da tarefa, que é representado pelo interesse do atleta em aprender (40%). Observa-se tal comportamento no recorte indicado:

Tenho, tenho sim, igual no mundo profissional você sempre tem que estar, inovando, sempre tem que estar estudando, e futebol, futsal também é a mesma coisa, você sempre tem que tá olhando os melhores pra você aprender com os melhores (AP4).

Como terceiro elemento mais freqüentemente encontrado dentro da novidade da tarefa, destaca-se a falta de interesse em aprender habilidades novas pelo fato de estar velho. Quando questionados a respeito do interesse em aprender novas habilidades e tarefas,

7,2% dos atletas relataram tal comportamento, como apresentados nos presentes trechos:

Não tenho interesse não. Ah, já to com 39 então eu já to sossegado já, não tem mais o que aprender não (AO2).

Na verdade, interesse eu até tenho, mas diante da necessidade sabe! Por exemplo, eu acho que no nível que eu cheguei hoje, mais vale especializar as vezes uma que eu já tenho boa do que eu ficar arriscando com uma habilidade nova, eu prefiro mais me especializar do que diversificar (AB5).

Contrariamente à facilidade e o interesse em aprender novas tarefas e habilidades, um pequeno percentual dos atletas de futsal do estado do Paraná (3,6%), categorizaram que possuem dificuldades de aprendizagem quando deparam-se com tarefas novas. Observa-se no recorte da entrevista:

Olha, normalmente quando você tá acostumado a fazer muito uma coisa assim, igual, você tá acostumado a jogar de uma forma tática e muda essa forma tática de jogar, pra você, até você se adequar é um pouco complicado, essa nova forma tática de jogar é um pouco complicada. Eu sinto um pouco de dificuldade, um pouquinho sim, eu acho que todo mundo sente cara, não tem jeito (AB6).

Outros comportamentos referentes ao relacionamento do atleta com a novidade da tarefa também podem ser observados, representando 3,8% da freqüência das respostas. Comportamentos relatados como o ato do atleta se esforçar para aprender e em outro relato, que será apontado no trecho a seguir, que o atleta atribui ao treinador a facilidade de ensinar a tarefa:

Ah, porque, o treinador quando ele já vem passar ele já deixa bem claro né, ele fala e depois ele dá até uns exemplos então fica mais fácil, então a minha capacidade é boa (AB7).

Após a descrição dos comportamentos apresentados pelos atletas, inerentes à novidade da tarefa, o segundo elemento da subteoria Experiencial trata da automatização das tarefas, na busca pela compreensão do comportamento adotado pelos atletas no intuito de automatizar tarefas e executá-las com precisão durante as competições.

Dentre os diversos comportamentos que foram relatados durante as entrevistas, o fato de fazer a tarefa repetidamente buscando a automatização, foi o comportamento que ficou mais evidenciado, com uma frequência de 51,1%, como pode ser observado no depoimento:

Eu tento fazer com que meus colega, os atletas que estão comigo em quadra, façam repetidamente o máximo possível, automaticamente. Pra um sistema tático ficar automático, isso varia muito, pra mim depende muito (AP1).

Após considerar o fato de fazer a tarefa repetidamente, o segundo comportamento mais utilizado pelos atletas como uma estratégia de automatização dentro do contexto do futsal foi estudar as jogadas fora do horário dos treinamentos, com frequência de 16,2%, indicando que as estratégias utilizadas fora dos horários convencionais de treinamento também são relevantes para automatização de tarefas, como pode ser observado na fala:

Minha capacidade é sempre tá executando né! Quando não to executando em quadra eu acabo fazendo muito em casa no caderno, passo as jogadas que foram feitas, essas coisas assim (AO1).

Outro fator apontado pelos atletas quando questionados sobre sua capacidade de automatização, refere-se à sua própria capacidade, indicando que possuem boa técnica (16,2%), representando assim algo que facilite o processo de automatização. O depoimento busca descrever tal condição:

Eu tenho facilidade, taticamente eu me considero assim um jogador inteligente,... Mesmo porque muitas jogadas assim de um treinador para o outro não são muito diferentes sabe, daí você tem que pegar rápido. Eu tenho uma capacidade boa também (AO6).

Embora na maior parte das respostas a respeito da capacidade de automatização os atletas indicaram possuir facilidade para automatizar jogadas, pelo fato do treinamento excessivo, das estratégias utilizadas fora de quadra e da própria capacidade de automatização, 6,9% dos depoimentos dos atletas indicaram que demoram em automatizar uma tarefa. Observa-se no presente relato tal descrição:

Demora um pouco, na primeira vez eu vou atrás do cara que sabe entendeu! Fico ali um monte atrás dele fazendo tudo o que ele faz ali, pra mim aprender melhor, porque não adianta eu ficar olhando um, daí derrepente eu entro em outro lugar, então eu pego um jogador e vou acompanhando ele lá... Eu demoro um pouco, depois que eu pego daí vai (AO2).

Ainda com relação às dificuldades atribuídas no processo de automatização das tarefas, em 4,6% dos depoimentos alguns atletas das chaves Prata e Bronze indicaram apresentar dificuldade na automatização de tarefas pelo fato de não realizarem treinamentos diário, como pode ser observado no relato:

Nossa equipe como é uma equipe semi-profissional, porque a maioria dos nossos atletas trabalha durante o dia e treina durante a noite, a adaptação é muito mais complicada, porque a gente tem treino só 3 vezes na semana, mas a 2 anos atrás quando a gente treinava com uma outra equipe, tinha uma outra equipe treinando 2 períodos a adaptação ficava em 3 semanas 4 semanas que a gente via algum resultado dependendo se tivesse alguns jogos intercalando isso daí, mas quando uma equipe semi-profissional como a nossa é em torno de 1 mês 1 mês e meio (AP1).

Outros tipos de respostas compuseram os 5% restantes das freqüências de respostas encontradas quando questionados os atletas a respeito da automatização de tarefas.

Depoimentos sobre atitudes de criação e improvisação de jogadas após a mesma estar automática, compuseram esta ultima categoria:

É isso daí eu acho que de forma bem segura a gente faz com a maioria dos movimentos, porque quando a jogada tá automático, você fica um pouco capacitado de derrepente no momento de uma situação adversa você consegue achar uma outra solução, a gente sempre procura deixar isso automático mas também com outras opções, em uma ou outra situação de jogo a gente tem que fazer alguma movimentação improvisada (AO7).

No intuito de verificar quais os determinantes internos do atleta regem de maneira à processar a informação, tomar a decisão em determinado contexto esportivo e perante dada tarefa, a terceira subteoria presente na Teoria Triarquica da Inteligência refere-se aos componentes utilizados pelos atletas na realização dos comportamentos inteligentes. O Quadro 4 apresenta os elementos referentes à subteoria Componencial, sendo elencados pelos metacomponentes, os componentes de desempenho e por ultimo os componentes de aquisição de conhecimentos.

Elementos da subteoria componencial	Características comportamentais dos atletas	%
Metacomponentes	- Dificuldade em explicar como ocorre a tomada de decisão - (EAI)	25,0
	- Estratégias de aprendizagem implícita (EAI)	18,1
	- Antecipação ao estímulo	18,1
	- Tempo de reação	13,6
	- Outros	25,2
Componentes de desempenho	- Recordar outras jogadas executadas no passado	22,4
	- Corrigir jogadas mal sucedidas	17,9
	- Atenção	11,2
	- Tranquilidade	10,1
	- Velocidade	8,9
	- Melhor posicionamento dentro de quadra	3,3
	- Outros	26,2
Componentes de aquisição de conhecimentos	- Assistir jogos	25,3
	- Se relacionar com atletas mais experientes	25,3
	- Assistir videos/ Internet	25,3
	- Dedicação durante os treinamentos	11,1
	- Outros	13,0

QUADRO 4. Frequência e percentual dos metacomponentes, componentes de desempenho e componentes de aquisição de conhecimentos da subteoria componencial dos atletas de futsal.

Referindo-se ao primeiro elemento, os metacomponentes, observa-se que o comportamento que mais vezes foi relatado pelos atletas na busca pelo comportamento inteligente foi a dificuldade em explicar como se dá o processo de tomada de decisão, elucidado pela estratégia de aprendizagem implícita (EAI), com frequência de 25% das respostas. O depoimento do atleta destaca os dados:

Então isso aí é uma coisa que se dá em frações de segundos, isso aí é só você estando ali mesmo na hora que..., só depois que você faz a jogada que você vai pensar, putz podia ter tocado lá do lado, ou podia ter esticado a bola ali, más aquilo ali é coisa rápida, você decide e tem que ser pensamento rápido né. Olha cara, ali é só estando ali mesmo, porque isso é complicado de falar, eu mesmo até mesmo no jogo, eu só vou pensar depois, porque tipo assim, isso aqui não é uma habilidade que você tem então você já faz aquilo ali tipo assim, meio que por computador você entendeu? Você já tá ali vai, vai e faz normalmente o que vem fazendo, então é mais ou menos isso, é treinamento né cara. (AB6).

Embora grande parte dos atletas tenham apresentado dificuldades em explicar o comportamento de tomada de decisão, em 18,1% das respostas obtidas os atletas explicaram como se deu o procedimento de tomada de decisão por meio de estratégias e regras de aprendizagem implícita de fato, como pode ser observado no depoimento:

Cara, em relação assim a tomada de decisão, é muito relativo, derrepente eu to lá sozinho eu e o goleiro e vem um companheiro gritando de trás e eu já tenho que tomar uma decisão diferente, onde ao invés de chutar eu vou ter que dar um passe. Então eu consigo fazer uma tomada de decisão né, igual no jogo que teve aqui... eu esperei o meu companheiro, ele veio gritando pra pedir a bola, ele veio marcado e eu tentei resolver, ou seja, eu tava esperando aquela decisão só que eu não vi aquela então eu mudei a minha decisão (AO1).

Uma estratégia utilizada pelos atletas em 18,1% das respostas, no intuito de descrever o processo de tomada de decisão, foi o comportamento de antecipação ao estímulo, em que o trecho de entrevista apresentado o destaca:

Pra tomar decisões as vezes, dependendo se você está apertado ou não as vezes você tem que dar 2 toques na bola, então..., dentro do jogo tem situações que realmente tem que pensar rápido então em busco sempre ter tranqüilidade né, mais sempre tentar prever antes do jogo as situações, tem que ter pra já estar preparado (AO6).

Outro comportamento que também foi encontrado, apresentando uma frequência de respostas de 13,6% foi a utilização do tempo de reação para tomada de decisão. Considerando o tempo de reação um dos elementos primários no ambiente da tomada de decisão, o presente recorte mostra um relato sobre tal proposição:

Meu pensamento as vezes tem que ser rápido pra tentar efetuar a melhor maneira de defesa ou de ataque. Ah, é muita adrenalina, você tem que pensar rápido senão você pode se complicar né! (AP6)

Outras estratégias utilizadas como metacomponentes no intuito de explicar o mecanismo de tomada de decisão representaram 25,2% da frequência das respostas. Embora o percentual de respostas seja representativo, estes foram compostos por vários comportamentos distintos que não representaram uma categoria única. Estratégias metacomponenciais como efetuar a tarefa de acordo com seu pensamento, memória, tentar criar atalhos e pensar que não pode errar, compuseram tal frequência representativa. Observa-se alguns desses comportamentos na fala do atleta:

Na hora ali só vem que eu não posso errar, o que vem ali é que se eu estiver de frente para o goleiro eu só penso que eu tenho que chutar e marcar, chutar e voltar a marcar, na hora que vira a cabeça ali é difícil falar, se você ta apertado você tem que chutar pra fora entendeu. (AO2)

O segundo elemento encontrado na subteoria Componential foram os componentes de desempenho, dentre tais componentes destacam-se aqueles elementos que auxiliam o atleta no processo de tomada de decisão. Dentre tais componentes de desempenho, aquele que ficou mais freqüente nas respostas obtidas foi a estratégia de recordar outras jogadas utilizadas no passado, com uma frequência de 22,4%. Observa-se tal comportamento no depoimento:

Na verdade eu me lembro de várias jogadas, desde quando eu comecei jogar em 2001 eu consigo me lembrar de várias jogadas, só que quando há alguma jogada nova eu procuro tentar associar. Tem várias jogadas que são parecidas, só que

aqui realmente a gente só faz jogada, tipo assim, ela não tem uma variação, se tem a jogada 1, a variação dela é muito difícil da gente fazer aqui, só faz a 1. (AO1)

Seguido pela estratégia de recordar de outras jogadas executadas no passado, o segundo comportamento que foi mais vezes apontado pelos atletas como relevantes dentro dos componentes de desempenho foi a estratégia de realizar correções em jogadas mal sucedidas, com uma frequência de 17,9%. Observa-se este comportamento no recorte da entrevista:

Tem variações de jogadas, a gente faz uma jogada mas as vezes pode não ocorrer aquilo que a gente treinou, então a gente tenta variar ela, e as vezes a gente segura a bola e tenta outra jogada ou faz o passe em outra opção. (AP5)

Com menor frequência, outros comportamentos puderam ser observados nas respostas dadas pelos atletas de futsal, com relação aos componentes de desempenho. O terceiro componente mais frequente foi a atenção com 11,2% das respostas, o quarto componente foi a tranquilidade com 10,1% das respostas, o quinto componente mais citado foi a velocidade em 8,9% das respostas e o sexto comportamento citado foi o melhor posicionamento dentro de quadra com 3,3% das respostas. Tais comportamentos podem ser observados nos depoimentos dos atletas:

Ah tu tem que chegar ali na frente em uma decisão de finalização, você tem que ter tranquilidade. As vezes tem hora que tu vai passar e poderia ter chutado no gol e nem sempre tua decisão é a certa, então eu sempre busco ter frieza e tranquilidade pra tomar a decisão certa. (AO6)

É uma visão rápida do momento do jogo, porque eu chamei a jogada 1 e eu olhei pra sair e eu vi que esta apertado, já tenho que ter uma visão antes de chamar a jogada e como que está o posicionamento dos meus companheiros, pra ter a melhor escolha. (AP7)

Outros comportamentos que apareceram com menor freqüência ao ponto de não serem categorizados em uma única categoria, representam 26,2% das respostas obtidas referentes ao componente de desempenho utilizado no mecanismo de tomada de decisão. Podem ser citados comportamentos como não insistir em jogadas erradas por ter medo de ser substituído, avaliar a opção atual da jogada, entrosamento com a equipe como alguns dos comportamentos citados pelos atletas, como observado no relato:

Quando eu tento uma jogada e não dá certo, ah eu não faço mais, não tento insistir porque até porque aqui se você insistir e errar de novo você sai do time, então eu não faço mais (AO2).

Outro componente que compõe a subteoria Componencial da Teoria Triárquica da Inteligência são as aquisições de conhecimentos. Com relação a estes, três componentes denotaram-se com a mesma freqüência de respostas apresentadas pelos atletas de futsal, estes componentes são: Assistir jogos, relacionarem-se com atletas mais experientes e assistir vídeos na Internet, ambos apresentaram uma freqüência de resposta de 25,3%. Pode ser observado o depoimento que aponta tal comportamento:

Eu assisto bastante jogo, entro na internet e vejo uns vídeos também, uma outra coisa que eu faço é conversar com as pessoas mais velhas e tirar umas idéias boas também. (AP8)

Outra forma de aquisição de conhecimentos citado pelos atletas durante as entrevistas foi a dedicação durante os treinamentos. Considerando tal afirmação, alcançando uma freqüência de 11,1% observa-se tal comportamento mediante o recorte da entrevista:

Sempre nos treinamentos, treinar nunca é demais, então até em uma batida de tiro livre quanto mais você treina mais facilidade você vai ter pra finalizar, quanto mais treinamento mais perfeita a execução vai ser sempre. (AP4)

Por fim, outros comportamentos também foram citados pelos atletas como componentes de aquisição de conhecimentos, contudo, com uma frequência inferior à necessária para o estabelecimento de categorias exclusivas (13%). Comportamentos como aprender visualizando os jogadores da mesma posição, fazendo anotações e estudando, como pode ser visto no depoimento:

A gente está sempre em contato com vídeo, até mesmo com o Cascavel aqui na liga futsal a gente vem assistir aqui e sempre alguma coisa do lado bom e do lado ruim desses jogos, a gente vê cara mala, vê o Carlos Barbosa, procura ver os lados bons, os goleiros, as posições dos goleiros, os posicionamentos dos goleiros, extrair o lado bom e o lado ruim. (AP1)

5.2 Caracterização da competência decisional percebida, ansiedade e medo e compromisso com a aprendizagem entre as chaves.

Com relação ao estilo de tomada de decisão, na Tabela 2 é apresentado o perfil do estilo de tomada de decisão adotado pelos atletas, que se refere à competência decisional percebida, a ansiedade e medo e o compromisso com a aprendizagem, em cada chave do campeonato paranaense de futsal, bem como de uma forma geral, considerando os valores médios de ambas as chaves de disputa.

TABELA 2. Comparação do estilo de tomada de decisão (CETD) em cada uma das chaves e entre as chaves do campeonato paranaense de futsal

Estilo de Tomada de decisão	Chave			p
	Ouro \bar{X} SD	Prata \bar{X} SD	Bronze \bar{X} SD	
Competência decisional percebida	2,37(0,33) ^a	2,36(0,35) ^a	2,31(0,36) ^a	0,737
Ansiedade e medo	1,98(0,42)	2,02(0,39)	1,93(0,46)	0,735
Compromisso com a aprendizagem	3,12(0,26) ^{b,c}	3,24(0,30) ^{b,c}	3,16(0,44) ^{b,c}	0,248

a Diferença significativa ($p \leq 0,01$) entre as sub-escalas Competência decisional percebida e Ansiedade e medo

b Diferença significativa ($p \leq 0,01$) entre Compromisso com a aprendizagem e Competência decisional percebida

c Diferença significativa ($p \leq 0,01$) entre Compromisso com a aprendizagem e Ansiedade e medo

Observa-se na Tabela 2 que o estilo de tomada de decisão que apresentou diferenças significativas para as chaves ouro prata e bronze foi o compromisso com a aprendizagem, quando comparado com a competência decisional percebida e o nível de ansiedade e medo. Verifica-se que quando comparadas as chaves não houve diferença estatisticamente significativa ($p < 0,05$) nas capacidades emocionais dos estilos de tomada de decisão.

5.3 Capacidade de tomada de decisão tática dos atletas de futsal.

Buscando identificar a capacidade de tomada de decisão tática, a Tabela 3 mostra a comparação dos escores médios considerando a chave de disputa (ouro, prata e bronze), a idade (de 18-22, 23-27 e 28-40) e o nível técnico (seleção paranaense, seleção brasileira).

TABELA 3. Comparação da capacidade de tomada de decisão tática entre as chaves de disputa, a idade e nível técnico.

VARIÁVEIS	TOMADA DE DECISÃO		
	\bar{x}	SD	p
CHAVE			
Ouro	5,1	1,7	
Prata	5,7	1,5	0,250
Bronze	5,2	1,9	
IDADE			
18-22	5,3	1,7	
23-27	5,2	1,7	0,911
28-40	5,4	1,9	
NÍVEL TÉCNICO DOS ATLETAS			
Não foi convocado	5,3	1,8	
Seleção paranaense	5,1	1,5	0,524
Seleção brasileira	5,8	1,9	

Observa-se na Tabela 3 que em relação à comparação dos escores médios da capacidade de tomada de decisão tática verifica-se que os atletas apresentaram um valor médio de 5,1 a 5,8 quanto a capacidade de tomada de decisão, não diferindo-se

significativamente de forma estatística quando comparadas as chaves de disputa, a faixa etária dos atletas e seu nível técnico ($p < 0,05$).

A Tabela 4 apresenta a associação entre a capacidade de tomada de decisão relacionada à chave de disputa e a experiência do atleta. Para tanto, com relação às chaves, estas foram associadas em três momentos. Inicialmente a associação foi realizada entre atletas das chaves Ouro e Prata, posteriormente foram associados os atletas das chaves Ouro e Bronze e por último, foi realizada a associação entre os atletas das chaves Prata e Bronze. Com relação à experiência, os atletas foram divididos em três grupos e associados em três momentos distintos. No primeiro grupo encontraram-se os atletas com idade entre 18 e 22 anos, o segundo grupo continha atletas com idades entre 27 a 27 anos e por último, os atletas com idades entre 28 e 40 anos.

TABELA 4. Associação entre capacidade de tomada de decisão tática e chaves de disputa e experiência (idade).

Variáveis	TOMADA DE DECISÃO								
	Pior Decisão				p	Melhor Decisão			p
	Baixo f(%)	Médio f(%)	Alto f(%)	Baixo f(%)		Médio f(%)	Alto f(%)		
Chave									
Ouro	25(49,0)	17(33,3)	9(17,6)	0,146	20(39,2)	23(45,1)	8(15,7)	0,478	
Prata	20(60,6)	11(33,3)	2(6,1)		11(33,3)	15(45,5)	7(21,2)		
Ouro	25(49,0)	17(33,3)	9(17,6)	0,937	20(39,2)	23(45,1)	8(15,7)	0,837	
Bronze	14(46,7)	11(36,7)	5(16,7)		10(33,3)	18(60,0)	2(6,7)		
Prata	20(60,6)	11(33,3)	2(6,1)	0,158	11(33,3)	15(45,5)	7(21,2)	0,388	
Bronze	14(46,7)	11(36,7)	5(16,7)		10(33,3)	18(60,0)	2(6,7)		
Idade									
18-22	20(41,7)	18(37,5)	10(20,8)	0,202	17(35,4)	25(52,1)	6(12,5)	0,760	
23-27	18(54,5)	11(33,3)	4(12,1)		12(36,4)	15(45,5)	6(18,2)		
18-22	20(41,7)	18(37,5)	10(20,8)	0,031*	17(35,4)	25(52,1)	6(12,5)	0,730	
28-40	21(61,8)	11(32,4)	2(5,9)		12(35,3)	16(47,1)	6(17,6)		
23-27	18(54,5)	11(33,3)	4(12,1)	0,404	12(36,4)	15(45,5)	6(18,2)	0,976	
28-40	21(61,8)	11(32,4)	2(5,9)		12(35,3)	16(47,1)	6(17,6)		

p<0,05*

Pode-se notar na Tabela 4, que quando verificada a associação da capacidade de tomada de pior decisão em relação aos grupos etários de 18 à 22 anos e 28 à 40 anos, foi possível observar associação estatisticamente significativa ($p=0,031$). É possível observar que 41,7% dos atletas do primeiro grupo etário encontraram-se com uma capacidade baixa de tomada de pior decisão, da mesma forma 61,8% dos atletas do grupo mais experiente encontrou-se em tal categoria decisória. 37,5% dos atletas mais jovens encontraram-se com uma capacidade média de tomada de pior decisão, comparados aos 32,4% dos atletas mais experientes. Finalmente, relacionada à alta capacidade de tomada de pior decisão foi possível observar que 20,8% dos atletas de 18 à 22 anos encontraram-se com uma capacidade alta de tomada de pior decisão em comparação aos 5,9% dos atletas de 28 à 40 anos.

Considerando a associação estatisticamente significativa da capacidade de tomada de pior decisão entre os grupos de 18 à 22 anos e 28 à 40 anos, os presentes resultados foram submetidos a um modelo de regressão de Poisson com ajuste robusto de variância. O resultado do modelo de regressão revelou que os atletas do grupo de 18 à 22 anos tem uma razão de prevalência (RP) de 1,23 chance de tomar piores decisões quando comparados com os atletas mais experientes (28 à 40 anos).

Ainda na Tabela 4, podem ser observadas outras associações entre a capacidade de tomada de piores decisão e a experiência dos atletas. Em um primeiro momento, quando associada a tomada de pior decisão entre os grupos etários de 18 à 22 anos e 23 à 27 anos, foi possível observar que os mesmos não associaram-se significativamente ($p=0,202$). Da mesma forma comportaram-se as associações quando realizadas entre os grupos de 23 à 27 anos e 28 à 40 anos ($p=0,404$).

Referindo-se à associação da capacidade de tomada de piores decisões entre os atletas das chaves ouro, prata e bronze, Verifica-se que, não foi possível observar nível de significância ($p=0,146$) na associação entre as equipes das chaves Ouro e Prata, similarmente às equipes das chaves Ouro e Bronze ($p=0,937$) e também para as equipes das chaves Prata e Bronze ($p=0,158$).

Em se tratando da associação da capacidade de tomada de melhores decisões entre os atletas das chaves Ouro, Prata e Bronze, observa-se que as três associações realizadas não mostraram-se estatisticamente significativas. No primeiro momento, foi realizada a associação entre os atletas das chaves ouro e prata ($p=0,478$), no segundo momento foi feita a associação entre os atletas das chaves ouro e bronze ($p=0,837$) e, por último foi feita a associação entre os atletas das chaves prata e bronze ($p=0,388$).

Observou-se nos presentes resultados que não houve associação significativa entre os grupos etários e a capacidade de tomada de melhor decisão. Na associação entre o grupo de 18 à 22 anos em relação ao grupo de 23 à 27 anos foi observada uma significância de $p=0,760$, na segunda associação, que relacionava o grupo de 18 à 22

anos com o grupo de 28 à 40 anos também não foi observada associação significativa ($p=0,730$), por fim, na associação entre os grupo de 23 à 27 anos com o grupo de 28 à 40 anos, também não foi observada uma associação estatisticamente significativa ($p=0,976$).

A Tabela 5 apresenta a associação entre a capacidade de tomada de melhor decisão e o nível técnico dos atletas. Considera-se que a subdivisão de nível técnico associou a capacidade de tomada de melhor decisão entre os atletas que já haviam sido ou não convocados para a seleção paranaense e aqueles atletas que já haviam sido ou não convocados para a seleção brasileira.

Tabela 5. Associação entre a capacidade de tomada de melhor decisão tática e o nível técnico dos atletas

Melhor Decisão	Seleção		RP (IC95%)	P
	Seleção Paranaense			
	Não	Sim		
	<i>f</i> (%)	<i>f</i> (%)		
Baixo	26 (37,7)	15 (33,3)	1,00	
Médio	34 (49,3)	22 (48,9)	1,07 (0,63-1,80)	0,78
Alto	9 (13)	8 (17,8)	1,28 (0,67-2,45)	0,44
	Seleção Brasileira			
	Não	Sim		
	<i>f</i> (%)	<i>f</i> (%)		
Baixo	38 (37,3)	3 (25,0)	1,00	
Médio	52 (51,0)	4 (33,3)	0,97 (0,22-4,15)	0,97
Alto	12 (11,8)	5 (41,7)	4,01 (1,07-15,05)	0,03*

$p < 0,05^*$ - RP= razão de prevalência; IC95%= intervalo de confiança de 95%;

Observa-se na Tabela 5, quando comparados os atletas que já haviam sido convocados para a seleção brasileira com os atletas que ainda não haviam sido convocados, foi possível observar uma associação estatisticamente significativa entre melhores decisões e atletas da seleção brasileira. Analisando tais achados dentro do modelo da regressão de Poisson com ajuste robusto, observou-se que os atletas já convocados para a seleção brasileira têm 4,01 vezes prevalência (RP=4,01) de tomar melhores decisões quando comparados com os atletas que não haviam recebido uma convocação nacional. Dentre os atleta que já haviam sido convocados, 25% possuíam

uma baixa capacidade de tomada de melhor decisão, 33,3% apresentaram uma capacidade média e 41,7% apresentaram uma alta capacidade de tomada de melhor decisão. No grupo dos atletas que não haviam sido convocados 37,3% apresentaram uma baixa capacidade de tomada de melhor decisão, 51% apresentaram uma capacidade média e apenas 11,8% apresentaram uma capacidade alta.

Quanto à associação entre o nível técnico dos atletas e a capacidade de tomada de melhor decisão, quando observada à prevalência da tomada de melhor decisão considerando os atletas que já haviam sido convocados para a seleção paranaense, não foi possível observar associação estatisticamente significativa ($p=0,78$; $p=0,44$).

No Apêndice E, é apresentada a associação entre a capacidade de tomada de pior decisão e o nível técnico dos atletas. Novamente são consideradas as subdivisões de nível técnico que compreendem os atletas que foram ou não convocados para a seleção paranaense e os atletas que foram ou não convocados para a seleção brasileira. De acordo com os dados obtidos, observa-se que quando associada à capacidade de tomada de pior decisão com a convocação ou não para a seleção paranaense, ou para a seleção brasileira, não foi possível observar associação estatisticamente significativa ($p=0,994$ e $p=0,285$ respectivamente).

5.4 Associação da capacidade de tomada de decisão com o estilo de tomada de decisão e capacidades cognitivas utilizadas no contexto do futsal.

Para associar as capacidades cognitivas e emocionais em relação à tomada de decisão dos jogadores de futsal do estado do Paraná, a Tabela 6 apresenta uma categorização do estilo de tomada de decisão e dos elementos da teoria triárquica da inteligência em associando-o à capacidade de tomada de melhor decisão.

TABELA 6. Associação entre as capacidades cognitivas, emocionais e a tomada de decisão

VARIÁVEL	TOMADA DE DECISÃO							
	Pior decisão			<i>p</i>	Melhor decisão			<i>p</i>
	Baixa <i>f</i> (%)	Media <i>f</i> (%)	Alta <i>f</i> (%)		Baixa <i>f</i> (%)	Media <i>f</i> (%)	Alta <i>f</i> (%)	
CAPACIDADES EMOCIONAIS								
Competência decisional								
Baixa	11(55,0)	6(30,0)	3(15,0)	0,876	6(30,0)	11(55,0)	3(15,0)	0,663
Alta	48(51,1)	33(35,1)	13(13,8)		35(37,2)	45(47,9)	14(14,9)	
Ansiedade/medo								
Baixa	33(55,0)	20(33,3)	7(11,7)	0,381	21(35,0)	32(53,3)	7(11,7)	0,708
Alta	26(48,1)	19(35,2)	9(16,7)		20(37,0)	24(44,4)	13(18,5)	
Compromisso com a aprendizagem								
Baixa	2(50,0)	2(50,0)	0(0,0)	0,729	0(0,0)	4(100)	0(0,0)	0,531
Alta	57(51,8)	37(33,6)	16(14,5)		41(37,3)	52(47,3)	17(15,5)	
CAPACIDADES COGNITIVAS								
Contextual - adaptação								
sim	16(66,7)	5(20,8)	3(12,5)	0,057	7(27,2)	12(50,0)	5(20,8)	0,852
não	0(0,0)	2(66,7)	1(33,3)		1(33,3)	1(33,3)	1(33,3)	
Contextual - seleção								
sim	7(53,8)	4(30,8)	2(15,4)	0,690	3(23,1)	6(46,2)	4(30,8)	0,300
não	9(64,3)	3(21,4)	2(14,3)		5(35,7)	7(50,0)	2(14,3)	
Contextual - modelagem								
sim	8(50,0)	6(37,5)	2(12,5)	0,562	4(25,0)	8(50,0)	4(25,0)	0,525
não	8(72,7)	1(9,1)	2(18,2)		4(36,4)	5(45,5)	2(18,2)	
Experiencial - novidade								
sim	15(60,0)	6(24,0)	4(16,0)	0,913	7(28,0)	12(48,0)	6(24,0)	0,391
não	1(50,0)	1(50,0)	0(0,0)		1(50,0)	1(50,0)	0(0,0)	
Experiencial - automatização								
sim	15(68,2)	4(18,2)	3(13,6)	0,143	5(22,7)	12(54,5)	5(22,7)	0,269
não	1(20,0)	3(60,0)	1(20,0)		3(60,0)	1(20,0)	1(20,0)	
Componencial – metacomponentes								
sim	6(54,5)	4(36,4)	1(9,1)	0,954	4(36,4)	5(45,5)	2(18,2)	0,525
não	10(62,5)	3(18,8)	3(18,8)		4(25,0)	8(50,0)	4(25,0)	
Componencial – desempenho								
sim	10(52,6)	6(31,6)	3(15,8)	0,418	4(21,1)	12(63,2)	3(15,8)	0,814
não	6(75,0)	1(12,5)	1(12,5)		4(50,0)	1(12,5)	3(37,5)	
Componencial – Aquisição de conhecimentos								
sim	9(56,3)	6(37,5)	1(6,3)	0,643	5(31,3)	8(50,0)	3(18,8)	0,662
não	7(63,6)	1(9,1)	3(27,3)		3(27,3)	5(45,5)	3(27,3)	

P<0,05*

Em relação à associação entre a tomada de decisão com as capacidades emocionais, observa-se que quando associada a tomada de pior decisão com o estilo de tomada de decisão, não houve associação estatisticamente significativa ($p < 0,05$), considerando o

nível associação entre a competência decisional ($p=0,876$), a ansiedade e medo ($p=0,381$) o compromisso com a aprendizagem ($p=0,729$).

Do mesmo modo, para a associação entre a tomada de melhor decisão com o estilo de tomada de decisão, também notou-se que não houve associação estatisticamente significativa ($p<0,05$), considerando um nível de associação de $p=0,663$ para a competência decisional, $p=0,708$ na associação entre ansiedade e medo e $p=0,531$ na associação entre compromisso com aprendizagem.

Referindo-se à associação entre as capacidades cognitivas com a tomada de decisão, também não foi possível observar associação estatisticamente significativa. Nesse sentido, considera-se que para as capacidades cognitivas contextuais, experienciais e componenciais não foram observadas associações, tanto para a tomada de melhor decisão, como para a tomada de pior decisão ($p<0,05$).

No Quadro 5 é apresentada a relação qualitativa entre as capacidades cognitivas, que referem-se a capacidade de adaptação ao ambiente, de relacionamento com a novidade da tarefa e os mecanismos de automatização e as estratégias de processamento de informação e seus componentes, a capacidade tática de tomada de decisão e as capacidades emocionais, que referem-se ao estilo de tomada de decisão.

Observa-se que as características comportamentais mais observadas dentro das capacidades cognitivas, bem como a característica mais observada dentro das capacidades emocionais e o escore freqüentemente mais observado quanto a capacidade de tomada de decisão tática, compuseram o presente quadro apresentando uma relação entre as capacidades cognitivas, emocionais e a tomada de decisão dentro do contexto esportivo.

Capacidade cognitiva			Tomada de decisão tática		Estilo de tomada de decisão (capacidades emocionais)
Subteoria	Elementos	Características	Melhor	Pior	
CONTEXTUAL	Adaptação	Relacionamento interpessoal atleta x atleta	Media	Baixa	Compromisso com a aprendizagem
	Seleção	Dificuldade de relacionamento com a equipe	Media	Baixa	Compromisso com a aprendizagem
	Modelagem	Resolução dos conflitos com diálogo entre a equipe	Media	Baixa	Compromisso com a aprendizagem
EXPERIENCIAL	Novidade	Possui facilidade para aprender	Media	Baixa	Compromisso com a aprendizagem
	Automatização	Faz a tarefa repetidamente	Media	Baixa	Compromisso com a aprendizagem
COMPONENCIAL	Metacomponentes	Dificuldade em explicar como ocorre a tomada de decisão	Media	Baixa	Compromisso com a aprendizagem
	Componentes de desempenho	Recordar outras jogadas executadas no passado	Media	Baixa	Compromisso com a aprendizagem
	Componentes de aquisição de conhecimentos	Assistir jogos, vídeos e relacionamento com atletas mais experientes	Media	Baixa	Compromisso com a aprendizagem

Quadro 5. Relação entre as capacidades cognitivas, emocionais e a tomada de decisão dentro do contexto esportivo.

Observa-se no Quadro 5, que em relação ao desempenho inteligente da capacidade cognitiva contextual, referente aos processos de adaptação, seleção e modelagem, os atletas que apresentaram as características cognitivas mais inteligentes, apresentaram também uma capacidade de tomada de decisão tática media, para a tomada de melhores decisões e uma capacidade de tomada de decisão tática baixa para a tomada de piores decisões. Ressalta-se ainda, que o estilo de tomada de decisão, referente às capacidades emocionais apresentadas pelos atletas de futsal que desempenharam o comportamento inteligente foi o compromisso com a aprendizagem.

Referindo-se ao desempenho inteligente da capacidade cognitiva experiencial, nota-se que os atletas que demonstraram tais características comportamentais inteligentes, apresentaram uma média capacidade de tomada de melhor decisão e baixa capacidade de tomada de pior decisão tática, assim como o estilo de tomada de decisão predominantemente adotado por estes atletas é o compromisso com a aprendizagem.

De modo similar aos comportamentos inteligentes apresentados anteriormente, em relação à capacidade cognitiva componencial, os atletas que apresentaram as características comportamentais Inteligentes, também apresentaram uma media capacidade para tomada de melhores decisões e a capacidade baixa para a tomada de piores decisões. Considera-se ainda que o estilo de tomada de decisão adotado predominantemente pelos atletas que apresentaram um comportamento inteligente na capacidade cognitiva componencial foi o compromisso com a aprendizagem.

6 DISCUSSÃO

Buscando compreender a relação dos dados evidenciados neste estudo com a literatura e levando em consideração os objetivos propostos para a pesquisa, os resultados serão discutidos em tópicos.

6.1 Capacidade de adaptação ao contexto, de relacionamento com a novidade e a automatização, e, as estratégias utilizadas para o processamento da informação.

De acordo com a Teoria Triárquica da Inteligência proposta por Sternberg (1985), o comportamento inteligente desempenhado pelos atletas, dentro do contexto esportivo, pode-se desenvolver mediante a interação de três elementos importantes, que para Sternberg são denominadas Subteorias. A subteoria contextual busca descrever o comportamento inteligente do atleta mediante o seu processo de adaptação na equipe, como se comporta no ambiente e como interage com outros indivíduos. A subteoria experiencial, visa descrever o comportamento inteligente por meio da relação do atleta com tarefas novas e sua capacidade de automatizá-las e realizá-las com precisão. Por fim, a Subteoria componencial objetiva descrever o comportamento inteligente por meio das estratégias utilizadas para processar a informação através dos metacomponentes, os componentes de desempenho e os componentes de aquisição de conhecimentos (STERNBERG, 2001). Dentro da presente perspectiva teórica, torna-se relevante identificar as capacidades de adaptação, relacionamento com a novidade e as estratégias para processamento de informações dos atletas de futsal do estado do Paraná.

6.1.1 Capacidade de adaptação referente à subteoria Contextual

No intuito de identificar a capacidade de adaptação dos atletas de futsal em seu contexto, o presente sub-tópico discute o processo de adaptação utilizado pelos atletas de futsal, através de seus depoimentos, bem como as estratégias utilizadas para

desempenhar tal comportamento de maneira inteligente. Sternberg (1997) apontam que a inteligência prática está relacionada com a capacidade que o ser humano tem para se adaptar, dependendo da situação e do meio onde se encontra. O significado da inteligência prática é correspondente ao contexto cultural que se encontra o indivíduo.

Referindo-se a capacidade de adaptação, a estratégia mais utilizadas pelos jogadores de futsal foi a busca pelo relacionamento com outros atletas (60,8%). Outra estratégia semelhante à primeira é a busca pelo relacionamento interpessoal entre atleta e comissão técnica (Quadro 2, p.57).

Com relação à estratégia de seleção de um novo ambiente (outra equipe), observa-se no Quadro 1 que em 38,2% dos depoimentos analisados, os atletas buscam uma nova equipe quando tem dificuldade de relacionamento com a equipe. Em contrapartida, em 11,7% das respostas os atletas relataram que nunca aconteceu o fato de não se adaptarem nas equipes por onde competiram.

Como último recurso, ocorre a modelagem (o atleta busca adaptação a equipe e modifica seu comportamento). Para os atletas de futsal do estado do Paraná em 56,2% das respostas é o comportamento de resolver os conflitos com diálogo entre a equipe, seguido pelo comportamento de manter-se neutro perante uma situação com frequência de respostas de 15,6%.

Poucas pesquisas têm investigado a inteligência dentro do processo de adaptação ao contexto esportivo. Silva e Greco (2009) e Matias e Greco (2010) embora tenham investigado os mecanismos de inteligência, estes remetem-se ao desenvolvimento do conhecimento tático processual e sobre a cognição nos jogos esportivos, respectivamente em seus estudos. Com relação ao paradigma triárquico e sua relação no contexto esportivo, em especial ao processo de adaptação, Vieira et al. (1997) apresentam tal relação em um estudo com atletas de handebol. Da mesma forma como observado nos estudos de Vieira et al. (1997), mediante aos depoimentos encontrados na presente pesquisa, pode-se observar a grande importância que os atletas

mencionam para o estabelecimento de relações interpessoais dentro do contexto esportivo que compreende as modalidades coletivas, como no caso do futsal do estado do Paraná.

Nessa mesma perspectiva, Sternberg et al. (1999) consideram relevante o emprego de habilidades de adaptação, as quais são chamadas de inteligência prática, assim como o achado em sua investigação realizada com alunos de ensino médio em que seus resultados indicaram que alunos submetidos a processos de treinamento de inteligência prática obtiveram desempenho superior quando comparados com alunos que não receberam tal treinamento. Um mecanismo possível para justificar o achado apresenta-se na condição que os indivíduos que são mais inteligentes em seus contextos, ou ainda, que são treinados para serem mais inteligentes em seus contextos, tem também demonstrado um desempenho superior nas realizações de tarefas (STERNBERG et al., 1999; STERNBERG, PRIETO e CASTEJÓN, 2000; STERNBERG et al., 2001).

Contrariamente ao achado anterior, um dos estudos pioneiros que investigam a inteligência dentro de uma perspectiva triárquica realizado por Vieira et al. (1997), que investigou a tríade da inteligência dentro do contexto esportivo do handebol, indicou que os atletas praticantes de handebol encontraram dificuldades no processo de adaptação ao contexto esportivo por serem oriundos de diferentes ambientes sócio-culturais e serem contratados exclusivamente para as competições; diferentemente dos dados da presente investigação, em que muitos dos atletas convivem e, muitos até moram juntos durante toda a temporada.

Alguns mecanismos podem ser discutidos no intuito de compreender a divergência do achado da presente investigação com o estudo de Vieira et al. (1997). A composição do grupo esportivo em modalidades coletivas pode intervir no relacionamento entre os mesmos bem como nos resultados obtidos pela equipe. O processo de adaptação pode variar segundo o grupo de pessoas (atletas jovens, experientes, de diversas regiões geográficas, nacionalidades diferentes e com objetivos diferentes), bem como com os tipos de ambientes (jogar em sua cidade ou no exterior). Mais um fator determinante é o

fato da inteligência não ser a mesma para todas as pessoas, nem seja a mesma em todos os momentos da vida (como no caso de equipes que possuem atletas mais jovens e mais experientes) (STERNBERG, 1985). Portanto, deve-se considerar o grupo em que o atleta está inserido e, este grupo pode refletir na adaptação dos atletas ao contexto, conseqüentemente a boa adaptação do grupo esportivo pode gerar um elemento de coesão esportiva, podendo refletir no sucesso esportivo da equipe (CÔTÉ et al.,1995; LEITÃO, 1999; COSTA, 2003).

6.1.2 Capacidade de relacionamento com a novidade e automatização referente à subteoria Experiencial.

Buscando identificar a capacidade de relacionamento com a novidade na realização das tarefas motoras, bem como os mecanismos de automatização das habilidades motoras, o segundo tópico da discussão do presente trabalho aprofunda a compreensão dos processos execução de tarefas de inteligência dos jogadores de futsal do estado do Paraná. De acordo com Gardner e Sternberg (1994), o desempenho de indivíduos em novos contextos e sua capacidade de tornar-se experiente na tarefa que está realizando, está diretamente relacionado à inteligência.

Como observado nos resultados apresentados no Quadro 3 (p.64), em 45,4% da freqüência de respostas os atletas relataram possuir facilidade para aprender novas habilidades e 40% dos atletas indicaram ter interesse em aprender novas habilidades, sendo estes indicadores importantes para melhorar a capacidade de aprendizagem.

Da mesma forma que os atletas de futsal consideraram-se com boa capacidade de enfrentamento de tarefas novas, com relação à capacidade de automatização, em 51,1% das freqüências das respostas os atletas indicaram como estratégia de automatização realizar a tarefa repetidas vezes. Em 16,2% das respostas foi observado que os atletas estudam as jogadas fora dos horários de treinamento na busca pela automatização e em 16,2% os atletas responderam possuir uma boa técnica. No mesmo sentido dos dados observados na presente investigação, Sternberg (1985)

aponta para a estratégia de repetição de tarefas na busca pelo processo de automatização.

Considerando o processo inicial de automatização de tarefas, representado pelas elaborações globais e locais da informação, Sternberg (1985), Dixon (1992) e Krebs et al. (1996) indicam que indivíduos mais experientes, no caso da presente investigação, os atletas das Chaves Ouro, Prata e Bronze, da categoria adulto do Campeonato Paranaense de Futsal, são capazes de manejar uma série de situações mediante o emprego do sistema local, uma vez têm armazenadas grandes quantidades de informações dentro deste sistema. Em contrapartida, os indivíduos menos experientes utilizam os sistemas locais em alguns casos apenas, porque possuem relativamente poucos conhecimentos, sendo assim, dedicam recursos globais com tanta freqüência que a maior parte da nova informação se perde rapidamente.

Investigações realizadas no intuito de investigar a capacidade de relacionamento com a novidade e a automatização de tarefas, podem ser observadas nos estudos de Sternberg, Torff e Grigorenko (1998) e Sternberg et al. (1999) em que os grupos pesquisados foram divididos e submetidos ao treinamento de habilidades criativas enquanto outros grupos receberam outros tipos de instrução ou ainda não receberam nenhuma instrução, habilidades criativas estas que estão relacionadas à novidade e a automatização de tarefas. Quando comparados com os grupos que não haviam recebido tal intervenção, o grupo de intervenção apresentou-se superiormente inteligentes com relação à novidade e automatização das tarefas em que foram submetidos. Mais tarde Memmert e Furley (2007) apontaram implicações relevantes no treinamento de processos de criatividade e treinamento na busca de aprimorar as capacidades de atenção e tomada de decisão em esportes de uma forma geral. Do mesmo modo Silva e Greco (2009) apontam para o desenvolvimento de metodologias ativas, baseadas no desenvolvimento tático para promover a construção do conhecimento técnico-tático e da criatividade.

Contrariamente ao presente exposto, Vieira et al. (1997) que investigaram a capacidade relacionamento com a novidade, bem como com a automatização dentro do contexto esportivo do handebol, indicaram que alguns atletas de handebol relataram dificuldades de aprendizado e automatização de tarefas novas, enquanto outros atletas relataram dificuldades tanto na aprendizagem quanto na automatização. Os autores justificaram os achados pelo fato de que algumas tarefas eram novas para algumas pessoas enquanto para outras as mesmas já estavam automatizadas.

A principal discordância que pode ser observada nos estudos de Sternberg, Torff e Grigorenko (1998) e Sternberg et al. (1999) em relação ao estudo de Vieira et al. (1997) é a forma com que os grupos se comportaram (mostraram-se) nas diferentes pesquisas com relação à inteligência experiencial. Um mecanismo que pode explicar tais diferenças dentro dos grupos pode ser o fator idade e experiência prévia dos indivíduos quando submetidos à situações de grupo. Como apontam Dixon (1992), Krebs et al (1996) e Vieira et al (1997) a questão da experiência de cada jogador faz-se importante considerando que as equipes esportivas são compostas por jogadores mais e menos experientes.

6.1.3 Capacidade de processamento da informação referente à subteoria Componencial.

Com relação às estratégias de processamento da informação utilizadas pelos atletas na busca pelo desempenho do comportamento inteligente, o primeiro elemento da subteoria componencial refere-se aos metacomponentes. Sternberg (1999, 2000) caracteriza o componente como um processo elementar da informação que opera sobre representações internas de objetos ou símbolos.

Dentre as estratégias metacomponenciais utilizadas pelos atletas de futsal para processar a informação no processo de tomada de decisão, em 25% das respostas, os atletas indicaram que possuem dificuldades em explicar como tomam a decisão, podendo sugerir que processos automatizados e de aprendizagem implícita de acordo

com Raab (2001), como foi destacado no depoimento do atleta AB6 (p.71) em que o mesmo não consegue explicar como transcorre seu processo de tomada de decisão. O segundo comportamento mais observado pelos atletas de futsal, com relação aos metacomponentes utilizados para processar a informação, foram as estratégias de aprendizagem implícita, como situações em que o atleta sentencia situações durante o processo de decisão, por exemplo, “se o marcado sair eu passarei a bola para o meu companheiro”, com frequência de respostas de 18,1% (AO1, p.71). Tais estratégias de aprendizagem implícita pautam-se em pesquisas de Raab (2001a), Raab (2001b), Raab, Masters e Maxwell (2005), Pooltron, Masters e Maxwell (2006), Raab (2007), em que as estruturas de treinamento baseiam-se em sentenças que estipulam relações causais “se-então” no intuito de compreender cada estratégia cognitiva tomada durante um jogo. Sternberg (2001) intitula as estratégias de aprendizagem implícita como estratégias de raciocínio indutivo, sendo que estas também remetem-se à relações causais “se-então”.

O terceiro comportamento processamento da informação que foi mais vezes observado como estratégia metacomponencial foram as estratégias de antecipação ao estímulo (Quadro 4, p.70), como foi observado no depoimento do atleta AO6 (p.71). De acordo com Wrisberg e Gould (2001), os recursos de antecipação de estímulos podem preconizar sucesso dentro do processamento da informação.

Em algumas investigações realizadas no esporte, observa-se que a habilidade de antecipação tem sido observada como um preditor de sucesso no esporte. O estudo de Meeuwsen, Goode e Goggin (1997) em sua investigação sobre o tempo de antecipação em mulheres, observaram que os sistemas motores e perceptivos das atletas mais experientes são diferencialmente pela manipulação de tarefas e estímulos em comparação às atletas menos experientes. Savelsbergh et al. (2002) que investigaram a estratégia de busca visual, antecipação e experiência em goleiros de futebol, observaram que diferenças entre goleiros mais e menos experientes e consideraram a necessidade de haver estratégias para melhorar a habilidade de antecipação de goleiros. Weissensteiner et al. (2008) realizaram um estudo sobre a estratégia de

antecipação nos jogos de Críquete comparando atletas mais jovens e mais experientes e puderam observar que os atletas mais experientes possuem melhores estratégias de antecipação quando comparados aos atletas mais jovens.

Dentre componentes de desempenho, dois deles foram freqüentemente mais vezes citados pelos atletas de futsal quando questionados sobre sua capacidade de tomada de decisão. Estratégias como recordar outras jogadas executadas no passado (22,4%) conforme testemunhado pelo atleta AO1 (p.73) e realizar correções de jogadas mal sucedidas (17,9%) de acordo com o relato do atleta AP5 (p.73). Em confirmação à tal comportamento inteligente, Sternberg (1985) postula que os componentes de realização são usados para executar a instrução e fornecer feed-back para os metacomponentes.

Pode-se observar nos estudos de Sternberg, Torff e Grigorenko (1998) e Sternberg et al. (1999) que os indivíduos que foram submetidos a programas de intervenção e treinamento de habilidades componenciais apresentaram maior inteligência triárquica quando comparados com grupos semelhantes de alunos que não haviam passado pelo treinamento de habilidades de inteligência.

Como estratégias referentes aos componentes de aquisição de conhecimentos, os atletas relataram utilizar três estratégias predominantemente como comportamentos inteligentes. As estratégias utilizadas foram assistir jogos, assistir vídeos na internet e se relacionar com atletas mais experientes (AP8, p.74), ambos com freqüência de respostas de 25,3%. As mesmas estratégias de aquisição de conhecimentos que foram predominantes na presente pesquisa também foram observadas no estudo de Vieira et al. (1997) que verificaram que as estratégias mais utilizadas pelos jogadores de handebol foram as leituras, vídeos e conversas com pessoas mais experientes.

6.2 Caracterização da competência decisional percebida, ansiedade e medo e compromisso com a aprendizagem entre as chaves.

Além de considerar a tomada de decisão como um aspecto preferencialmente cognitivo, Ruiz e Graupera (2005) apontam que as questões emocionais, volitivas e emocionais devem ser consideradas. A confiança em seu potencial, a preocupação com a melhoria na tomada de decisões e a capacidade de superar situações de risco e de responsabilidade do jogo, são exemplos de aspectos que vão além do espectro cognitivo da decisão. Para caracterizar o estilo de tomada de decisão dos atletas de futsal, os mesmos autores apontam que três elementos são importantes nesta composição: A competência decisional percebida, a ansiedade e medo e o compromisso com a aprendizagem.

6.2.1 Estilo de tomada de decisão considerando a Chave do Campeonato Paranaense de Futsal.

Investigações têm sido realizadas sobre a relação de fatores intervenientes de ordem cognitivas, fisiológicas, além de outras no desempenho dos atletas, especificamente sobre a capacidade de tomada de decisão. Dentre os diversos fatores intervenientes podem ser citados a influência dos estilos de liderança sobre a tomada de decisão, a influencia do aumento da frequência cardíaca e da intensidade do exercício, os aspectos relacionados a atenção em relação à tomada de decisão, além dos fatores como a competência decisional percebida, a ansiedade e o medo e o compromisso com a aprendizagem (BUTT, WEINBERG e HORN, 2003; RUIZ e GRAUPERA, 2005; MEMMERT e FURLEY, 2007; LOPES, 2008; FONTANA et al., 2009).

Referindo-se os três últimos fatores intervenientes citados, Ruiz e Graupera (2005) consideram a competência decisional percebida como a percepção que o atleta tem de sua própria competência para decidir durante um jogo, podendo ser influenciado pela opinião de pessoas significativas ou pela comparação entre atletas. O segundo fator, a

ansiedade e medo, está relacionada a dimensão negativa da tomada de decisão envolvendo as circunstâncias causadoras de estresse e ansiedade no momento de decidir. O terceiro fator, a aprendizagem refere-se ao compromisso que o atleta tem em melhorar a capacidade de decidir e seguir os conselhos de seu treinador.

Poucas foram as investigações realizadas até a presente data sobre o estilo de tomada de decisão (Ruiz e Graupera, 2005) por conta de ser um instrumento relativamente novo, destacando a necessidade de mais investigações sobre a temática. Dentre os estudos norteados por esta proposta, destacam-se os realizados por Lopes (2008), Sanches et al. (2009) e Coll, Pérez e Sanz (2009).

Observa-se na Tabela 2 (p.75), que em relação ao estilo de tomada de decisão predominante em cada chave, destacou-se o Compromisso com a aprendizagem como sendo o estilo predominante adotado pelos atletas de futsal para as três categorias de disputa e na somatória geral dos atletas, tanto na comparação do Compromisso com a aprendizagem com a Competência decisional percebida ($p \leq 0,01$) e também na comparação do Compromisso com a aprendizagem em relação à Ansiedade e medo ($p \leq 0,01$).

Foi observado também que o fator Competência decisional percebida apresentou um escore estatisticamente superior ($p \leq 0,01$) em comparação ao fator Ansiedade e medo para todas as categorias de disputa (Chave Ouro, Prata e Bronze) além de ter sido evidenciado na somatória geral dos atletas (Tabela 2, p.75).

Em relação ao fator Compromisso com a aprendizagem ter sido observado como estilo predominante da tomada de decisão seguido pela Competência decisional percebida, dentro do futsal paranaense, observa-se na literatura, como no estudo de Lopes (2008) que os jogadores de futebol de campo de Brasília também apresentaram como estilo predominante o Compromisso com a Aprendizagem seguido pela Competência decisional. Sanches et al. (2009) do mesmo modo também citam o Compromisso como dimensão predominante quando investigadas jogadoras espanholas de basquete. Ainda

Coll, Pérez e Sanz (2009) em pesquisa realizada com jogadores de voleibol, apontam que tanto os jogadores mais jovens como os atletas mais experientes e qualificados, todos têm apresentado um estilo de tomada de decisão semelhante, com a dimensão de Compromisso com a aprendizagem significativamente mais elevada em relação às demais, seguida pela Competência decisional e por último a Ansiedade e medo.

Liukkonen et al. (1996), Smith, Smoll e Cumming (2007), têm atribuído ao aspecto do comprometimento com a realização de tarefas em equipes esportivas à forte influência que o treinador exerce sobre as experiências vivenciadas pelos atletas. Deste modo, as ações, tomadas de decisões, atitudes, filosofias e metodologias de trabalho, os valores atribuídos e a natureza da sua interação apresentam valores importantes para a percepção de uma forma geral de seus participantes. Côté et al. (1995) destaca a relação técnico-atleta como um modelo de *Coaching*, considerando que fatores contextuais, características da personalidade do atleta e do treinador, o nível de maturidade do grupo, além de outros fatores podem influenciar esta relação entre Treinador-atleta.

Destacando também o aspecto do senso de competência, Harter e Connell (1984), enfatizam que durante o processo de desenvolvimento de uma habilidade, ou uma tarefa, há uma interação entre motivação, percepção de competência, percepção de controle, além das conquistas. Em consideração à importância do atleta perceber-se competente, Fernandes et al. (2007) ressalta que a competência pode ser responsável por até 90% do sucesso esportivo.

6.2.2 Estilo de tomada de decisão entre as Chaves do Campeonato Paranaense de Futsal

Os aspectos intervenientes à tomada de decisão dentro do contexto esportivo, podem se estender a vários aspectos cognitivos e/ou emocionais de acordo com a abordagem ao fenômeno. De acordo com os pressupostos da presente pesquisa, os aspectos

intervenientes de ordem emocional que foram investigados foram a percepção da competência por parte do atleta, a ansiedade, e, por último o compromisso com a aprendizagem da tarefa.

Pesquisas sobre a percepção de competência do atleta dentro do contexto esportivo tem sido investigadas por vários autores (VIEIRA, 1993; FERREIRA, FERNANDES e VASCONCELOS-RAPOSO, 2007; PIFFERO, 2007; FIGUEIREDO, 2010; MATHEUS, 2009), assim como as investigações sobre a ansiedade dentro do ambiente esportivo (MEMMERT e FURLEY, 2007; WILSON, WOOD e VINE, 2009; HUMARA, 1999; MULLEN, HARDY e TATTERSALL, 2005; WILLIAMS e ELLIOTT, 1999), bem como os aspectos do compromisso com a aprendizagem dentro de um perspectiva de liderança esportiva na relação treinador-atleta (SOUZA et al., 2009; COSTA, 2006; COSTA, SAMULSKI e MARQUES, 2006; LOPES, SAMULSKI e NOCE, 2004; BAKER, YARDLEY e CÔTÉ, 2003). Contudo, uma abordagem que contemplasse as três características emocionais citadas anteriormente, como um elemento interveniente na tomada de decisão, pode ser abordada na comparação entre as chaves do Campeonato Paranaense de Futsal.

Considerando o paradigma apresentado na presente pesquisa, no intuito de comparar a capacidade de tomada de decisão e os aspectos intervenientes relacionados à mesma entre cada uma das chaves (Ouro, Prata e Bronze) do campeonato paranaense de futsal, observa-se na Tabela 2 (p.75) a comparação de cada estilo de tomada de decisão entre as chaves do campeonato paranaense de futsal.

Como pôde ser observado, não houve diferença estatisticamente significativa quando comparada a Competência decisional percebida entre as chaves Ouro, Prata e Bronze. Da mesma forma não foram observadas diferenças significativas na comparação dos estilos de decisão Ansiedade e medo e Compromisso com a aprendizagem entre as chaves de disputa.

Uma investigação que vai ao encontro do achado da presente pesquisa, foi observado no estudo de Coll, Pérez e Sanz (2009) em que os jogadores de voleibol são divididos em três grupos de acordo com seu nível técnico e analisado seu estilo de tomada de decisão. Os apontamentos conclusivos desta investigação indicam que independentemente do nível técnico da equipe o estilo de tomada de decisão permanece o mesmo. Na mesma perspectiva outras investigações sobre o estilo de tomada de decisão têm sido realizadas, sendo que os resultados têm sempre se apresentado da mesma forma, com predominância do compromisso com a aprendizagem, seguido pela competência decisional e ansiedade e medo (LOPES, 2008, SANCHES et al.,2009).

Contrariamente a presente investigação Fernandes et al. (2007) apontam que quanto maior o nível técnico em disputa, maior é a demanda cognitiva na tarefa e conseqüentemente a capacidade do atleta também é maior, contudo, na presente investigação não foi possível observar tal condição.

Em se tratando dos aspectos intervenientes mais evidentes na presente pesquisa, Noce (2006) trata o aspecto do compromisso com a aprendizagem dentro de uma perspectiva de liderança, em que considera o papel da liderança exercido pelo treinador implicado nas instruções dadas aos atletas e tais instruções representando sucesso ou fracasso no contexto esportivo. Secundariamente, García, Ruiz e Graupera (2009) ressaltam a importância dos atletas conhecerem suas auto-percepções, uma vez que as decisões devem ser rápidas tendo em vista os vários estímulos e a velocidade com que os mesmos alteram-se, os atletas que percebem-se mais competentes podem se sobressair em relações aos seus companheiros que se percebem menos competentes para decidir.

6.3 Capacidade de tomada de decisão tática dos atletas de futsal.

Considerando que a tomada de decisão pode ser caracterizada como um processo intencional e direcionado a um objetivo, este comportamento é resultado de uma

resposta que o atleta emite mediante um estímulo (GRECO, 2009). Dentro do contexto de futsal, os estímulos podem preceder de condições externas (local do jogo, torcida, clima, etc.), aspectos coletivos (estratégia coletiva da equipe) e aspectos individuais (características do atleta) (GRÉHAIGNE et al, 2001).

Dentro dos aspectos individuais, o fator experiência deve ser destacado, oriundo da interação do conhecimento e da experiência adquirida, com as informações provenientes dos processos de recepção e elaboração da informação do sujeito decisor (STERNBERG, 2001). Nessa perspectiva, uma abordagem que contemple a experiência dos atletas em relação ao nível competitivo de disputa (chave Ouro, Prata e Bronze), sua idade e o nível técnico ao atuar em seleções, pode auxiliar na compreensão do mecanismo da tomada de decisão no futsal.

6.3.1 Tomada de decisão em relação às chaves

Um dos objetivos do presente trabalho foi identificar a capacidade de tomada de decisão em relação às Chaves de disputa do Campeonato Paranaense de Futsal, a experiência e o nível técnico. Considerando que os atletas da chave ouro representam a primeira divisão, os atletas da chave prata representam a segunda divisão e os atletas da chave bronze representam a terceira divisão, esperava-se que, segundo a hipótese conceitual da pesquisa, os atletas mais qualificados apresentariam uma superior capacidade de tomada de decisão em comparação aos atletas menos qualificados, entretanto, não foi possível identificar tal diferença (Tabela 3 p.76).

Conforme descrito na Tabela 4 (p.78), com relação à associação da capacidade de tomada de melhor decisão e da capacidade de tomada de pior decisão entre as chaves, os atletas das chaves Ouro, Prata e Bronze não apresentaram associações significativas quando comparados os grupos ($p < 0,05$). Tal associação pode não ter sido evidenciada em detrimento à pouca diferença de idade e tempo de prática entre os atletas das categorias Ouro, com idade média de 24,8 anos e tempo de prática de 14,6 anos, os atletas da chave Prata, com idade média de 26,6 anos e tempo de prática de

14,3 anos, e, os atletas da chave Bronze com idade media de 22,9 e tempo de pratica de 11,7 anos.

Na literatura que investiga a capacidade de tomada de decisão entre atletas, alguns estudos têm sido realizados no intuito de investigar a tomada de decisão em relação aos níveis competitivos e têm obtido os mesmos resultados dos apresentados na presente pesquisa. Costa (2001) e Costa et al. (2002) em seu estudo investigaram a inteligência e os conhecimentos específicos relativos à capacidade de tomada de decisão de jogadores de futebol de campo com idade média de 16 anos de níveis competitivos superior e inferior. Seus achados revelaram não haver diferença na capacidade de tomada de decisão quando comparados os atletas dos diferentes grupos. Tais resultados encontrados (a não existência de diferença entre a tomada de decisão de jogadores de diferentes categorias de disputa) na presente investigação, bem como na literatura podem ser justificados pelo fato de que o conhecimento declarativo pode aumentar em detrimento ao aumento da experiência e conseqüentemente da idade e não ao aumento do nível competitivo em disputa (STERNBERG, 2001; JOHNSON e RAAB, 2003).

Contrariamente às pesquisas apresentadas anteriormente, Pinto (2005) investigou o conhecimento declarativo (tomada de decisão) de jogadores de futsal e seus dados revelaram que os atletas profissionais diferiram-se dos atletas amadores de forma estatisticamente significativa. No mesmo sentido, Vaeyens et al. (2007) investigaram a habilidade de tomada de decisão e a estratégia de busca visual de jovens entre 13 e 15 anos e observaram que os jovens que foram considerados como mais qualificados apresentaram melhor capacidade de tomada de decisão. Morales et al. (2009) em sua pesquisa investigou a velocidade de processamento mental de jogadores de voleibol comparando seus níveis de metacognição, seus achados indicaram que os atletas com nível maior de metacognição apresentaram maior velocidade de processamento mental quando comparados com atletas com menores níveis de metacognição. Por fim, Miragaia (2001) investigou o conhecimento declarativo de jogadores de liga nacional portuguesa de futebol e identificou que os atletas participantes de níveis competitivos

mais elevados apresentaram melhor capacidade de tomada de decisão quando comparados com atletas de níveis inferiores de disputa.

Um mecanismo que pode ser utilizado na explicação da discordância entre a capacidade de tomada de decisão em diferentes níveis técnicos é a questão do paradigma utilizado em cada pesquisa. Sternberg (2001) considera que uma série de elementos pode compor os aspectos que regem um mecanismo cognitivo de tomada de decisão, como no caso das estratégias de procura visual nos estudos de Williams e Elliott (1999), Savelsbergh et al. (2002), Vaeyens et al. (2007) ou estudos que avaliem outros fatores associados à tomada de decisão, como nos estudos de Humara (1999), Butt, Weinberg e Horn (2003), Mullen, Hardy e Tattersall (2005), Memmert e Furley (2007). Uma vez que contemple a tomada de decisão estes estudos fazem uso de elementos cognitivo diferente podendo resultar em diferentes achados e perspectivas.

6.3.2 Tomada de decisão em relação à idade

Uma consideração importante ser enfatizadas quando são analisadas as capacidades cognitivas de tomada de decisão de atletas, independentemente da modalidade esportiva, é o fator idade. No contexto esportivo a idade é um fator determinante, pois de acordo com esta o atleta é disposto em sua respectiva categoria, como é o caso de equipes infantis, infanto-juvenis, juvenis, entre outras.

No caso da categoria sênior (adulto), observando o contexto esportivo do futsal, bem como o contexto de outras modalidades esportivas, a faixa-etária que compreende tal grupo de atletas apresenta maior distensão entre a idade dos atletas, como no caso da presente pesquisa em que a idade dos jogadores de futsal do estado do Paraná variou de dezoito a quarenta anos (Tabela 4, p.78).

Dentro das investigações sobre a tomada de decisão no ambiente esportivo, diversas pesquisas têm comparado a capacidade cognitiva de atletas mais experientes em relação à atletas menos experientes. Embora tenham sido pesquisadas diversas

variáveis cognitivas associadas à capacidade de tomada de decisão, como fixações visuais, o conhecimento declarativo e a prática deliberada, tem-se observado uma constância nos resultados indicando que os atletas mais experientes (com maior idade) têm apresentado melhor capacidade decisória (McPHERSON e FRENCH, 1991; BAKER e CÔTÉ, 2003; VIEIRA, 2003; ARAÚJO, DAVIDS, SERPA, 2005; PÂQUES et al, 2005; MANN et al, 2007; VAEYENS et al 2007).

Conforme observado na Tabela 4 (p.78), os atletas foram divididos em três grupos etários, em que o primeiro grupo possuía idade entre 18 a 22 anos, o segundo grupo foi composto por atletas de 23 a 27 anos e o terceiro grupo por atletas de 28 a 40 anos. Considerando a associação entre idade e capacidade de tomada de decisão, foi possível observar que os atletas de 28 a 40 anos apresentaram uma associação significativa para a capacidade de tomada de piores decisões em comparação ao grupo etário de 18 a 22 anos. Analisando tal associação dentro do modelo de regressão de Poisson com ajuste robusto de variância notou-se uma razão de prevalência de 1,23 (RP=1,23), indicando que os atletas de 18 a 22 anos têm 1,23 vezes mais chance de tomar piores decisões em comparação aos atletas de 28 a 40 anos.

Em concordância com os resultados apresentados no presente estudo, destacam-se as pesquisas de Williams e Elliott (1999) sobre ansiedade, estratégias de busca visual e experiência dentro do Caratê, considerando que os atletas mais experientes apresentaram comportamentos superiores aos atletas menos experientes, Memmert, Simons e Grimme (2009) sobre atenção e experiência em tarefas cognitivas relacionadas à tomada de decisão, Sánchez e Pérez (2006) sobre a capacidade de tomada de decisão de jogadoras de basquete, Cañal-Bruland (2009) sobre atenção visual e tomada de decisão. Em todas estas investigações os atletas mais experientes tem demonstrado uma capacidade cognitiva e de tomada de decisão superior quando comparada com atletas menos experientes.

Como um mecanismo possível para buscar explicar o motivo pelo qual os jogadores mais experientes e com idade mais elevadas possuem melhores capacidades

cognitivas em comparação aos atletas mais jovens, ressalta-se o estudo de Pâques et al. (2005) que investigaram a capacidade de tomada de decisão de jogadores de futebol a partir de doze anos até a categoria sênior. No âmbito de suas conclusões, os autores indicaram que as bases de conhecimento do trabalho de julgar a pertinência das situações de decisões no contexto esportivo são estruturadas de forma diferente dentro da faixa etária.

Sternberg (2001) indica que os indivíduos mais velhos simplesmente sabem mais que os indivíduos mais jovens, pois integram e combinam a informação codificada em meios mais complexos, fornecendo conexões mais elaboradas com o que já conhecem. Outros recursos atribuídos aos indivíduos mais experientes são os recursos de atenção e de memória de trabalho, sendo mais rápidos no processamento cognitivo, além de terem a capacidade de organizar a informação em blocos progressivamente maiores e mais complexos.

6.3.3 Tomada de decisão em relação ao nível técnico

No intuito de investigar a importância da experiência do atleta sobre seu conhecimento declarativo, bem como sua apurada capacidade de tomada de decisão, os resultados da presente investigação já identificaram que os atletas mais experientes têm 1,23 vezes menos chance de tomar piores decisões quando comparados com atletas mais jovens. Outros autores também têm observado tais resultados (WILLIAMS e ELLIOTT, 1999; SÁNCHEZ E PÉREZ, 2006; CAÑAL-BRULAND, 2009; MEMMERT, SIMONS e GRIMME, 2009).

Ressaltando os resultados apresentados, enfatiza-se a necessidade de investigar o fator experiência, nessa perspectiva, um elemento que merece ser destacado é a capacidade de tomada de decisão em relação ao nível técnico do jogador, no caso os atletas que já haviam sido convocados para seleções estaduais e nacional.

Com relação à capacidade de tomada de pior decisão, não foi possível encontrar associação estatisticamente significativa ($p < 0,05$), considerando o nível técnico dos atletas (seleção paranaense e seleção brasileira).

Em contrapartida, quando investigada a associação da capacidade de tomada de melhores decisões em relação ao nível técnico (Tabela 5, p.80), ficou evidenciada associação entre os jogadores que já atuaram na seleção brasileira em comparação aos demais atletas ($p \leq 0,03$). Dentro do modelo da regressão de Poisson com ajuste robusto de variância notou-se uma razão de prevalência de 4,01, indicando que os atletas que já fizeram parte da seleção brasileira têm capacidade de tomar melhores decisões comparados aos jogadores que ainda não foram convocados.

As investigações sobre a capacidade de tomada de decisão no contexto esportivo do futsal são escassas tanto no cenário nacional como também no internacional, revelando uma grande lacuna a ser preenchida com novas investigações, ressalvas feitas a alguns estudos que têm enfatizado processos metodológicos de Ensino-Aprendizagem-Treinamento e a comparação da capacidade de tomada de decisão entre grupos por meio do conhecimento declarativo (SOUZA, 2002; MOREIRA, 2005; PINTO, 2005; SILVA, 2007; SILVA e GRECO, 2009).

Em pesquisas que têm investigado o conhecimento declarativo, tem-se observado resultados controversos com relação ao nível técnico. Enquanto nos estudos de Miragaia (2001) e Pinto (2005) os resultados têm indicado que o conhecimento declarativo dos jogadores mais qualificados é superior em comparação aos jogadores menos qualificados, os estudos de Costa (2001) e Costa et al. (2002) indicam não haver diferença estatisticamente significativa entre os grupos. Uma consideração relevante a respeito de um mecanismo que explique tal comportamento pode pautar-se observando o critério utilizado para categorizar o atleta como mais ou menos qualificado, bem como as amostras investigadas, remetendo assim a um aspecto contextual de cada investigação. Para Sternberg (1985, 1999, 2001) tal aspecto pode

apresentar-se como determinante no desempenho cognitivamente inteligente de tarefas.

Em relação à investigação da capacidade de tomada de decisão e nível técnico de jogadores em outras modalidades esportivas, McPherson e Macmahon (2008) identificaram que em jogos de beisebol os jogadores mais experientes demonstraram superior habilidade cognitiva em relação aos jogadores de menor nível técnico. Baker e Côté (2003) que investigaram a capacidade de tomada de decisão e jogadores de hockey, netball e basquetebol também encontraram diferenças significativas. Em contrapartida nos estudos de Memmert, Simons e Grimme (2009) que investigaram o efeito da atenção sobre a capacidade de tomada de decisão não observaram diferença na comparação entre grupos mais e menos qualificados.

6.4 Associação da capacidade de tomada de decisão com as capacidades cognitivas e emocionais utilizadas no contexto do futsal.

A capacidade de tomada de decisão dentro do contexto esportivo tem sido investigada no âmbito das diversas modalidades esportivas (VAEYENS et al., 2007; DAVRANCHE et al., 2009; MCPHERSON e MACMAHON, 2008; MORALES et al., 2009) além de dos vários mecanismos que a compõe (RAAB, 2001; COSTA et al., 2002; BERRY, ABERNETHY e CÔTÉ, 2008).

Considerando a proposição anterior, deve-se destacar também pesquisas que tenham realizado interações entre a tomada de decisão e outras habilidades ou capacidades cognitivas (atenção, ansiedade, estratégias de procura visual) que pudessem vir a intervir a condição da decisão (VALLERAND, 1983; WILLIAMS e DAVIDS, 1998; HUMARA, 1999; MULLEN, HARDY e TATTERSALL, 2005).

Na presente investigação não foi possível observar associações estatisticamente significativas entre as capacidades cognitivas (competência decisional percebida, ansiedade e medo e compromisso com a aprendizagem) e as capacidades emocionais

(contextual, experiencial, componencial) em relação à capacidade de tomada de decisão (pior ou melhor decisão) dos jogadores de futsal. Considera-se dessa forma implicações no sentido de que as capacidades cognitivas e emocionais estão mais associadas à experiência (idade) do que a outros fatores, como no caso das chaves do campeonato paranaense ou ainda das equipes esportivas (Tabela 6, p.82).

Um mecanismo utilizado para justificar a inexistência de associações significativas em relação às capacidades cognitivas e emocionais sobre a tomada de decisão pode ser observado no Quadro 5 (p.84). Em que observa-se que os atletas que apresentaram um comportamento inteligente quanto à capacidade cognitiva, estes também apresentaram o mesmo estilo de tomada de decisões (compromisso com a aprendizagem) e, freqüentemente, o mesmo comportamento quanto à capacidade tática de tomada de decisão.

Similarmente aos resultados observados, destaca-se o estudo de Lopes (2008) e Coll, Pérez e Sanz (2009) em que os estilos de tomada de decisão de atletas de diferentes níveis competitivos e fatores situacionais foram investigados, entretanto não foram evidenciadas diferenças em relação aos grupos, uma vez que todos apresentaram o mesmo estilo.

Para García, Ruiz e Graupera (2009) a demanda esportiva, bem como a grande competitividade emerge a necessidade do atleta comprometer-se com as normas e instruções por parte dos treinadores, sentir-se competente e capaz de decidir em situações do jogo, além de não apresentar sentimentos negativos que possam prejudicar o desempenho. Sendo assim, independente da condição em que o atleta está sendo analisado o estilo predominante de tomada de decisão permanecerá. Neste mesmo sentido, as pesquisas que enfatizam o baixo índice de ansiedade em jogadores de futebol (ROMÁN e SAVÓIA, 2003; FERREIRA, 2008), como também investigações que indicam um alto senso de competência e comprometimento em seguir as instruções dos treinadores, dentro do contexto esportivo (MATEUS, 2009; COSTA, 2006) são congruentes com os achados da presente pesquisa.

Contrariamente aos resultados apresentados na Tabela 6 (p.82), algumas pesquisas que têm investigado outros elementos intervenientes à capacidade de tomada de decisão vêm indicando que fatores como a ansiedade, atenção, estratégias de aprendizagens implícitas, estratégias de procura visual, a prática deliberada de atividades, os fatores fisiológicos, bem como as intervenções de treinamento no intuito de otimizar a tomada de decisão, são elementos que interferem, de fato, no processo de decisão dos atletas (MASCARENHAS et al., 2005; MEMMERT e FURLEY, 2007; VAEYENS et al., 2007; BERRY, ABERNETHY e CÔTÉ, 2008; FONTANA et al., 2009; WILSON, WOOD e VINE, 2009). Em complemento Greco (2009) aponta que estes diversos elementos devem ser considerados dentro de propostas de Ensino-Aprendizagem-Treinamento, além da própria ação tática.

Referindo-se à ampla diversidade de elementos e características que podem intervir no sucesso das tarefas motoras, ou ainda no sucesso esportivo, destaca-se primeiramente que os atletas que adquirem uma boa capacidade cognitiva contextual, enfatizando a utilização de estratégias de relacionamento interpessoal; em segundo lugar, que possuem boa capacidade cognitiva experiencial, enfatizando a facilidade em aprender tarefas, bem como faz a mesma repetidamente; e por ultimo, que possuem boa capacidade cognitiva componencial, enfatizando estratégias implícitas para tomada de decisões, além de buscar estratégias para melhorar seu desempenho e sua aquisição de conhecimentos, e, apresentam como capacidade emocional predominante o comprometimento com a aprendizagem, apresentam de forma geral, uma capacidade tática media para a tomada de melhores decisões e uma capacidade baixa para tomada de piores decisões.

Considerando a importância do desenvolvimento das capacidades cognitivas contextuais, experienciais e componenciais, no intuito de desempenhar o comportamento inteligente, Sternberg (1985) aponta a necessidade do desenvolvimento da inteligência contextual mediante o processo de adaptação do indivíduo ao grupo (no caso o atleta à equipe), seu comportamento e a interação com outros indivíduos. Do

mesmo modo, o autor reforça a importância do desenvolvimento da inteligência experiencial, tendo em vista as relações do atleta com as tarefas novas e a capacidade de automatização da mesma. Por fim, Sternberg (1985) enfatiza o desenvolvimento do comportamento inteligente mediante aos elementos componenciais, sendo representado pelas estratégias de processamento da informação utilizada pelos atletas.

Continuamente às capacidades cognitivas, ressalta-se a importância do desenvolvimento das capacidades emocionais (estilo de tomada de decisão) no intuito de otimizar o desempenho da capacidade de tomada de decisão. Assim como nos achados da presente investigação, observa-se os estudos desenvolvidos com jogadores de futebol, basquetebol e de voleibol em que o estilo de tomada de decisão predominantemente adotado pelos jogadores mais experientes foi o compromisso com a aprendizagem, ressaltando os resultados da presente pesquisa (LOPES, 2008; COLL, PÉREZ e SANZ, 2009; SANCHES et al., 2009).

Perante estes resultados, destaca-se o papel do técnico esportivo das equipes, o qual torna-se um elemento fundamental, de acordo com os dados (Quadro 5, p.84). É o treinador quem toma as decisões, ficando os atletas com a função de atender suas orientações (compromisso com a aprendizagem) em detrimento à competência decisional do atleta, implicando assim em um baixo nível de ansiedade e medo dos atletas, os quais por sua vez passam as responsabilidades dos resultados para a comissão técnica.

7 CONCLUSÕES

O objetivo deste estudo foi investigar o impacto das habilidades cognitivas e emocionais sobre a tomada de decisão de jogadores de futsal do estado do Paraná. Para tanto foram investigadas as capacidade de adaptação dos atletas ao contexto esportivo, a capacidade do atleta se relacionar com a novidade e a automatização das tarefas motoras e as estratégias utilizadas para o processamento de informação. Como parte integrante dos objetivos também, foi identificada a capacidade de tomada de decisão tática dos atletas de futsal em relação à Chave de disputa, a idade e o nível técnico e a caracterização do estilo de tomada de decisão adotado pelos atletas. Por fim foi associada a capacidade de tomada de decisão tática dos atletas com o estilo de decisão adotado pelos mesmos.

Com relação à capacidade de adaptação ao contexto, foi possível observar que a estratégia predominante adotada pelos atletas de futsal, independentemente da Chave de disputa e da condição contextual que o atleta se encontra (adaptação, seleção ou modelagem), foi a busca do relacionamento interpessoal. Esta estratégia foi destacada como fundamental, indicando que em modalidades coletivas, como é o caso do futsal, a busca pela interação social é uma estratégia inteligente para integração das equipes e adaptação dos atletas. Os atletas apontaram que em situações de conflito, os motivos que conduzem o atleta a sair da equipe (seleção de um novo ambiente) na maior parte das vezes foi a dificuldade de relacionamento com a equipe (falha no processo de adaptação), seguido pela falta de adaptação ao clima ou a língua. Quando o atleta não pode selecionar outra equipe, tenta resolver os conflitos internos mediante diálogo com a equipe ou ainda permanece neutro diante da situação (modelagem do comportamento), mais uma vez reforçando o aspecto interpessoal.

Com relação à capacidade do atleta se relacionar com a novidade de tarefas, os atletas indicaram possuir grande interesse por aprender novas habilidades, bem como possuem facilidade de compreensão das tarefas motoras. Já para a automatização das

tarefas, pôde-se constatar que, os atletas realizam as tarefas repetidamente buscando a automatização, além de estudar as tarefas fora dos horários de treinamento, sendo estes considerados comportamentos inteligentes.

Quanto aos elementos componenciais inerentes à tomada de decisão, foi observado que os atletas que possuem um comportamento inteligente, são aqueles que apresentaram dificuldades em explicar como ocorrem os mecanismos de tomada de decisão em situações de jogo, tal dificuldade em explicar o comportamento respalda-se na capacidade automatizada de processar as informações por parte dos atletas.

Dentro da dimensão dos componentes de desempenho, nota-se que estratégias de recordação de jogadas realizadas no passado e a busca pela correção em jogadas mal sucedidas apresentam-se como estratégias para melhorar a performance. Quanto aos componentes de aquisição de conhecimentos, os comportamentos inteligentes apontados pelos atletas foram assistir jogos, vídeos e buscar um relacionamento com atletas mais experientes.

Em relação ao estilo de tomada de decisão apresentado pelos atletas de futsal em todas as Chaves de disputa, notou-se que o compromisso com a aprendizagem é o aspecto emocional mais utilizado pelos jogadores em detrimento à competência decisional e a ansiedade. Desta forma, evidencia-se que a responsabilidade de decisões centra-se na comissão técnica e não nos jogadores.

Para tanto, destaca-se dentro da relação de comprometimento por parte do atleta em seguir as diretrizes do treinador, que é utilizada como uma ferramenta importante na interação do líder da equipe, com os atletas no âmbito do estabelecimento de objetivos, metas, estratégias e esquemas. Dessa forma a liderança do técnico, implica no comportamento dos atletas, bem como em suas competências, criando um baixo nível de ansiedade. Para estes atletas, os resultados são conseqüências das atitudes e orientações oriundas do treinador, assumindo uma postura de compromisso com a aprendizagem.

Quanto à capacidade de tomada de decisão tática dos atletas de futsal, notou-se que houve diferença entre as idades e nível técnico. Quando realizada a associação entre a idade com a capacidade decisória, pôde ser observado que, em relação à idade, os atletas mais experientes (28-40 anos) possuem uma melhor capacidade de tomada de decisão em comparação ao grupo dos atletas mais jovens (18-22 anos). Quando observada, a associação da capacidade de tomada de decisão em relação ao nível técnico, foi possível observar que os atletas que já haviam sido convocados para seleção brasileira de futsal têm prevalência de tomar melhores decisões em relação aos atletas que ainda não foram convocados. Destacando assim a importância da tomada de decisão para ascensão na carreira esportiva.

Diante dos achados do estudo, destaca-se na presente investigação que a hipótese conceitual foi confirmada quanto à proposição de que os atletas mais experientes (idade) apresentaram capacidade tática de tomada de decisão superior em comparação aos atletas menos experientes e os atletas mais qualificados (seleção brasileira) apresentaram superior capacidade de decisão tática em comparação aos atletas que ainda não haviam sido convocados para a seleção brasileira. Entretanto, quanto as capacidades cognitivas e emocionais (à competência decisional percebida, a ansiedade e medo e ao compromisso com a aprendizagem) a hipótese não foi confirmada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G.; Valentini, N.C.; Berleze, A. Percepções de competência: Um estudo com crianças e adolescentes do Ensino Fundamental. **Movimento**, Porto Alegre, v.15, p.71-97, 2009.

ANDERSON, J.R. Acquisition of cognitive skill. **Psychological review**, v.89, p.369-406, 1982.

ARAÚJO, D.; DAVIDS, K.; SERPA, S. An ecological approach to expertise effects in decision-making in a simulated sailing regatta. **Psychology of Sport and Exercise**, Elsevier, v.6, p.671-692, 2005.

BAKER, J.; CÔTÉ, J. Sport-Specific Practice and the Development of Expert Decision-Making in Team Ball Sports. **Journal of Applied Sport Psychology**, Taylor e Francis Group, v.15, p.12-25, 2003.

BAKER, J.; YARDLEY, J.; CÔTÉ, J. Coach Behaviors and Athlete Satisfaction in Team and Individual Sports. **International Journal of Sport Psychology**, Roma, v.34, p.226-239, 2003.

BARDIN, L. **Análise do conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2008.

BERRY, J.; ABERNETHY, B.; CÔTÉ, J. The Contribution of Structured Activity and Deliberate Play to the Development of Expert Perceptual and Decision-Making Skill. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, Human Kinetics, v.30, p.685-708, 2008.

BUTT, J.; WEINBERG, R.; HORN, T. The Intensity and Directional Interpretation of Anxiety: Fluctuations Throughout Competition and Relationship to Performance. **The Sport Psychologist**, Champaign, v.17, p.35-54, 2003.

CASE, R. Leader Member Exchange Theory and Sport: possible applications. **Journal of Sport Behavior**, United States Sports Academy, v.4, p.387-391, 1998.

CHELLADURAI, P. Leadership in sports: a review. **International Journal of Sport Psychology**, Roma, v.21, p.328-354, 1990.

CHELLADURAI, P.; SALEH, S. Preferred leadership in sports. **Canadian Journal of Applied Sport Science**, Vanier, v.3, p.85-92, 1978.

COLL, V.G.; PÉREZ, L.M.R.; SANZ, J.L.G. Perfíles decisíonales de jugadores y jugadoras de voleibol de diferente nivel de pericia. **Revista Internacional de Ciencias Del Deporte**, Madri, v.14, p.123-137, 2009.

CORRÊA, D.K.A.; ALCHIERI, J.C.; DUARTE, L.R.S.; STREY, M.N. Excelência na Produtividade: A Performance dos Jogadores de Futebol Profissional. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.15, p.447-460, 2002.

COSTA, I.T. Análise do perfil de liderança de treinadores de futebol do Campeonato Brasileiro Série A/2005. 2006. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

COSTA, I.T.; SAMULSKI, D.M.; COSTA, V.T. Perfil de liderança para treinadores de futebol na visão de treinadores do campeonato brasileiro. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v.21, p.59-68, 2010.

COSTA, I.T.; SAMULSKI, D.M.; MARQUES, M.P. Análise do perfil de liderança dos treinadores de futebol do campeonato mineiro de 2005. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v.14, p.55-62, 2006.

COSTA, J.C.V.C. Inteligência geral e conhecimento específico no futebol. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Porto. Porto, 2001.

COSTA, L.C.A.; NASCIMENTO, J.V. O Ensino da Técnica e da Tática: Novas Abordagens Metodológicas. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v.15, p.49-56, 2004.

COSTA, V.T. Análise do perfil de liderança atual e ideal de treinadores de futsal de alto rendimento através da escala de liderança no esporte (ELD). 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

CÔTÉ, J.; SALMELA, J.; TRUDEL, P.; BARIA, A.; RUSSEL, L. The coaching Model: a grounded Assessment of Expert Coaches' Knowledge. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, Champaign, v.17, p.1-17, 1995.

COZZANI, M.; MACHADO, A.A.; VIEIRA, E.C.; NASCIMENTO, A.L. Ansiedade: Interferências no contexto esportivo. In: MACHADO, A. (org.). **Psicologia do Esporte: Temas Emergentes**. São Paulo: Ápice, 1997.

CUNHA, G.B. Análise da Auto-Percepção dos treinadores de futebol no domínio dos conhecimentos e competências profissionais e no reconhecimento das necessidades de formação. 2008. Dissertação (mestrado) – Universidade do Porto, Porto, 2008.

DAVIDOFF L.L. **Introdução à Psicologia**. Tradução de Auriphebo Berrance Simões e Maria da Graça Lustosa. São Paulo: McGraw – Hill, 1983.

DAVRANCHE, K.; PALERESOMPOULLE, D.; PERNAUD, R.; LABARELLE, J.; HASBROUCQ, T. Decision Making in Elite White-Water Athletes Paddling on a Kayak Ergometer. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, Champaign, v.31, p.554-565, 2009.

DIXON, R.A. Contextual approaches to adult intellectual development. In: STERNBERG, R.J.; BERG, C.A. (org.). *Intellectual Development*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

EYSENCK, M.W. **Anxiety: The cognitive perspective**. Hove: Erlbaum, 1992.

FERNANDES, H.M.; BOMBAS, C.; LÁZARO, J.P.; VASCONSCELOS-RAPOSO, J. Perfil psicológico e sua importância no rendimento em vela. **Motricidade**, Vila Real, v.3, p.24-32, 2007.

FERREIRA, M.A.C. A influência da Auto-Eficácia e da Ansiedade em Jogadores de Futebol. 2008. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

FERREIRA, S.; FERNANDES, H.M.; VASCONSCELOS-RAPOSO, J. A relação entre percepção de competência física, índice de massa corporal e competência efectiva em jovens praticantes de Basquetebol. **Motricidade**, Vila Real, v.3, p.57-72, 2003.

FIGUEIREDO, E.C.G. Percepção de competência pessoal de tenistas. 2010. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.

FONTANA, F.E.; MAZZARDO, O.; MOKGOTHU, C.; FURTADO JR, O.; GALLAGHER, J.D. Influence of Exercise Intensity on the Decision-Making Performance of Experienced and Inexperienced Soccer Players. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, Champaign, v.31, p.135-151, 2009.

GARCÍA, V.; RUIZ, L.M.; GRAUPERA, J.L. Perfiles decisionales de jugadores y jugadoras de voleibol de diferente nivel de pericia. **Revista Internacional de Ciencias del Deporte**, Madri, v.5, p.123-137, 2009.

GARDNER, M.K.; STERNBERG, R.J. Novelty and intelligence. In: STERNBERG, R.J.; WAGNER, R.K. (org.). *Mind in Context: Interactionist perspective on human intelligence*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

GASPAR, P.; FERREIRA, J.P.; PÉREZ, L.M.R. Tomadas de Decisão no Desporto: O seu Ensino em Jovens Atletas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v.4, p.95-111, 2005.

GIBSON, J.J. The problem of temporal order in stimulation and perception. In E. Reed & R. Jones (org.). *Reasons for realism: Selected essays of James J. Gibson*. Hillsdale: Erlbaum, 1982.

GOMES, A.R.; PEREIRA, A.P.; PINHEIRO, A.R. Liderança, coesão e satisfação em equipes desportivas: Um estudo com atletas portugueses de futebol e futsal. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v.21, p.482-491, 2008.

GOLDSTEIN, D.G.; GIGERENZER, G. Models of ecological rationality: The recognition heuristic. **Psychological Review**, v.109, p.75-90.

GRECO, P.J. Conhecimento técnico-tático: O modelo pendular do comportamento e da ação tática nos esportes coletivos. **Revista brasileira de psicologia do esporte e do exercício físico**, São Paulo, v.0, p.107-129, 2006.

GRECO, P.J. Tomada de decisão no esporte. In: SAMULSKI, D. **Psicologia do Esporte: Conceitos e Novas Perspectivas**. Barueri, SP: Manole, 2009. p.107-142.

GRÉHAIGNE, J.F.; GODBOUNT, P.; BOUTHIER, D. The Teaching and Learning of Decision Making in Team Sport. **Quest**, Greensboro, v.53, p.59-76, 2001.

HANIN, Y.L. Emotions and Athletic Performance: Individual Zones of Optimal Functioning. **European Yearbook of Sport Psychology**, Sankt Augustin, v.1, p.29-72, 1997.

Harter S. Effectance Motivation reconsidered: Toward a Developmental Model. **Human Development**, Berkeley, v.21, p.34-64, 1978.

HARTER, S. The relationship between perceived competence, affect, and motivational orientation within the classroom: Processes and patterns of change. In: BOGGIANO, A.K.; PITTMAN, T.S. (org.). **Achievement and Motivation: A social-Developmental Perspective**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

HARTER, S.; CONNELL, J.P. A model of children's achievement and related self-perceptions of competence, control and motivation orientation. **Advances in Motivation and Achievement**, Amazon, v.3, p.219-250, 1984.

HORN, T.; CARRON, A. Compatibility in coach-athlete relationships. **Journal of Sport Psychology**, Roma, v.7, p.137-149, 1985.

HOSHINO, E.F.; SONOO, C.N.; VIEIRA, L.F. Perfil de Liderança: Uma análise no contexto esportivo de treinamento e competição. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v.18, p.77-83, 2007.

HUMARA, M. The Relationship Between Anxiety and Performance: A Cognitive-Behavioral Perspective. **Athletic Insight: The Online Journal of Sport Psychology**, Roma, v.1, p.1-14, 1999.

JOHNSON, J.G. Cognitive modeling of decision making in sports. **Psychology of Sport and Exercise**, Elsevier, v.7, p.631-652, 2006.

JOHNSON, J.G.; RAAB, M. Take The First: Option-generation and resulting choices. **Organizational Behavior and Human Decision Processes**, Elsevier, v.91, p.215-229, 2003.

KREBS, R.J.; VIEIRA, L.F.; VIEIRA, J.L.L.; BELTRAME, T.S. **Desenvolvimento Humano: Uma área emergente da ciência do movimento humano**. Santa Cruz do Sul: UFSM, 1996.

LEITÃO J. A relação treinador-atleta: percepção dos comportamentos de liderança e de coesão em equipas de futebol. 1999. Tese (doutorado) – Universidade Coimbra, Porto, 1999.

LIUKKONEM, J.; LAAKSO, L.; TELAMA, R. Educational perspective of youth Sport coaches: analysis of observed coaching behaviors. **International Journal of Sport Psychology**, Roma, v.27, p.439-453, 1996.

LOPES, L.S. Avaliação do comportamento tático no futebol de campo: um estudo do perfil de tomada de decisão do atleta e sua relação com a percepção sobre o estilo de liderança do treinador. 2008. Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

LOPES, M.; SAMULSKI, D.M.; NOCE, F. Análise do perfil ideal do treinador de voleibol das seleções brasileiras juvenis. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v.12, p.51-55, 2004.

MANGAS C. Conhecimento Declarativo no Futebol. 1999. Dissertação (mestrado) – Universidade do Porto, Porto (PT), 1999.

MANN, D.T.Y.; WILLIAMS, A.M.; WARD, P.; JANELLE, C.M. Perceptual-cognitive expertise in sport: a meta analysis. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, Champaign, v.29, p.457-478, 2007.

MARTENS, R.; VEALEY, R.S.; BURTON, D. **Competitive Anxiety in Sport**. Champaign: Human Kinetics, 1990.

MASCARENHAS, D.R.D.; COLLINS, D.; MORTIMER, P.W.; MORRIS, B. Training Accurate and Coherent Decision Making in Rugby Union Referees. **The Sport Psychologist**, Amsterdam, v.19, p.131-147, 2005.

MATEUS A,L,T. Percepção de competência física no futebol feminino e masculino: Um estudo com jovens jogadores e seus pais. Monografia – Universidade do Porto. Porto, 2009.

MCPHERSON, S.L.; FRENCH, K.E. Changes in Cognitive Strategies and Motor Skill in Tennis. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, Champaign, v.13, p.26-41, 1991.

MCPHERSON, S.L.; MACMAHON, C. How Baseball Players Prepare to Bat: Tactical Knowledge as a Mediator of Expert Performance in Baseball. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, Champaign, v.30, p.755-778, 2008.

MEMMERT, D.; FURLEY, P. "I Spy With My Little Eye!": Breadth of Attention, Inattentional Blindness, and Tactical Decision Making in Team Sport. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, Champaign, v.29, p.365-381, 2007.

MEMMERT, D.; SIMONS, D.J.; GRIMME, T. The relationship between visual attention and expertise in sports. **Psychology of Sport and Exercise**, Elsevier, v.10, p.146–151, 2009.

MIRAGAIA, C.M.P. Conhecimento declarativo e tomada de decisão em futebol. 2001. Dissertação (mestrado) – Universidade do Porto, Porto, 2001.

MORAES, L.C. Ansiedade e desempenho no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v.4, p.51-56, 1990.

MULLEN, R.; HARDY, L.; TATTERSALL, A. The Effects of Anxiety on Motor Performance: A Test of the Conscious Processing Hypothesis. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, Champaign, v.27, p.212-225, 2005.

NETO, A.M.; LEITE, M.M. Capacidade do Jogo e Consciência Tática: Como Desenvolver?. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v.11, 2007. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>> [2010 jan 03].

NEWELL, K.M. Coordination, Control and Skill. In: Newell K.M., Corcos D.M. (org.) **Variability and Motor Control**. Champaign: Human Kinetics, 1993.

NEWELL, A.; SIMON, H.A. **Human problem solving**. Prentice-Hall, Pittsburgh, 1972.

NIDEFFER, R.M. Test of attentional and interpersonal style. **Journal of Personality and Social Psychology**, Minneapolis, v.34, p.394-404, 1976.

NOCE, F. A importância dos processos psicossociais: Um enfoque na liderança. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, São Paulo, v.0, p.55-67, 2006.

PÂQUES, P.R.; FRUCHART, E.; DRU, V.; MULLET, E. Decision-making in soccer game: a developmental perspective. **Revue européenne de psychologie appliquée**, Elsevier, v.55, p.131-136, 2005.

PIFFERO, C.M. Habilidades motoras fundamentais e especializadas, aplicação de habilidades no jogo e percepção de competência de crianças em situação de risco: A influência de um programa de iniciação ao Tênis. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

PINTO, R.D.R.V. Conhecimento declarativo no futsal. Monografia – Universidade do Porto, Porto, 2005.

POOLTON, J.M.; MASTERS, R.S.W.; MAXWELL, J.P. The influence of analogy learning on decision-making in table tennis: Evidence from behavioural data. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v.7, p.677-688, 2006.

RAAB, M. Decision making in sports: Influence of complexity on implicit and explicit learning. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, Champaign, v.1, p.310-337, 2003.

RAAB, M.; JOHNSON, J.G. Individual Differences of Action Orientation for Risk-Taking in Sports. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, Reston, v.75, p.326-336, 2004.

ROMÁN, S.; SAVOIA, M.G. Pensamentos automáticos e ansiedade num grupo de jogadores de futebol de campo. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v.5, p.13-22, 2003.

RUIZ, L.M.; ARRUZA, J.A. **El proceso de toma de decisiones em el deporte**. Barcelona: Paidós, 2005.

RUIZ, L.M.; GRAUPERA, J.L. Dimensión subjetiva de la toma de decisiones en el deporte: desarrollo y validación del cuestionario *CETD* de estilo de decisión en el deporte. **European Journal of Human Movement**, Granada, v.14, p.95-107, 2005.

RULENCE-PÂQUES, P.; FRUCHART, E.; DRU, V.; MULLET, E. Decision Making in a soccer game: a developmental perspective. **European Review of applied psychology**, v.55, p.131-136, 2005.

SÁNCHEZ, A.C.J.; CALVO, A.L.; BUÑUEL, P.S.L.; GODOY, S.J.I. Decision-making of Spanish female basketball team players while they are competing. **Revista de Psicología del Deporte**, Barcelona, v.18, p.369-373, 2009.

SCHACK, T.; TENENBAUM, G. Perceptual and cognitive control in action – A preface. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, Roma, v.2, p.207-209, 2004.

SCHMIDT, R.A.; WRISBERG, C.A. **Aprendizagem e Performance Motora – Uma abordagem da aprendizagem baseada no problema**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

SERPA S. O treinador como líder: panorama actual de investigação. **Ludens**, Lisboa, v.12, p.23-32, 1990.

SILVA, T.A.F.; JUNIOR, D.R. Iniciação nas Modalidades Esportivas Coletivas: A Importância da Dimensão Tática. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.4, p.71-93, 2005.

SISTO, F.F.; GRECO, P.J. Comportamento tático nos jogos esportivos coletivos. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.9, p.63-68, 1995.

SMITH, R.E.; SMOLL, R.E.; CUMMING, S.P. Effects of a motivational climate intervention for coaches on young athletes sport performance anxiety. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, Champaign, v.29, p.39-59, 2007.

SONOO, C.N.; HOSHINO, E.F.; VIEIRA, L.F. Liderança esportiva: estudo da percepção de atletas e técnicos no contexto esportivo. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v.10, p.68-82, 2008.

SOUZA, S.R.; SERPA, S.; COLAÇO, C.; CANATO, T. A percepção de atletas de diferentes categorias do futebol sobre o comportamento dos treinadores: comportamento percebido e ideal. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v.23, p.155-170, 2009.

SPIELBERGER, C.D. Theory and research on anxiety. In: SPIELBERGER, C.D. (Ed.) **Anxiety and Behavior**. New York: Academic Press, 1966.

STERNBERG, R.J. Culture and Intelligence. **American Psychologist**, Washington, v.59, p.325-338, 2004.

STERNBERG, R.J. Intelligence as developing expertise. **Contemporary Educational Psychology**, Elsevier, v.24, p. 359-375, 1999.

STERNBERG, R.J. **Mas Alla Del Cociente Intelectual: Una teoría triárquica de la inteligencia humana**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

STERNBERG, R.J. **Psicologia Cognitiva**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

STERNBERG, R.J.; BERG, C.A. **Intellectual Development**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

STERNBERG, R.J.; CASTEJÓN, J.L.; PRIETO, M.D.; HAUTAMAKI J.; GRIGORENKO, E.L. Confirmatory Factor Analysis of the Sternberg Triarchic Abilities Test in Three International Samples An Empirical Test of the Triarchic Theory of Intelligence. **European Journal of Psychological Assessment**, Hogrefe, v.17, p.1-16, 2001.

STERNBERG, R.J.; GRIGORENKO, E. **Intelligence, Heredity, and Environment**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

STERNBERG, R.J.; GRIGORENKO, E.L; FERRARI, M; CLINKENBEARD, P. A triarchic analysis of an aptitude-treatment interaction. **European Journal of Psychological Assessment**, Hogrefe, v.15, p.3-13, 1999.

STERNBERG, R.J.; GRIGORENKO, E.L; KIDD, K.K. Intelligence, races and genetics. **American Psychologist**, Washington, v.60, p.46-59, 2005.

STERNBERG, R.J.; PIETRO, M.D.; CASTEJÓN, J,L. Análisis factorial confirmatorio del Sternberg Triarchic Abilities Test (nivel-H) en una muestra española: resultados preliminares. **Psicothema**, Coden, v.12, p.642-647, 2000.

STERNBERG, R.J.; TORFF, B.; GRIGORENKO, E.L. Teaching Triarchically improves school achievement. **Journal of Educational Psychology**, Washington, v.90, p.374-384, 1998.

STERNBERG, R.J.; WAGNER, R.K. **Mind in context – Interactionist perspectives on human intelligence**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

STRIOTO, L.D.R.; VIEIRA, L.F.; VIEIRA, J.L.L. Análise da percepção de competência física de crianças com deficiência mental. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.15, p.441-452, 2009.

SWANSON, H.L. Information Processing Theory and Learning Disabilities: A Commentary and Future Perspective. **Journal of Learning Disabilities**, v.20, p.155-166, 1987.

TAVARES, F. O processamento de informação nos jogos desportivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (org.). **O ensino dos jogos desportivos**. Porto: FCDEF-UP, 1995.

TAVARES, F.; GRECO, P.; GARGANTA, J. Perceber, conhecer, decidir e agir nos jogos desportivos coletivos. In: Tani, G.; Bento, J. O.; Petersen, R. D. S. (Eds.), **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2006.

THOMAS, J.; NELSON, J. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

VAEYENS, R.; LENIOR, M.; WILLIAMS, A.M.; MAZYN, L.; PHILIPPAERTS, R.M. The Effects of Task Constraints on Visual Search Behavior and Decision-Making Skill in Youth Soccer Players. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, Champaign, v.29, p.147-169, 2007.

VALENTINI N.C. A influencia de uma intervenção motora no desempenho motor e na percepção de competência de crianças com atrasos motores. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.16, p.61-75, 2002a.

_____. Percepções de competência e desenvolvimento motor de meninos e meninas: Um estudo transversal. **Movimento**, Porto Alegre, v.8, p.51-62, 2002b.

VIEIRA, J.H.G. Capacidade de decisão tática em futebol. Dissertação (mestrado) – Universidade do Porto, Porto, 2003.

VIEIRA, J.L.L.; VIEIRA, L.F.; KREBS, R.J.; ISAIA, S.M.A. Estudo da tríade da inteligência do contexto esportivo. **Revista Kinesis**, Santa Maria, v.16, p.131-149, 1997.

VIEIRA, L.F. A relação entre a percepção de competência de atletas adolescentes e seus motivos para a prática esportiva. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v.4, p.40-44, 1993.

VIOLAS, C.G. Competências Psicológicas no Futebol de Alta Competição: Um Estudo Comparativo Entre Equipas de Sucesso e de Insucesso. Dissertação (mestrado) – Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2009.

WEINBERG, R.S.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

WERTSCH, J.V.; KANNER, B.G. A sociocultural approach to intellectual development. In: Sternberg, R.J.; Berg, C.A. (Eds.), **Intellectual Development**. New York: Cambridge University Press. 1992.

WILLIAMS, A.M.; DAVIDS, K. Visual Search Strategy, Selective Attention, and Expertise in Soccer. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, Reston, v.69, p.111-128, 1998.

WILLIAMS, A.M.; ELLIOTT, D. Anxiety, Expertise, and Visual Search Strategy in Karate. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, Champaign, v.21, p.362-375, 1999.

WILSON, M.R.; WOOD, G.; VINE, S.J. Anxiety, Attentional Control, And Performance Impairment in Penalty Kicks. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, Champaign, v.31, p.761-775, 2009.

ANEXOS



**ANEXO A:
PROTOCOLO DE AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DECLARATIVO NO FUTEBOL
(MANGAS, 1999)**

Instruções para o teste:

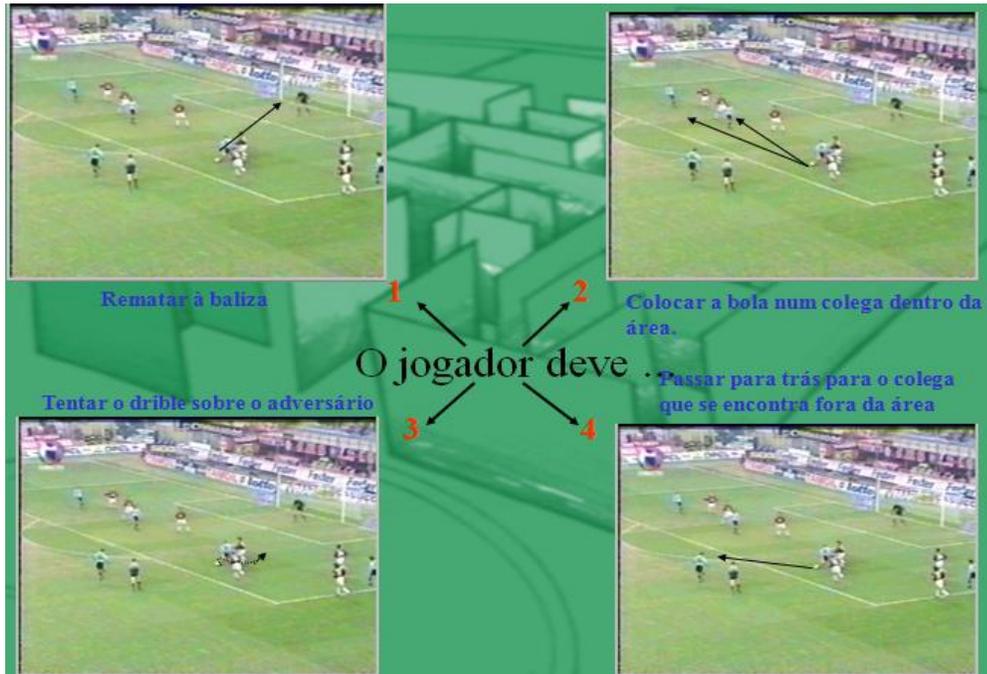
- a) O atleta observará um conjunto de 13 imagens de situações ofensivas em jogos de futebol;
- b) As duas primeiras jogadas terão o objetivo de adaptar o atleta ao teste;
- c) No final de cada jogada, o atleta dirá qual a melhor opção, de acordo com o entendimento do próprio atleta, a tomar pelo portador da bola;
- d) O atleta terá que escolher entre as 4 opções possíveis que são apresentadas, qual delas é a melhor solução para concluir a jogada, de acordo com a própria opinião pessoal;
- e) Após a decisão o atleta deve marcar na folha de resposta o número correspondente com a imagem que escolheu como sendo a melhor decisão a ser tomada.

Exemplo:

1) Início da jogada:



2) Opções para tomada de decisão:



ANEXO B
QUESTIONÁRIO DE ESTÍLO DE TOMADA DE DECISÃO NO ESPORTE (CETD)
(RUIZ e GRAUPERA, 2005)

Orientações Gerais

Caro atleta,

- ✓ A seguir apresentamos uma série de frases que estão relacionadas com a **sua forma de pensar, sentir e atuar no seu esporte.**
- ✓ **Não se trata de nenhuma prova**, deste modo, não há frases melhores ou piores, certas ou erradas.
- ✓ Solicitamos que você se expresse livremente e de maneira totalmente pessoal. Normalmente cada atleta é diferente dos demais e, desta forma, pode pensar e agir diferente.
- ✓ Leia atentamente cada uma das frases abaixo e indique com sinceridade o seu grau de **concordância** ou **discordância** com elas.
- ✓ O número **1** é o **Maximo de discordância** e o número **4** é o **máximo de concordância** com os itens. Marque um X no número que mais se aproxima da sua opinião.
- ✓ Asseguramos que todas as suas respostas serão tratadas de maneira confidencial e consideradas em absoluto anonimato.

Obrigado pela cooperação

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
1. Sei que sou capaz de decidir no jogo, melhor que o restante dos meus companheiros de equipe	1	2	3	4
2. Antes de ir para o jogo, fico nervoso ao recordar os erros dos jogos anteriores	1	2	3	4
3. Levo muito a sério os conselhos táticos do meu treinador	1	2	3	4
4. Creio que sou melhor que a maioria dos meus companheiros	1	2	3	4

para tomar decisões durante o jogo				
5. A lembrança dos erros cometidos em outros jogos me faz hesitar no momento de tomar decisões	1	2	3	4
6. Sigo sempre os conselhos do meu treinador	1	2	3	4
7. Penso que possuo melhores qualidades do que meus companheiros para decidir e tomar a iniciativa	1	2	3	4
8. Antes de entrar em quadra, às vezes fico preocupado com a possibilidade de perder a partida	1	2	3	4
9. É necessário decidir segundo o plano tático do treinador	1	2	3	4
10. Gosto de decidir mais que os meus colegas de equipe	1	2	3	4
11. Fico nervoso quando tenho que decidir sobre pressão	1	2	3	4
12. Sigo à risca as táticas que meu treinador propõe antes do jogo	1	2	3	4
13. Quando vou para o jogo tenho a sensação de ser superior, de ser melhor que meus companheiros e que meus oponentes	1	2	3	4
14. Às vezes, antes de começar a partida, fico preocupado em perder	1	2	3	4
15. Concentro-me muito no que faço	1	2	3	4
16. Meus treinadores sempre me consideram um jogador de grande inteligência durante o jogo	1	2	3	4
17. Quando erro ao decidir sinto que gostaria simplesmente de desaparecer da quadra	1	2	3	4
18. Tenho paciência suficiente para treinar e melhorar minha capacidade de decidir no jogo	1	2	3	4
19. Recebo cumprimentos com frequência por ser melhor para decidir no jogo do que os meus companheiros	1	2	3	4
20. Quando enfrento uma equipe superior fico nervoso e não decido como gostaria	1	2	3	4
21. Estou disposto a treinar muito se vejo que minha capacidade de decidir no jogo está melhorando	1	2	3	4
22. Gosto de tomar decisões arriscadas	1	2	3	4

23. Quando é preciso tomar uma decisão importante numa partida, às vezes vacilo com medo de cometer erros	1	2	3	4
24. Nos treinos me preocupo em aprender a decidir em situações de jogo	1	2	3	4
25. Gosto de tomar várias decisões seguidas	1	2	3	4
26. Fico nervoso quando tenho que tomar a iniciativa durante a partida	1	2	3	4
27. Preparo-me em relação às decisões que meu adversário pode tomar	1	2	3	4
28. Sempre fui bom em tomar decisões arriscadas no jogo, sem precisar me esforçar muito para isso	1	2	3	4
29. Em situações de grande responsabilidade, prefiro que outro companheiro decida	1	2	3	4
30. Se vejo claramente a solução de uma jogada, executo-a	1	2	3	4

APÊNDICES



**APENDICE A:
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO ATLETA**

Nome: _____

Local de nascimento: _____

Data do nascimento: _____

Idade: _____

Estado civil: _____

Escolaridade: _____

Profissão: _____

Local de trabalho: _____ Profissão já exercidas: _____

Descendência: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

E-mail: _____

Cidade: _____

Modalidade: _____

Idade/Período de início na modalidade: _____

Tempo de prática: _____

Quantos treinos semanais: _____

Quantidade de horas de treinamento diário: _____

Já foi convocado para a seleção paranaense (ou de outro estado): Sim () Não ()

Quando? _____

Já foi convocado para a seleção brasileira: Sim () Não ()

Quando? _____

Equipes que já

jogou: _____

APÊNDICE B
MATRIZ ANALITICA DA ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA

Categorias	Indicadores	Elementos	Informações	Questões
Contextual	Adaptação	Ajuste ao meio ambiente	O relacionamento do atleta com a equipe, a facilidade estabelecer relações interpessoais	Como? Quando?
	Seleção	Busca por um novo ambiente	Busca por uma nova equipe esportiva	
	Modelagem	Reconfiguração com o meio (ajuste entre si e o ambiente)	Tentativa de se modelar à equipe em situações adversas	
Experencial	Novidade da tarefa	Compreensão de uma tarefa nova e atuação sobre a própria compreensão	A exigência do técnico no treinamento novos sistemas táticos e esquemas de jogo; e a compreensão das habilidades novas	Quais? Como? Com que?
	Automatização	Relação com a novidade da tarefa e automatização	A capacidade de enfrentar a novidade e a capacidade de automatizar a habilidade e executar la com precisão A rapidez com que se aprende uma nova habilidade	
Componencial	Metacomponentes	<ol style="list-style-type: none"> 1. Decisão precisa do problema a ser resolvido; 2. Seleção dos componentes de ordem inferior; 3. Seleção de uma ou mais representações para a informação; 4. Estratégia para combinação de componentes de ordem inferior; 5. Decisão sobre até que ponto usar os recursos de atenção; 6. Controle da solução; 7. Sensibilidade e retroalimentação externa 	Organização rápida do pensamento para tomada de decisão imediata	Como é? Quais? Qual? Que? Em que?
			Recursos utilizados para tomada de decisão	
			Preferência pela utilização de um ou mais recursos simultaneamente	
			Estratégia utilizada para combinar habilidades para a resolução do problema	
			Elementos em que a atenção é fixada para tomada de decisão	
			Percepção de como a situação está sendo controlada	
	Alternativas, disponíveis quando percebe se que uma situação não esta correndo perfeitamente			
Componentes de desempenho	Codificação, combinação/comparação e resposta	Estratégia que o jogador utiliza para aprender ou desempenhar uma jogada		
Componente de aquisição de conhecimentos	Codificação, combinação e comparação seletiva			

APÊNDICE C

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Contextual

1. Quando você chega em uma equipe, como é o seu processo de adaptação ao grupo? Você tem facilidade em fazer novas amizades com os colegas de equipe, com a comissão técnica e em se sentir bem no grupo? Você gosta de fazer novas amizades?

2. caso você não se adapte a equipe, como você se comporta?

3. Quando você está em uma situação de conflito com a equipe (problemas com colegas de equipe, grupo dividido, problemas de relacionamento com a comissão técnica), qual a sua atitude?

Experiencial

4. Quando uma nova situação tática é colocada, você tem facilidade de compreensão?

5. Como você considera a sua capacidade de aprender uma tarefa durante o treinamento? E a sua capacidade de automatizar uma habilidade de executá-la com precisão?

6. Você tem interesse em aprender habilidades novas?

7. Quanto tempo você demora para automatizar uma jogada?

Componencial

8. Como você organiza o seu pensamento para tomada de uma decisão durante o jogo?

9. Quando você tem que tomar uma decisão rápida durante um jogo, quais recursos você utiliza com mais frequência?

10. O que você faz quando percebe que a situação não está correndo como pretendido?

11. Quando você precisa adquirir novos conhecimentos (jogadas, esquemas táticos), qual estratégia você utiliza para aprender esse novo conhecimento?

12. Quando você tem uma jogada importante para fazer ou para aprender, você costuma se lembrar de outras jogadas parecidas que você já tenha feito para auxiliar na execução dessa nova jogada? Como?

13. Você busca adquirir conhecimentos novos de futsal, além daqueles que já sabe?

() Sim

() Não

De que forma?

APÊNDICE D
Departamento de Educação Física – Programa de Pós-Graduação Associado
UEM/UEL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS SUJEITOS

Estamos conduzindo uma pesquisa na área de Psicologia do Esporte, abordando o tema: Análise do impacto das capacidades cognitivas e emocionais sobre a tomada de decisão de jogadores de futsal do estado do Paraná.

Para a realização do trabalho, será necessária a participação de atletas de futsal de rendimento.

Na pesquisa você responderá a questionários com questões referentes à sua ansiedade e capacidade de tomada de decisão e responderá também a uma entrevista referente à sua capacidade de tomada de decisão.

Informo que durante qualquer momento da coleta dos dados você poderá recusar a participação na pesquisa sem qualquer tipo de prejuízo pessoal ou para a pesquisa, e ainda que estou disponível para qualquer dúvidas.

Esta pesquisa oferece risco mínimo ao participante, por conta da pouca exposição física do indivíduo durante o procedimento de respostas de testes psicométricos e entrevista. Cada atleta será beneficiado com o resultado e escores de cada um de seus testes bem como a análise da entrevista semi-estruturada, sendo estes entregues de forma individual. Os materiais coletados para efetuação da pesquisa (questionário e gravações da entrevista) serão descartados após a transcrição dos mesmos, preservando a identidade dos participantes. Durante o decorrer e após a conclusão do trabalho, será preservada a sua identidade e dos demais participantes. O trabalho terá a orientação da Prof^a. Dra. Lenamar Fiorese Vieira, da Universidade Estadual de Maringá e será desenvolvido pelo mestrando William Fernando Garcia. Este termo será confeccionado em duas vias, uma para o pesquisador e outra para o participante.

Caso V. Sa. concorde com a participação no estudo solicitamos seu consentimento preenchendo as informações abaixo:

Eu, _____, após ter lido e entendido as informações acima e esclarecido todas as minhas dúvidas referentes ao estudo CONCORDO em participar na pesquisa.

_____ Data: ____/____/____

Assinatura

Eu, William Fernando Garcia, declaro que forneci todas as informações referentes ao estudo.

William Fernando Garcia
 Rua Xanadú 151 Apto 01

Telefone: 30283574

Lenamar Fiorese Vieira
 Rua Neo Alves Martins 1886 Apto 151

Telefone: 32232145

Qualquer dúvida ou maiores esclarecimentos procurar um dos membros da equipe do projeto ou o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá – Biblioteca central – Telefone: (44) 3261-4444.

APÊNDICE E – Associação entre a capacidade de tomada de pior decisão e o nível técnico dos atletas

Seleção	Pior Decisão						x ²	p
	Baixo		Médio		Alto			
	<i>f</i>	(%)	<i>f</i>	(%)	<i>f</i>	(%)		
Sel. Paranaense								
Sim	25	55,6	12	26,7	8	17,8	0,001	0,994
Não	34	49,3	27	39,1	8	11,6		
Sel. Brasileira								
Sim	4	33,3	6	50,0	2	16,7	1,143	0,285
Não	55	53,9	33	32,4	14	13,7		

p<0,05*

APÊNDICE F: Parecer do comitê permanente de ética em pesquisas envolvendo seres humanos da universidade estadual de Maringá.



Universidade Estadual de Maringá

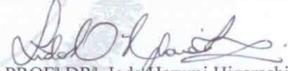
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos

Registrado na CONEP em 10/02/1988

CAAE Nº. 0283.0.093.000-10

PARECER Nº. 490/2010

Pesquisador (a) Responsável: Lenamar Fiorese Vieira	
Centro/Departamento: CCS/ Departamento de Educação Física	
Título do projeto: Análise do impacto das capacidades cognitivas e emocionais sobre a tomada de decisão de jogadores de futsal do estado do Paraná.	
<p>Considerações:</p> <p>Projeto de Dissertação de Mestrado que tem como objetivos: analisar o impacto das capacidades cognitivas sobre a tomada de decisão de jogadores de futsal do Estado do Paraná; investigar a capacidade de adaptação ao contexto, a capacidade do atleta se relacionar com a novidade e a automatização e as estratégias utilizadas para o processamento de informação; identificar a capacidade de tomada de decisão tática dos atletas de futsal; caracterizar a competência decisional percebida-ansiedade e medo ao decidir e o compromisso com a aprendizagem decisional das categorias (chaves ouro,prata,bronze) analisadas e associar a capacidade de tomada de decisão tática dos atletas de futsal, com a competência decisional percebida- ansiedade e o medo ao decidir- e o compromisso com a aprendizagem decisional e , as capacidades utilizadas no contexto do futsal. Para a amostra farão parte 108 atletas, do sexo masculino, tendo como critério da seleção as três equipes da Série Ouro(36 atletas), três da Série Prata(36 atletas) e três da Série Bronze(36 atletas), pertencentes ao Campeonato Paranaense de Futsal da categoria adulto melhores classificadas no ano de 2009. O cronograma será de maio/2010 a fevereiro/2011, sendo analisado pelo COPEP em julho/agosto de 2010. Recomenda-se adequar/atualizar o cronograma, para que o projeto só seja iniciado <u>após</u> a aprovação por este comitê.</p> <p>O orçamento é de R\$ 3.805,00 e será custeado pelos Investigadores. O TCLE está presente e de acordo. Presente no Projeto Autorização da Federação Paranaense de Futsal.</p> <p>Parecer: Após análise do Projeto , somos de parecer FAVORÁVEL à sua aprovação.</p>	
Situação: APROVADO	
CONEP: (X) para registro () para análise e parecer Data: 27/8/2010	
O pesquisador deverá apresentar Relatório Final para este Comitê em: março/2011.	
<p>O protocolo foi apreciado de acordo com a Resolução nº. 196/96 e complementares do CNS/MS, na 201ª reunião do COPEP em 27/8/2010.</p>	 PROFª.DRª. Ieda Harumi Higarashi Presidente do COPEP

Em suas comunicações com esse Comitê cite o número de registro do seu CAAE.
 Bloco 10 sala 01 – Avenida Colombo, 5790 – CEP: 87020-900 – Maringá - PR
 Fone-Fax: (44) 3261-4444 – e-mail: copep@uem.br